

SONHOS DE BUNKER HILL



L&PM POCKET



JOHN FANTE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

John Fante

SONHOS DE BUNKER HILL

Tradução de LÚCIA BRITO

www.lpm.com.br

L&PM POCKET

OS SONHOS DE TODOS NÓS

Se me perguntassem qual foi o livro que mais gostei de ler em 1984 (e nos últimos anos), responderia sem vacilar: *Pergunte ao pó*, de John Fante. Ele trouxe de volta um tipo de emoção experimentado no final dos anos 1960, com a descoberta de J. D. Salinger, do Holden Caulfield de *O apanhador no campo de centeio* aos membros da família Glass, à qual pertencia Seymour, o suicida poeta zen. Em comum entre os dois, uma infinita piedade pela condição humana e a inocência de personagens perdidas num mundo de relações incompreensíveis.

Sonhos de Bunker Hill traz de volta o *alter ego* de Fante: o escritor Arturo Bandini, visto alguns anos depois de *Pergunte ao pó*. O virginal Bandini do livro anterior agora batalha no mundo dos roteiros cinematográficos de Los Angeles – cidade que ele amou e cantou como ninguém –, fascinado por traseiros femininos, em luta contra a falta de grana e, quase sempre, de inspiração para escrever.

Publicado originalmente em 1982, um ano antes da morte de Fante, aos 74 anos, o livro tem uma peculiaridade: não foi escrito, mas ditado a Joyce, mulher do autor. Cego, com as duas pernas amputadas devido a problemas com diabetes, essa foi a única maneira que Fante encontrou de não parar de escrever. Não podia parar. E, escrevendo ou ditando, a emoção era sempre a mesma: tripas e coração, como diz seu admirador Bukowski, misturados no mesmo esforço de fundir humor e dor, ternura e ridículo, grandeza e miséria. Bandini é palhaço, herói, gigolô, artista, vagabundo, romântico: tudo ao mesmo tempo. Daí talvez sua irresistível simpatia, capaz de fazer com que qualquer um de nós se identifique com suas confusões.

Em volta de Bandini, uma galeria de personagens – muitas nitidamente calcadas em modelos reais daquela fauna absurda dos anos de ouro de Hollywood, nas décadas de 1930 e 1940 – tão malucas quanto ele. Podem ser a roteirista Velda van der Zee, autora

(em coautoria com Bandini) do hilariante faroeste Sin City, ou o também roteirista Frank Edgington, vagamente homossexual, com quem Bandini divide uma história ambígua, regada a vinho e maconha (ele agora está menos moralista do que quando conheceu Camila Lopez, a inesquecível princesa maia de sapatos em farrapos, de *Pergunte ao pó*), o lutador Duque de Sardenha, ou a amante Helen Brownell, dona do hotel onde ele mora. Em todos, a palavra de Fante não demarca nenhum limite definido entre a dignidade e o grotesco. Nessa delicada faixa de transição do cômico para o trágico, nessa corda bamba entre o que se gostaria de ser e o que realmente se é, equilibram-se as pungentes criaturas de Fante. Que fazem rir um riso nervoso, de olhos molhados.

Os sonhos sonhados em Bunker Hill, guardadas circunstâncias e proporções, são os mesmos sonhos de todos nós. É o sonho de um trabalho criativo e gratificante, que a realidade acaba por reduzir a duas palavras no roteiro de Sin City: *Ôoo!* e *Eia!* Os sonhos de um grande amor pulverizados pelo cansaço sem *sex appeal* de uma cinquentona, e a modesta contestação: “Éramos bons um para o outro, Helen Brownell e eu”. O sonho de uma volta triunfante ao lugar de origem – quando Bandini retorna a Boulder, no Colorado, e um porre antiestratégico transforma em tombo as vantagens contadas sobre Johnny Weismuller e Esther Williams e Buster Crabbe. Em todos os tombos de Bandini, o desmentido da fantasia de que a vida, afinal, seja menos mesquinha. Viver – a própria vida vai provando aos pouquinhos – não tem nenhum *happy end* em technicolor e cinemascope.

Para Fante-Bandini, a única forma de conquistar essa ilusão de sentido, grandeza ou beleza da vida talvez tenha sido escrever. Por isso, no final, com “dezessete dólares na carteira e o medo de escrever”, ele senta-se em frente à máquina e, orando a Deus e a Knut Hamsum, inicia o processo mágico e salvador de transformar em ficção cheia de poesia uma realidade que nem sempre foi tão poética assim. “Ah vida!” – ele clamava em *Pergunte ao pó*. – “Tua amarga doce tragédia, sua puta deslumbrante que me levaste à destruição”.

John Fante não foi exatamente “um gigante da literatura”, nem escreveu sobre grandes tragédias da alma humana: detinha-se sobre o pequeno, com muito cuidado. Com doses generosas de sentimentos raros: perdão e amor. Ele escreveu pouco: além de *Pergunte ao pó* e *Bunker Hill*, sua obra compõem-se apenas de *Wait Until Spring, Bandini* (1938), os contos de *Dago Red* (1940), *Full of Life* (1952) e *The Brotherhood of Grape* (1977). Passou quase toda a vida retirado dos cintilantes circuitos da badalação, às voltas com problemas de saúde. Era um homem muito simples, todos dizem. Sabia que suas histórias não tinham muitas pretensões mais do que resgatar do pó do esquecimento figuras que, se ele não as tivesse lembrado, permaneceriam para sempre anônimas. Sabia também que tudo parece meio idiota quando se pensa na morte. E que as pessoas, de muitas maneiras estranhas, tortuosas, piradas, no final das contas só querem amar e ser felizes. Doloroso é que isso, que parece tão pouco, seja geralmente tão inatingível. Fante-Bandini sabia muito bem de todas essas coisas.

Caio Fernando Abreu, 1985

SONHOS DE BUNKER HILL

Também para Joyce

CAPÍTULO UM

Minha primeira trombada com a fama foi bem pouco memorável. Eu era ajudante de garçom na Marx's Deli. O ano era 1934. O lugar ficava na Third Street com a Hill, Los Angeles. Eu tinha 21 anos de idade, vivendo em um mundo delimitado a oeste por Bunker Hill, a leste por Los Angeles Street, ao sul por Pershing Square e ao norte pelo Civic Center. Eu era um ajudante de garçom sem igual, com grande verve e estilo para a profissão, e, embora fosse pavorosamente mal pago (um dólar por dia, mais refeições), eu atraía uma atenção considerável enquanto rodopiava de mesa em mesa, equilibrando uma bandeja em uma mão e arrancando sorrisos de meus clientes. Eu tinha algo mais a oferecer a meus fregueses além da habilidade de garçom, porque eu também era escritor. Um dia este fenômeno tornou-se conhecido, depois que um fotógrafo bêbado do *Los Angeles Times* sentou no bar e bateu várias fotos minhas servindo uma cliente enquanto ela olhava para mim com admiração. No dia seguinte havia uma reportagem de destaque anexada à fotografia do *Times*. Contava da luta e sucesso do jovem Arturo Bandini, garoto ambicioso e batalhador do Colorado, que havia penetrado no intrincado mundo das revistas com a venda de sua primeira história para *The American Phoenix*, editada, é claro, pelo mais renomado personagem da literatura americana, ninguém menos que Heinrich Muller. Velho e bom Muller! Como eu amava aquele homem! De fato, minhas primeiras tentativas literárias foram cartas para ele, pedindo conselho, mandando sugestões de histórias que eu poderia escrever e finalmente também mandando histórias para ele, muitas histórias, uma história por semana, até que Heinrich Muller, o rabugento do mundo literário, o tigre em seu covil, pareceu desistir da luta e condescendeu em me mandar uma carta de duas linhas, e depois uma segunda carta com quatro linhas, e finalmente uma carta de duas páginas de vinte e quatro linhas, e, depois, milagre dos milagres, um cheque de US\$ 150, pagamento integral por meu primeiro contrato.

Eu estava um farrapo no dia em que o cheque chegou. Minhas indescritíveis roupas do Colorado pendiam sobre mim em frangalhos, e meu primeiro pensamento foi um novo guarda-roupa. Eu tinha que ser econômico, mas com bom gosto, e por isso descii Bunker Hill até a Second Street com Broadway, na loja da Legião da Boa Vontade. Abri caminho até a seção de melhor qualidade e encontrei um excelente traje de passeio azul com risca branca. As calças eram muito compridas, e as mangas também, e a coisa toda custou dez dólares. Por mais um dólar o traje foi ajustado, e, enquanto tratavam disso, zanzei pelo departamento de camisas. As camisas custavam cinquenta centavos cada, de excelente qualidade e todos os estilos. A seguir comprei um par de sapatos – belos oxfords de solado grosso e puro couro, sapatos que me levariam pelas ruas de Los Angeles nos meses seguintes. Comprei outras coisas também, várias cuecas e camisetas, uma dúzia de pares de meias, algumas gravatas e, finalmente, um glorioso chapéu de feltro, irresistível. Coloquei-o elegantemente de lado na minha cabeça, saí do provador e paguei minha conta. Vinte pratas. Foi a primeira vez na vida que comprei roupas para mim. Enquanto estudava meu reflexo num espelho comprido, não pude deixar de lembrar que em todos meus anos no Colorado minha família fora pobre demais para me comprar roupas, até mesmo para a cerimônia de formatura da escola secundária. Bem, agora eu estava no meu caminho, nada poderia me deter. Heinrich Muller, o tigre exuberante do mundo literário, iria me guiar até as alturas, ao topo. Saí da Legião da Boa Vontade, Third Street acima, um novo homem. Meu chefe, Abe Marx, estava parado em frente à lanchonete quando eu me aproximava.

– Por Deus, Bandini! – ele exclamou. – Você esteve na Legião da Boa Vontade ou coisa assim?

– Legião da Boa Vontade uma ova – desdenhei. – Isso vem direto da Bullock's, seu babaca.

Uns dias depois, Abe Marx me entregou um cartão. Estava escrito:

Gustave Du Mont, Ph. D.

Agente Literário
Preparação e Edição
de livros, peças, sinopses e histórias
Especialista em supervisão editorial
Rua Terceira, 513, Los Angeles
Sem picaretagem

Enfiei o cartão no bolso do meu terno novo. Peguei o elevador até o quinto andar. O escritório de Du Mont ficava no fim do corredor. Entrei.

A sala da recepção agitou-se como em um terremoto. Prendi o fôlego e olhei em volta. O lugar estava cheio de gatos. Gatos nas cadeiras, nas cortinas, na máquina de escrever. Gatos em cima das estantes de livros, dentro das estantes de livros. A catanga era esmagadora. Os gatos colocavam-se de pé e se enroscavam ao meu redor, pressionando minhas pernas, rolando alegremente sobre meus sapatos. No chão e na superfície dos móveis, uma camada de pelo de gato ondulava e redemoinhava como uma piscina. Fui até uma janela aberta e olhei para a escada de incêndio. Um sobe e desce de gatos. Uma enorme criatura cinza subiu na minha direção, a cabeça de um salmão na boca. Passou roçando por mim e pulou para dentro da sala.

Àquela altura, o voejar de pelo de gato envolvia o ar. Uma porta interna se abriu. Lá estava Gustave Du Mont, um homenzinho idoso com olhos de cereja. Ele sacudiu os braços e se lançou entre os gatos guinchando:

– Fora! Fora! Vamos, todo mundo! Hora de ir para casa!

Os gatos simplesmente deslizaram a seu bel-prazer, uns indo parar nos pés dele, outros agarrando suas calças alegremente. Eram os donos dele. Du Mont suspirou, deixou cair os braços e disse:

– O que posso fazer por você?

– Sou da lanchonete lá de baixo. Você deixou seu cartão.

– Entre.

Entrei no escritório, e ele fechou a porta. Estávamos em uma salinha, na presença de três gatos refestelados no alto de uma estante de livros. Eram felinos de elite, enormes gatos persas, lambendo suas patas com régia altivez. Olhei para eles. Du Mont pareceu entender.

– Meus favoritos – sorriu. Abriu uma gaveta da mesa e tirou uma garrafa de uísque.

– Que tal um lanche, meu jovem?

– Não, obrigado, Dr. Du Mont. Para que você queria me ver?

Du Mont tirou a rolha da garrafa, tomou um trago e ofegou.

– Li sua história. Você é um bom escritor. Não deveria estar servindo mesas. Você pertence a ambientes mais amenos. – Du Mont tomou outro trago. – Quer um emprego?

Olhei para todos aqueles gatos.

– Talvez. O que você tem em mente?

– Preciso de um editor.

Senti o fedor de todos aqueles gatos.

– Não estou certo de que eu consiga aguentar.

– Refere-se aos gatos? Vou tratar disso.

Pensei por um instante.

– Bem... o que você quer que eu edite?

Ele atacou a garrafa de novo.

– Romances, histórias curtas, o que aparecer.

Hesitei.

– Posso ver o material?

A mão dele baixou sobre uma pilha de manuscritos.

– Sirva-se.

Puxei o manuscrito de cima. Era uma história curta, escrita por uma tal de Jennifer Lovelace, intitulada *Paixão ao Amanhecer*. Gemi.

Du Mont tomou outro trago.

– É medonho – ele disse. – São todos medonhos. Não consigo mais lê-los. São os piores textos que já vi. Mas isso dá dinheiro se você tiver estômago. Quanto piores eles são, mais você cobra.

Àquela altura, toda a frente do meu terno novo estava revestida com pelo de gato. Meu nariz coçou, e senti um espirro a caminho. Eu o segurei.

– Qual o pagamento pelo trabalho?

– Cinco dólares por semana.

– Pô, isso é só um dólar por dia.

– É moleza.

Apanhei a garrafa e tomei um trago. Queimou minha garganta. Tinha gosto de mijo de gato.

– Dez dólares por semana ou nada feito.

Du Mont estendeu a mão.

– Aperte aqui – ele disse. – Você começa na segunda-feira.

Segunda de manhã apresentei-me para o trabalho às nove horas. Os gatos tinham desaparecido. A janela estava fechada. A recepção fora remodelada. Havia uma mesa para mim ao lado da janela. Estava tudo limpo e espanado. Nem um único fiapo de pelo de gato grudou em meu dedo quando o esfreguei no peitoril da janela. Cheirei o ar. A urina ainda era potente, mas mascarada por um poderoso defumador. Havia outro cheiro também – repelente de gato. Sentei à mesa e puxei a máquina de escrever. Era uma velha Underwood. Enrolei uma folha de papel sob rolo e experimentei o teclado. A máquina funcionou como um cortador de grama enferrujado. De repente, fiquei insatisfeito. Havia alguma coisa naquele trabalho que me deixava apreensivo. Por que eu deveria trabalhar no produto de outro? Por que não estava no meu quarto escrevendo minhas próprias coisas? O que Heinrich Muller faria num caso desses? Certamente eu era um tolo.

A porta se abriu, e lá estava Du Mont. Fiquei surpreso ao vê-lo com um chapéu-coco, um colete cinza sob a sobrecasaca, polainas e ostentando uma bengala. Eu nunca estivera em Paris, mas a visão

do homenzinho garboso me fez pensar no lugar. Ele era louco? De repente achei que sim.

– Bom-dia – ele disse. – O que achou de suas instalações?

– O que aconteceu com os gatos?

– O defumador – disse. – Ele os espantou. Não se preocupe. Conheço os gatos. Não voltarão. – Pendurou o chapéu e a bengala em um par de ganchos de porta. Então puxou uma cadeira e nos sentamos lado a lado na mesa. Pegou o manuscrito do topo, *Paixão ao Amanhecer*, de Jennifer Lovelace, e começou a me ensinar a arte da revisão literária. Ele o fez brutalmente, porque na verdade era um trabalho brutal. Com um lápis de cera preto na mão, ele marcou, cortou e obliterou frases, parágrafos e páginas inteiras. O manuscrito positivamente sangrou com a mutilação. Logo captei a ideia, e ao fim do dia estava esquartejando a torto e a direito.

No fim da tarde ouvi uma pancada na minha janela. Era um gato, um velho esquisitão com uma cara machucada e desamparada. Me espiou pelo vidro, esfregando o nariz contra ele, depois lambendo-o esperançosamente. Ignorei-o por alguns instantes, e, quando olhei de novo, dois outros gatos estavam com ele no peitoril da janela, encarando-me em pedinte orfandade. Não pude aguentar. Desci de elevador até a lanchonete e encontrei algumas fatias de pastrami na lata de lixo. Enrolei-as em um guardanapo e levei para os gatos. Quando abri a janela, eles irromperam sala adentro e comeram vorazmente da minha mão.

Ouvi Du Mont rindo. Ele estava na porta de seu escritório, um dos três persas nos braços.

– Sabia que você era um homem de gatos – disse. – Pude ver nos seus olhos.

CAPÍTULO DOIS

Levei três dias para revisar a história de Jennifer Lovelace. A versão dela tinha trinta páginas. A minha reduziu o manuscrito à metade. A história não era de todo ruim; o problema era simplesmente de má construção e fraseado, a história de seis professores cruzando as planícies em uma carroça, envolvendo-se em escaramuças com índios e foras-da-lei, chegando por fim a Stockton. Fiquei satisfeito com o que havia feito e entreguei o manuscrito para Du Mont. Ele o ergueu avaliando o tamanho e ficou carrancudo.

– Não daria para você acrescentar mais dez páginas? – perguntou.

– Está longo o bastante – insisti. – Não vou acrescentar nem mais uma linha. Acho que Jennifer Lovelace vai gostar.

Ele pegou o telefone. – Vou dizer a ela que o manuscrito está pronto.

Eu estava alimentando os gatos na tarde seguinte quando Jennifer chegou. Sua beleza era estonteante. Ela estava com um tailleur de linho branco, meias pretas transparentes e sapato social preto, uma bolsa preta pendurada no braço. Seu cabelo era uma cascata negra tremeluzente, o rosto primoroso, iluminado por olhos negros. Havia muito o que ver enquanto eu olhava para ela, e meus olhos recaíram sobre as curvas de seu corpo, a sensualidade de sua cintura e quadris, tantalizante, desafiadora, inacreditável. Eu havia olhado para milhares de mulheres bonitas desde que chegara a Los Angeles, mas a beleza de Jennifer Lovelace me pegou pelo pescoço.

– Oi – eu disse, tropeçando nos meus pés.

– Boa-tarde – ela sorriu. – Sou Jennifer Lovelace. Dr. Du Mont está aqui?

– Vou ver. Sente-se, por favor.

Ela flutuou até uma cadeira, como uma adorável almofada de cetim, e eu observei os movimentos de seus joelhos, suas coxas, seus quadris. Ela entrelaçou as belas mãos no colo, e eu exultei de prazer. Bati na porta de Du Mont, e ele me mandou entrar. Entrei, fechei a porta cuidadosamente e sussurrei:

– Ela está aqui!

– Shh! – disse Du Mont, pressionando os lábios. – Deixe-a esperar um pouco. Ela é rica.

– Ela *parece* rica.

Du Mont sacou um relógio de ouro do bolso de seu colete e ficou olhando para ele pelo que pareceu um longo período. Então rosou:
– Agora! Mande-a entrar!

Abri a porta e a encontrei sentada lá em paciente altivez, como uma rainha.

– Entre, por favor – eu disse.

– Obrigada – disse ela, levantando. Enquanto ela caminhava na direção do escritório de Du Mont, vi as costas de seu *tailleur* cobertas de pelo de gato.

– Espere! – eu disse. Ela parou e olhou para mim, intrigada. Cá estava minha chance. Caí de joelhos atrás dela e comecei a remover os pelos de gato de suas gloriosas nádegas, sentindo as rijas coxas musculosas, o fulgurante traseiro arredondado. Ela rodopiou para longe de mim.

– O que você está fazendo? – inquiriu. – Mas o que é isso?

– Os gatos – eu disse, estendendo as duas mãos cobertas de pelo de gato.

Ela girou o torso para olhar para os pelos grudados e começou a removê-los com uma mão. Engatinhei em sua ajuda, e ela me afastou.

– Por favor! – implorou. – Me deixe em paz. – Àquela altura Du Mont estava ao lado dela, cavalheiresco, senhor de si.

– Venha, minha querida – disse ele brandamente, conduzindo-a através da porta, depois fechando-a atrás dela. Ajoelhei no chão, confuso e embaraçado, enquanto os gatos enroscavam-se à minha volta, choramingando para serem alimentados.

Houve um silêncio no escritório de Du Mont. De joelhos, pelo buraco da fechadura, espiei Jennifer sentada do outro lado da mesa de Du Mont. Seu rosto era uma carranca furiosa enquanto ela lia a versão revisada de sua história.

– Meu manuscrito! – disse com a voz entrecortada. – O que aconteceu com ele? – Ela remexeu na sua bolsa. – Me dê um cigarro, por favor.

Du Mont ofereceu um.

– O que você fez com minha história, Dr. Du Mont? Você a destruiu – minha linda história! Como pôde fazer isso comigo?

Du Mont ergueu as palmas apaziguadoramente. – Não fiz nada, minha querida – mentiu. – Não tinha ideia de que ele estivesse fazendo isso.

Jennifer Lovelace retesou-se. – Ele? Quem é ele?

Du Mont não disse uma palavra. Apenas inclinou a cabeça de modo culpado em direção à porta da recepção. Enquanto Jennifer Lovelace punha-se de pé num salto, saí voando – para o corredor, escada abaixo, pela lanchonete e pela ruela afora até o beco. Lá encontrei um caixote, sentei em cima dele e fumei um cigarro, minhas mãos tremendo. Reparei nos gatos à minha volta, o mesmo bando que visitava meu escritório. Olhavam para mim curiosos, se perguntando o que eu estava fazendo no território deles.

Olhei para cima, para a janela do meu escritório. Não podia voltar lá. Não voltaria. Me senti traído. Du Mont me enganara. A selvagem edição do original de Jennifer agora me enchia de vergonha. Se alguém retalhasse meu trabalho daquele jeito, eu o esmurraria. Indaguei o que Heinrich Muller diria sobre a minha integridade. Integridade! Ri. Integridade – besteira. Eu era um nada, um zero. Para o inferno com isso. Decidi comprar um par de calças. Ainda

tinha mais de cem dólares. Ia me exhibir e esquecer meus problemas esbanjando nos gastos. O que era o dinheiro, afinal de contas?

Na Legião da Boa Vontade, selecionei e experimentei três pares de calças. Por alguma razão, não me ajudaram muito. Olhei para mim mesmo no espelho comprido, e lá estava eu – o insignificante, o zero. Envergonhado na presença de Heinrich Muller, o leão da literatura.

Caminhando ao longo da Terceira e da Hill até Angel's Flight, embarquei em um bonde e sentei. O único outro passageiro era uma garota do outro lado do corredor, lendo um livro. Estava com um vestido simples e sem meias. Era bastante atraente, mas não fazia o meu tipo. Quando o bonde sacolejou e entrou em movimento, ela mudou para outro banco. Absolutamente nada de bunda, pensei. Uma bunda, sim, mas sem o esplendor daquela de Jennifer Lovelace. Sem nobreza, sem a grandiosidade de algo belo. Apenas uma bunda, uma simples bunda comum. Não era o meu dia.

Saltei do bonde no topo de Angel's Flight e comecei a descer a Third Street na direção do meu hotel. Então me decidi por uma xícara de café e um cigarro no pequeno restaurante japonês um pouco mais adiante. O café apagou meu abatimento, e entrei no meu hotel. A senhoria estava sentada atrás da mesa no saguão. A primeira coisa que percebi foi um exemplar de *The American Phoenix*. Estava exatamente onde eu o colocara há três semanas. Ofendido, caminhei audaciosamente até a mesa e o peguei.

– Você não leu, não é?

Ela sorriu, hostil. – Não, não li.

– Por que não? – eu disse.

– Me entediou. Li o primeiro parágrafo, e para mim foi o bastante.

Botei a revista debaixo do braço.

– Estou indo embora – eu disse. – Muito em breve.

– Como queira.

Me afastei pelo corredor. Quando girava a chave na minha porta, ouvi o clique de uma fechadura no outro lado do corredor. A porta se abriu, e a garota do bonde saiu. Ainda carregava o livro. Era *Nana*, de Zola. Ela sorriu num cumprimento.

– Oi – eu disse. – Não sabia que você morava aqui.

– Recém me mudei.

– Você trabalha por aqui?

– Suponho que se possa dizer que sim. – Ela fez um olhar sensual. – Você gostaria de me ver?

– Quando?

– Que tal agora mesmo?

Eu não a queria. Nada nela me atraía, mas eu tinha que ser macho. Essas situações só podiam ser resolvidas de um jeito.

– Claro – eu disse.

Ela acendeu uma pequenina chama de sensualidade em seus olhos e escancarou a porta.

– O que estamos esperando? – ela disse.

Hesitei. Senhor, ajude-me, pensei, enquanto atravessava o corredor e entrava no quarto dela.

Ela me seguiu e fechou a porta.

– Qual é o seu nome, meu bem?

– Arturo – eu disse. – Arturo Bandini.

Estendeu as mãos e tirou meu casaco.

– Quanto? – perguntei.

– Cinco pratas.

Me fez virar de frente para ela e começou a desabotoar minha camisa. Pendurando-a numa cadeira, foi para o banheiro.

– Vejo você num minuto.

Entrou no banheiro e fechou a porta. Sentei na cama e tirei minhas roupas. Estava nu quando ela emergiu. Tentei esconder meu desapontamento. Ela estava limpa e lavada, mas, de algum modo,

impura. Seu traseiro estava lá, pendurado como uma criança órfã. Nunca nos entenderíamos. Minha presença ali era uma insanidade. Ela agarrou minha peça e me levou para o banheiro. Lavou e ensaboou meu lombo, e seus dedos massagearam minha vara com determinação, mas não houve reação. Eu só conseguia pensar em Jennifer Lovelace e na elegância de seus flancos. Então ela me secou, voltamos para o quarto e deitamos na cama. Ela se esparramou nua, e me deitei ao seu lado.

– Vá em frente – ela disse. Percorri seus pelos púbicos com um dedo.

– Você se incomoda se eu ler? – ela disse. – Alcance meu livro.

Dei o livro, ela abriu-o no trecho em que estava e começou a ler. Deitei lá e fiquei pensando. Por Deus, e se acontecesse da minha mãe entrar? Ou meu pai? Ou Heinrich Muller? Onde tudo isso iria terminar? Ela acenou com a cabeça na direção de um prato de maçãs na cabeceira da cama.

– Quer uma maçã? – perguntou.

– Não, obrigado.

– Me dê uma, por favor.

Alcancei uma maçã para ela. E assim ela lia e comia.

– Vamos, meu bem – disse ela, lisonjeira. – Aproveite.

Girei as pernas para fora da cama e levantei.

– Qual é o problema? – perguntou, com a voz hostil.

– Não se preocupe. Vou pagar.

– Quer que eu chupe você?

– Não – eu disse.

Ela fechou o livro com força.

– Sabe qual é seu problema, meu filho? Você é bicha. Esse é o seu problema. Você é um fresco. Conheço o seu tipo.

Ela agarrou meu casaco, calças, roupa de baixo, sapatos e meias, correu para a porta e jogou tudo no corredor. Saí e comecei a juntar minhas coisas.

- Lhe devo cinco pratas – eu disse.
- Não, não deve. Você não me deve nada.

Remexi no bolso do meu casaco atrás da chave da porta. No fim do corredor, me olhando de braços cruzados, estava a senhora Brownell, a senhoria. Virei a chave e pulei para dentro do meu quarto.

Senti-me aliviado, protegido, salvo. Fui até a janela olhar para a grande cidade estendida abaixo de mim. Era como ver o mundo inteiro. Ao longe, a sudoeste, o sol arremessava-se no oceano em faixas de luz celestial. Uma mensagem de Deus. Um sinal. O Menino Jesus na manjedoura, a luz da Estrela de Belém. Caí de joelhos.

– Oh, abençoado Menino Jesus – rezei. – Obrigado por me salvar neste dia. Louvado seja Você pela manifestação da bondade de Deus que me afastou daquele quarto do pecado. Neste momento, eu juro: jamais pecarei novamente. Pelo resto da minha vida hei de lembrar de sua gloriosa interferência. Obrigado, pequeno Filho de Deus. Sou seu servo devotado de hoje em diante e para sempre.

Fiz o sinal da cruz e me pus de pé. Como me senti bem. Tão recarregado com os sentimentos de minha primeira infância. Eu tinha que entrar em contato com Jennifer Lovelace. Me vesti e fui até o saguão. Disquei para o número de Du Mont do telefone público.

- O que aconteceu com você? – ele perguntou.
 - Estou no meu hotel. Qual é o telefone de Jennifer Lovelace?
- Ele me deu, e eu anotei.

Voltei para meu quarto e me sentei à máquina de escrever. Datilografei por quinze minutos – duas páginas de puro sofrimento. Dobrei o papel, andei do hotel até a cabine telefônica do outro lado da rua e telefonei para Jennifer. Abrindo minhas anotações, ouvi o telefone chamando.

- Alô. – Era ela.
- Jennifer, aqui é Arturo Bandini.

Houve um silêncio. O suor brotava de minha pele. Minha voz tremia.

– Jennifer, quero que você me perdoe. Não sei por que destruí seu belo manuscrito. Foi simplesmente uma questão de inexperiência. Sou um bom escritor, Jennifer. Posso prová-lo. Vou mandar para você alguma coisa do meu trabalho. Você vai ver que escritor soberbo que eu sou. Eu não pretendia arruinar seu manuscrito. Não sou um crítico, Jennifer. Apenas segui a instrução de Du Mont. Cometi um erro terrível. Você não me deixaria vê-la e explicar? Gostaria de dizer a você que talento maravilhoso que eu sou. Por favor, Jennifer. Me dê a chance de explicar...

Havia mais o que dizer, mas ela interrompeu.

– Que tal domingo?

– Qualquer dia, qualquer hora. Você decide.

Ela me deu seu endereço em Santa Mônica, e eu anotei.

– Obrigado, Jennifer. Você não vai se arrepender disso.

Ela desligou.

CAPÍTULO TRÊS

O sol atingiu meu rosto como um grande olho dourado, me acordando. Era manhã de domingo, e o dia prometia ser radiante e glorioso. Pulei da cama, escancarei a janela e gritei para o mundo: olá, pessoal! Boa sorte para todos! Um belo dia, um novo dia. Lembrei de meu pai no Colorado, na pia da cozinha em uma radiante manhã de primavera, cantando alegremente enquanto se barbeava. *O Sole Mio*. Parei em frente ao espelho do meu banheiro e também cantei. Oh Deus, como me senti bem! Como era possível? Como café da manhã, descasquei e comi duas laranjas.

Com meu belo terno riscado da Legião da Boa Vontade e meu chapéu de feltro maneiro, botei um exemplar de *The American Phoenix* debaixo do braço e saí a passos largos para conquistar uma mulher. Marchei pela Olive Street na clara manhã de domingo. A cidade parecia deserta, a rua estava silenciosa. Parei e escutei. Ouvi alguma coisa. Era o som da felicidade. Era meu próprio coração, batendo suave, ritmadamente. Um relógio, era isso que eu era, uma maquininha de felicidade. Atravessei a Fifth Street até o Biltmore Hotel. Gente bem vestida entrava e saía pelas portas giratórias. Eram pessoas como eu, elegantemente trajadas, a elite. Na entrada principal estava parado um porteiro uniformizado. Parecia ter três metros de altura quando me saudou. Retribuí a saudação.

– O senhor tem horas? – perguntei.

– Sim, senhor. – Ele deu uma olhada no relógio de pulso. – São onze horas, senhor.

– Obrigado, senhor.

Fui para o meio-fio e olhei para a longa fila de táxis, um motorista à espera em cada um. De repente, uma ideia explodiu na minha cabeça. Eu ia pegar um táxi até Jennifer. Toda a minha vida eu quis pegar um táxi, mas por diversas razões, todas financeiras, nunca o fizera. Agora podia fazê-lo. Podia chegar com estilo. Podia

deslizar rapidamente até a casa dela, esperar o motorista abrir a porta, e então saltar como um príncipe. O porteiro aproximou-se de mim.

– Táxi, senhor?

– Sim, senhor. – Ele abriu a porta do táxi mais próximo, e eu entrei. O motorista virou-se e olhou para mim.

– Para onde, senhor?

– Rua Eighteenth Street, 1724, Santa Mônica.

– Uma corrida bem longa – ele disse.

– Não tem importância – respondi. – Não tem a menor importância.

O táxi afastou-se do meio-fio, virou à direita na Seventh Street, depois à direita na Hope Street, até Wilshire Boulevard. Observei a rua e as lojas e senti um nó na garganta. Que cidade maravilhosa! Olhar para todas aquelas pessoas lindas caminhando em seus belos trajes enquanto vinham das igrejas e olhavam vitrines ao longo do radiante boulevard. Sem dúvida alguma aquele era o meu dia, a minha cidade.

O motorista do táxi estava certo. Era uma corrida longa – custou sete dólares e vinte centavos. Ele desligou o taxímetro, e eu observei o montante final. Desci do táxi e entreguei uma nota de dez dólares para o motorista. Ele apurou o troco exato, que eu contei. Então me ocorreu que também era de praxe dar gorjeta. Ele estava me olhando. Entreguei-lhe dez centavos.

O lábio dele se crispou.

– Puxa, obrigado.

Me afastei e olhei a casa de Jennifer. Parecia saída de *Mamãe Ganso*, uma fantasia vitoriana em amarelo e branco com cúpulas nos dois cantos do segundo andar. As cúpulas eram adornadas com painéis de madeira entalhada com formas de carretéis, com intrincados arabescos e floreios. Era um bolo de noiva completo em todos os detalhes, só faltavam a noiva e o noivo. Estava orgulhosamente assentado em meio a pinheiros enormes, estranhamente deslocado,

como se pertencesse à Terra de Oz. A casa de Jennifer! Vi as grandes e confortáveis cadeiras da varanda e sorri ao pensar que seu maravilhoso traseiro havia agraciado todas elas.

Ela veio à porta enquanto eu galgava os degraus da varanda.

– Olá! – sorriu. – Que bom que você veio. Entre, por favor.

Ela empurrou a porta de tela, e eu entrei. A sala era deslumbrante. Um grande piano, cadeiras luxuosas, gigantescas samambaias de Boston, luminárias Tiffany e uma grande pintura a óleo sobre a lareira – de uma criança com cachos compridos. Ela me deu tempo suficiente para estudar o retrato enquanto explicava que era uma pintura dela mesma.

– Sente-se – disse. – Minha mãe e meu pai estão na missa. Devem voltar logo.

– Você foi à missa esta manhã? – perguntei.

– Oh, sim. Você é católico?

– E o que mais seria? – sorri. – A igreja faz parte de minha família há gerações.

– Então você foi à missa esta manhã?

– Naturalmente. Faltar à missa é um pecado mortal. Certamente você sabe disso.

Ela sorriu.

– Claro.

Sentei.

– Para dizer a verdade, tive uma espécie de discussão teológica com meu confessor esta manhã – falei.

Ela ajeitou a parte de trás do conjunto de praia amarelo enquanto sentava. Seu traseiro preencheu a cadeira como um adorável ovo em um ninho.

– Onde é sua paróquia? – perguntou.

Eu sabia que em algum lugar de Los Angeles tinha que haver uma igreja de Santa Maria e respondi:

– Santa Maria de Guadalupe.

– Não é magnífica? – ela exclamou. – Eu adoro aquela igreja.

– Rezo lá seguidamente.

– Você estava falando alguma coisa sobre uma discussão com seu confessor. A o que você estava se referindo?

– Vou lhe contar, mas apenas na mais estrita confiança. O sigilo sagrado da confissão.

Ela arquejou, e sua mão tocou o peito.

– Será que você deve? – perguntou.

– Devo – eu disse. Torci as mãos no meu colo por uns momentos e então continuei.

– Lembra da esculhambação do seu manuscrito? Você esqueceu como eu o destruí num injustificável descaso por seus sentimentos? Você esqueceu da sua raiva com o ultraje?

Ela assentiu solenemente.

– Quando entrei no confessionário e encarei o padre, minha única pergunta era: havia eu cometido um pecado mortal arruinando seu trabalho? Seria esta uma ofensa extrema à lei de Deus? Você me perdoaria por isso? O padre olhou para mim através da tela, pensou um momento, e então disse: “A profanação de qualquer realização artística é um dos maiores pecados contra a lei de Deus”.

Ela pareceu terrivelmente impressionada e levantou.

– Gostaria de uma coca, senhor Bandini?

– Sim, obrigado.

Ela caminhou rapidamente na direção da cozinha, sua gloriosa bunda seguindo-a em uma cadência ritualística.

Fui atrás, e ela pegou duas cocas do refrigerador e me alcançou uma. Abrimos as garrafas e bebemos. Havia uma cesta de piquenique coberta sobre a mesa. Ergui a tampa e espiei para dentro.

– É para nós – ela disse.

- Estamos indo a algum lugar?
 - À praia.
 - Ao oceano?
 - Naturalmente.
 - Podemos nadar?
 - É para isso.
 - Não tenho calção de banho.
 - Você pode pegar um emprestado do meu irmão.
- Terminanos nossas cocas.
- Vamos – disse ela.

Carregando a cesta de piquenique, segui-a pela escada de serviço, descendo para a garagem, onde um Chevy de duas portas estava estacionado. Coloquei a cesta no assento de trás e deslizei para dentro, ao lado dela. Ela ligou o motor e dirigiu pela trilha que ligava a garagem à rua e entrou no trânsito.

A um quilômetro e meio ao norte do píer de Santa Mônica, na Pacific Coast Highway, havia um conjunto de bangalôs de praia, castigados pelo tempo e muito velhos. Desviamos para o meio-fio e saímos. Um caminho de madeira ladeado por uma cerca alta nos levou até um dos doze chalés construídos na areia. Ela girou a chave na porta do primeiro chalé, e entramos. O bangalô pertencia à família dela. Era desprezioso – um fogão, um refrigerador, mesa e cadeiras. Além da cozinha havia dois quartos. Ela entrou em um deles e emergiu em um traje de banho preto, atirando-me um calção. Enquanto eu me despia, ela saiu e correu para a arrebentação. Tirei minhas roupas e fiz uma carranca para meu corpo branco como um lírio. Ele me lembrou um porco cor-de-rosa, e temi o choque no rosto dela quando eu fizesse minha aparição. Mas ela não ficou absolutamente chocada enquanto jazia na areia morna e lia *The American Phoenix* através dos óculos escuros com aro de chifre.

O oceano era assombroso. Esqueci meu corpo pálido e sem cor e fitei-o, maravilhado. A praia estava quase deserta. Um grupo de crianças passou a trote, parando para me olhar; então, dando

risadinhas, seguiram trotando. Cuidadosamente, deixei que pequenas ondas cobrissem os dedos de meus pés enquanto espalhava a água com prazer. Gradualmente avancei para o fundo e comecei a nadar, revigorado pelo friozinho desagradável da água. O Colorado parecia a uma eternidade dali. Disse a mim mesmo que naquele momento minha mãe havia chegado da missa e estava preparando o almoço. Provavelmente estava pensando em mim assim como eu pensava nela.

Segui olhando para Jennifer de relance. Ela estava absorta na revista e não prestava atenção em mim. Parei na frente dela e chamei sua atenção.

– Veja!

Fiz uma cambalhota, depois outra, e uma terceira. Ela sorriu vagamente e voltou-se para a revista. Eu tinha outras habilidades, pois fora membro da equipe de saltos acrobáticos da Universidade do Colorado.

– Veja este!

Fiz vários mortais. Ela olhou e sorriu distraidamente.

– Veja isto!

Plantei uma bananeira e andei na direção da água, até minhas mãos e ombros ficarem submersos. Então perdi o equilíbrio. Olhei para a praia. Jennifer se fora. Vi-a caminhar pela areia e entrar no chalé. Fui atrás.

Ela estava pegando coisas da cesta de piquenique – alface, cebolas, tomates –, lavando-as na pia, depois cortando-as em um prato de madeira. Ela tinha colocado um avental sobre o sedoso traje de banho preto. Fiquei embasbacado. Sua aparência era voluptuosa, tantalizante, irresistível. Acendi um cigarro, e minha mão tremeu, e pensei que era chegada a hora. É agora ou nunca. Não seja panaca. Aja. Este momento nunca mais voltará. Seja corajoso. Você não tem nada a perder. Tudo a ganhar. Levantei e me arremessei para ela, caindo de joelhos e atirando meus braços em volta de sua cintura.

– Eu te amo – eu disse. – Quero você.

Ela girou os soberbos quadris para escapar de meu domínio. Me agarrei como um tigre. Jennifer ergueu o prato de salada e jogou-o na minha cabeça. Senti a inundação de maionese, azeite de oliva e vegetais enquanto me estatelava no chão, arrastando-a comigo.

– Seu idiota! – gritou. – Me solte! Seu maluco idiota!

Fomos tomados por um tipo de violência inexplicável, lutando um com o outro, deslizando pelo chão, travando um combate sem sentido. Ela gritou quando mordeu sua bunda. Ficou de quatro e rastejou para fora do meu alcance, para dentro do quarto, fechando a porta com um chute.

Sentei ofegante no charco de molho de salada. O que eu tinha feito? No chão lambuzado estava meu exemplar de *The American Phoenix*, besuntado com óleo e maionese. E agora, perguntei. Vá, eu disse. Voe. Caia fora daqui. Me arrastei para uma cadeira e vi marcas de arranhão em meu peito e pernas. O fim do mundo. O meu fim. O fim do meu amor. A porta do quarto abriu, e ela saiu. Estava enxugando seu corpo, tirando a lambuzeira de molho de salada. Ela não disse uma palavra.

– Me desculpe – eu disse.

– Seu filho da puta! – disse ela. Pegou suas chaves da mesa e foi para a porta. – E mais uma coisa – fuzilou: – Não existe uma igreja de Santa Maria de Guadalupe!

Ela saiu. Acompanhei-a pelo portão da frente até a estrada. Ela entrou no seu carro e foi embora.

Eu queria chorar, mas minha estupidez me esmagava. Voltei ao bangalô, tirei o calção de banho e fui para baixo de uma chuva gelada. Me enxuguei, vesti, fechei as portas do chalé e caminhei ao lado da estrada. Do outro lado da rua, banhistas estavam descendo a trilha íngreme desde o topo das falésias. Cruzei a estrada e iniciei a trilha. Ela me levou até a Ocean Avenue e a uma estação de bonde. Peguei o bonde seguinte e voltei para meu hotel.

Enquanto girava a chave na minha porta, ouvi um rádio tocando pelo corredor. A canção era *Begin the Beguine*[1]. Entrei no quarto, tirei minhas roupas e pus um roupão de banho. Estava quase escuro agora, escuro, ermo e erótico. Deixei meu quarto, cruzei o corredor e bati na porta dela. O rádio diminuiu, e ela falou:

– Entre.

Abri a porta.

Ela estava estirada na cama vestida com uma anágua cor-de-rosa, ainda lendo *Nana*. Ela ficou carrancuda.

– O que *você* quer?

– Vamos trepar – eu disse.

[1]*Begin the Beguine*: Comece a beguine. Beguine é uma dança popular nas ilhas de Santa Lucia e Martinica, parecida com a rumba. Em francês, *béguin* significa flerte, sentimento amoroso passageiro. (N. do E.)

CAPÍTULO QUATRO

Os dias passaram-se aos trancos. Chegou agosto, quente e abafado. Certa noite choveu. As pessoas se despejaram para fora do hotel e ficaram na rua pegando a chuva em suas mãos. Um doce perfume tomou conta de Bunker Hill. A chuva borrifou nossos rostos. Depois se foi. Eu trabalhava duro, martelando num conto. Levei o trabalho comigo para o escritório de Du Mont. Várias vezes durante o dia ele passou por ali e observou o que eu estava escrevendo. De repente arrancou a página da minha máquina de escrever.

– Você está despedido – disse. Ele estava tremendo. – Pegue sua história e saia.

Saí. Fui ao cinema. Vagabundeei pela Main Street até o Follies, a marquise iluminada com o nome de Ginger Britton. Ela estava no meio de seu strip, vinha gingando desde as cortinas, sua bunda um Rubens perfeito. Encontrei um assento na primeira fila e observei-a vorazmente. Era magnífica, com a bunda de uma jovem potranca, pisoteando o palco com saltos altos, virando de costas para a plateia, inclinando-se para olhar para nós pelo meio de suas pernas. Uma bunda campeã mundial absoluta, incomparável, com a pele resplandecente como a polpa de um melão. Seu cabelo vermelho comprido caía até os quadris, seus seios de valquíria flutuavam em círculos impetuosos. A plateia aplaudia e assobiava. Eles me irritaram. Porra, por que eram tão vulgares? Estavam assistindo a um trabalho de arte com a mesma aclamação de uma luta de boxe. Era um sacrilégio. Quando ela deixou o palco, a ovação foi estridente, insuportável. Não consegui aguentar e dei o fora do teatro. Furioso, voltei para o meu hotel. Sentei à máquina de escrever e redigi uma carta para Ginger Britton:

Cara Ginger Britton:

Amo você. Vi você hoje, e a amo loucamente. Eu a venero. Anseio por conhecê-la, falar com você, segurar sua mão, tomá-la em meus braços e sufocá-la de beijos. Vê-la dançar foi como uma

chama pelo meu corpo. O que eu não daria para levá-la para jantar em algum clube tranquilo, seu cabelo vermelho no meu rosto, seus lábios úmidos de vinho, beijando os meus! Seja bondosa comigo, cara dama do Follies, e me convide para visitá-la em alguma noite após o show. Trêmulo de amor,

Arturo Bandini.

Assinei a carta, coloquei-a num envelope e levei-a ao saguão. A senhora Brownell estava atrás da mesa. Pedi um selo para ela. Então senti um odor inebriante exalando através da porta de seus aposentos atrás da mesa.

- O que é isso? – perguntei, farejando.
- Torta de frutas – ela disse. – Acabei de tirar do forno.
- O cheiro está maravilhoso.
- Aceita um pedaço?

Era o primeiro comentário amistoso que eu ouvia dela. Olhei para seus límpidos olhos azuis e me espantei com a mudança. Ela estava de fato hospitaleira, não a cadela com a qual eu havia me acostumado.

- Obrigado, senhora Brownell. Adoraria um pedaço.

Ela me convidou para seu quarto. Fiquei parado lá, olhando em volta. Era um quarto de serviço – um fogão, um refrigerador, uma mesa de refeição, duas cadeiras e um divã.

- Sente, senhor Bandini.

Sentei à mesa e observei-a cortar uma fatia da grande torta de frutas. Ela não era jovem. Cinquenta e cinco, talvez. Olhando atentamente, via-se que seu corpo estava em bom estado e era bem formado. Havia até uma insinuação de uma bela bunda. Ela colocou a fatia de torta em um prato fundo e despejou conhaque por cima.

– É engraçado – ela disse. – Passei todo este dia quente pensando em torta de frutas. Agora sei por quê. – Sorriu, com sua dentura perfeita à mostra, e colocou a torta à minha frente. Me alcançou uma colher, e eu experimentei a torta. Devo ter comido muito rapidamente, porque ela logo me serviu um segundo pedaço.

Era uma torta muito pesada, mas eu adorei, beberiquei o conhaque como uma sopa e senti um grande calor no meu estômago. Então tudo ficou vago, e fiquei bêbado. Ouvi a senhora Brownell falando do Kansas e do jantar de Ação de Graças em uma fazenda nos arredores de Topeka, um relato sobre seus irmãos e irmãs e sobre como o pai dela fugira com uma mulher de Wichita.

Acordei na cama. Não na minha cama, mas na da senhora Brownell. Estava deitado de costas, perto da parede. A pessoa adormecida a meu lado era a senhora Brownell. Ela estava com uma camisola branca e uma touca de dormir. Estava deitada de frente para mim, suas duas mãos segurando meu braço enquanto roncava musicalmente. O relógio da cabeceira marcava três da madrugada. Fechei meus olhos e voltei a dormir.

Éramos bons um para o outro, Helen Brownell e eu. Para mim, a ida para o quarto dela toda noite era uma jornada fácil. Às vezes ela sorria quando eu sentava e tirava os sapatos. Outras vezes não prestava atenção, como se já me esperasse. Eu era seu pequeno campeão, dizia ela, porque eu era um homem pequeno, não maior que seu marido, um contador que morrera há cinco anos. Quando era hora de deitar, ela desaparecia no banheiro para se despir, emergindo depois em seu camisolão de musselina e touca de dormir. Ela desligava a luz do banheiro e deslizava para dentro da cama ao meu lado. Dividíamos a escuridão juntos; de vez em quando, quer dizer. Às vezes eu a apalpava um pouco, e ela correspondia. Na maior parte das vezes ela era como uma parente na noite, uma tia solteirona, minha tia Cornelia, que odiava crianças e morou conosco quando eu era um garoto. De manhã eu acordava com o chiado do bacon e via ela ao fogão preparando meu café da manhã.

– Bom-dia – eu dizia.

E ela respondia:

– Hora do café da manhã, pequeno campeão.

Às vezes ela se inclinava e me beijava na testa. Ela devia saber que eu estava duro, porque dia sim, dia não eu encontrava uns

dólares no meu bolso. Eu tentava lavar a louça, mas ela não deixava. Bem alimentado e descansado, ia para meu quarto e encarava o monstro negro que era a máquina de escrever, fitando-me ferozmente com os dentes brancos arreganhados. Às vezes eu escrevia dez páginas. Não gostava daquilo, porque sabia que, sempre que eu era prolífico, também era uma droga. Eu era uma droga a maior parte do tempo. Tinha que ser paciente. Eu sabia que aconteceria. Paciência! Era a última das minhas virtudes.

Um dia, havia uma surpresa na minha correspondência. A carta cintilou na minha mão. Reconheci-a instantaneamente. Era uma carta de Ginger Britton, perfumada com fragrância de gardêneas. Levei-a para meu quarto, sentei na cama e a abri, uma carta de estilo imponente e caligrafia elegante. Ginger Britton me agradecia por minha carta. Apreciara tudo que eu tinha escrito e estava encantada. Infelizmente, não poderia me encontrar para cear porque estava certa de que seu marido jamais permitiria, mas insistia para que eu fosse seguidamente ao Follies para assistir à sua apresentação. Ela adorou minha carta. Ficou profundamente tocada. Iria guardá-la como um tesouro para sempre.

Desdobrei a carta e pressionei-a contra o rosto, respirando a fragrância de gardêneas de Ginger. Pressionei meus lábios contra ela e balbuciei agradecidamente. Da, da, da, murmurei. Oh, Ginger Britton, como eu te amo! Da da da.

Eu estava na primeira fila do Follies Theater quando subiu a cortina para o show de variedades. Ela entrou no palco com todo o elenco, e afundei em meu assento, agradecido. Tinha ido com planos: sussurrar para ela, acenar, atirar-lhe um beijo, mas, quando olhava em volta, cada rosto era o rosto do marido dela, e perdi a coragem. Então olhei para o rosto dela. Estava sorrindo para mim. Ela me reconheceu. Eu *sabia* que ela tinha me reconhecido, e havia uma intimidade em seu sorriso que me eletrizou, e eu acenei dois ou três dedos em um reconhecimento covarde. Então ela iniciou sua rotina característica, rodopiando no meio do palco, depois inclinando-se de costas para olhar a plateia por entre suas pernas, e daquela posição ela virou o rosto para mim e sorriu enfaticamente.

Olhei em volta, nervoso. Os frequentadores me ignoravam, exceto um homem duas fileiras atrás, um negro rude, robusto, sisudo, olhando fixo para mim. Pressenti problemas, levantei e saí. O negro ou era o marido dela, ou outro fã que havia escrito para ela.

CAPÍTULO CINCO

No caminho de volta para Bunker Hill atravessei Pershing Square. Era uma noite cálida, e o parque estava brilhante sob as lâmpadas da rua. Pessoas sentadas nos bancos da praça desfrutavam a fresca tranquilidade depois de um dia quente. No centro da praça havia um banco ocupado por jogadores de xadrez. Havia quatro jogadores de cada lado da mesa comprida, cada um deles com um tabuleiro de xadrez à sua frente. Estavam jogando xadrez rápido – oito jogadores testando suas habilidades contra um homem, um homem velho, rouco, insolente, brilhante, em mangas de camisa, dançando ao redor enquanto deslocava-se de jogador para jogador, fazendo um movimento de xadrez, proferindo um insulto, deslocando-se depois para o jogador seguinte. Em questão de minutos ele havia dado xeque-mate nos seus oito oponentes e abocanhado uma aposta de vinte e cinco centavos por sua vitória. Enquanto os jogadores descontentes se afastavam, o velho, cujo nome era Mose Moss, gritou:

– Quem é o próximo? Quem se acha um grande jogador de xadrez? Vou derrotar qualquer homem aqui, quaisquer dois homens, quaisquer dez homens. – Girou e olhou para mim.

– Por que você está parado aí? – gritou. – Quem diabo você pensa que é? Tem vinte e cinco centavos? Sente e ponha-o aqui, seu garoto metido. Vou arrancar as suas calças curtas!

Dei as costas.

– É isso aí! – ele zombou. – Seu covarde de merda! Vi que você era um frouxo no momento em que botei os olhos em você!

Àquela altura, um outro grupo de enxadristas havia tomado os lugares em volta da mesa comprida. Havia sete deles. Eu não jogava xadrez há dois anos, mas havia sido um bom jogador no Colorado e até ganhara um torneio no clube de xadrez. Sabia que podia me sair bem contra aquele velho desgraçado falastrão e xingador, mas não

sabia se podia vencer seu ataque escatológico. Ele deu um tapa nas minhas costas.

– Sente-se, filhote. Aprenda alguma coisa sobre xadrez.

Aquilo bastou. Tirei vinte e cinco centavos do meu bolso, atirei em cima da mesa e sentei.

Ele derrotou a mim e aos outros em dez jogadas. Nós, as vítimas, levantamos da mesa enquanto ele juntava as moedas e as fazia tilintar no seu bolso.

– Acabou? – perguntou. – Ganhei de novo?

Tirou mais vinte e cinco centavos, mas os outros jogadores estavam fartos. Mose Moss sentou à minha frente e começamos a jogar. Ele acendeu um cigarro.

– Quem lhe ensinou este jogo, garoto? Sua mãe?

– Sua vez – eu disse. – Seu filho da puta!

– Agora você está falando como um verdadeiro jogador de xadrez – ele disse, movendo um peão. Me derrotou em doze jogadas. Apostei mais vinte e cinco centavos. Me derrotou de novo rapidamente, decisivamente. Não havia jeito de eu conseguir vencer aquele velho. Então ele começou a brincar comigo. Foi cruel. Foi brutal. Foi sádico. Ele propôs me enfrentar sem a rainha, e eu perdi. A seguir ele retirou a rainha, os dois bispos e os dois cavalos, e perdi de novo. Finalmente ele reduziu suas forças apenas aos peões. Àquela altura, uma multidão três vezes maior estava reunida à nossa volta, rindo aos berros à medida que os peões dele dizimavam minhas peças, e ele articulava mais um xeque-mate. Restavam-me vinte e cinco centavos. Coloquei a moeda sobre a mesa. Mose Moss esfregou as mãos e sorriu em bondoso triunfo.

– Vou lhe dizer o que vou fazer agora, garoto. Vou deixar você vencer. Você vai me dar um xeque-mate.

A plateia aplaudiu, chegou mais perto. Quarenta pessoas aglomeradas em volta. Ele precisou de umas vinte jogadas para acabar comigo, manobrando suas peças de tal modo que não pude

evitar um xeque-mate nele. Eu estava cansado, frustrado e exausto até a alma. Meu estômago doía, meus olhos ardiam.

– Estou acabado, Mose – eu disse. – Esta era minha última moeda.

– Seu crédito é bom – ele disse. – Você parece um rapaz honesto. Você é um maldito idiota, mas parece honesto.

Entorpecido, comecei a jogar, confuso demais para ir embora, envergonhado demais para me pôr de pé e cair fora. De repente, houve uma comoção. Os espectadores fugiram. A polícia estava na área. Pegaram algumas pessoas, e eu e Mose fomos empurrados até o camburão. Fomos levados para a cadeia municipal, seis de nós, e, enfileirados ante a mesa do sargento, acusados de vadiagem. Depois da autuação, fomos levados para a cela dos bêbados. Segui Mose, porque ele parecia conhecer a rotina. Sentamos em um banco e perguntei a Mose o que aconteceria a seguir.

– Dez dólares ou cinco dias – ele disse. – Fodam-se. Vamos jogar xadrez. – Para meu horror ele puxou um jogo de xadrez em miniatura do bolso de trás, e colocamos as peças nos lugares e começamos a jogar. Ele era infatigável. Meus olhos não se abriam. Dormi com meu queixo sobre o peito. Ele me sacudiu para eu acordar, e movi uma peça. Agora estávamos jogando por somas astronômicas. Eu devia quinze mil dólares para ele. Dobramos o valor. Perdi de novo e, enquanto Mose tentava me acordar, deslizei do banco e caí no sono, no chão. Ouvei suas últimas palavras:

– Seu desgraçado, você me deve trinta mil dólares.

– Põe na minha conta – eu disse.

Dormi. Ouvei vagamente os sons noturnos ao meu redor – roncos, peidos, gemidos, vômitos, resmungos durante o sono. Estava frio na cela grande. O amanhecer cinzento insinuou-se através da janela. Gradualmente a luz do dia apareceu. Às seis da manhã o carcereiro bateu ruidosamente nas barras da cela com um cacetete.

– Aprontem-se todos para o tribunal de Sunrise – ele gritou. – Vocês têm cinco minutos para fazer uma chamada telefônica.

Segui Mose pelo corredor até uma sala de espera com telefones na parede. Eram telefones públicos. Vasculhei meus bolsos em busca de dez centavos. Não tinha nada. Mose estava na minha frente, falando com alguém ao telefone. Quando desligou, pressionei-o.

– Me empreste dez centavos – eu disse.

Ele fechou a cara.

– Jesus, garoto – disse. – Você já me deve trinta milhas.

– Vou pagar, Mose – implorei. – Cada centavo. Acredite.

Ele vasculhou dentro de seu bolso e sacou um punhado de moedas de prata.

– Pegue uma.

Escolhi uma de dez e fui para o telefone. Disquei para o meu hotel. A senhora Brownell atendeu.

– Estou no tribunal de Sunrise – disse a ela. – Você pode pagar minha fiança? São dez dólares.

Houve um silêncio.

– Você está encrencado?

– Não, mas estou duro.

– Logo estarei aí. – E desligou.

Ela estava na sala do tribunal quando os prisioneiros foram trazidos. Meu nome foi chamado, e me aproximei do banco do juiz. O juiz não chegou a me ver, nem mesmo olhou para mim.

– Você é acusado de vadiagem. Dez dólares ou cinco dias. Como você se declara?

– Culpado – respondi.

– Pague ao intendente – ele disse. – O próximo.

Quando me encaminhei para a mesa do intendente, a senhora Brownell levantou-se e veio para o meu lado. Ela abriu a bolsa e deu ao funcionário uma nota de dez dólares. Me inclinei sobre a mesa e assinei o recibo da fiança. A senhora Brownell apressou-se corredor afora, movendo-se rápido. Corri para alcançá-la.

– Obrigado – falei. Ela acelerou em frente, saindo pela porta de entrada, descendo pela escada até a rua, onde seu carro estava estacionado. Entrei ao lado dela, e o carro deu uma guinada quando ela engatou a marcha.

– Estou grato pelo que você fez – falei.

Ela me lançou um olhar amargo.

– Marginal! – ela disse. Não falamos enquanto ela dirigia por Temple Street e entrava em Bunker Hill. Ela estacionou o carro no terreno baldio ao lado do hotel.

– Não cometi nenhum crime – expliquei. – Fui fichado por jogar xadrez, só isso.

Ela olhou carrancuda.

– E agora você está fichado.

– Oh, que merda – eu falei.

Sáimos e fomos para o hotel. Passamos pelo escritório até os seus aposentos. Ela entrou no banheiro e abriu a água quente. Formaram-se nuvens de vapor que vagavam pela sala.

– Você vai tomar um banho – me disse. – Vai se limpar de toda a imundície, sujeira e sordidez da cadeia, dos piolhos, pulgas e percevejos.

Larguei minha roupa a meus pés, e ela as recolheu como animais mortos e atirou-as dentro do cesto de roupa suja. A água estava quente e com sabão, e afundei até o pescoço e deixei aquele calor gostoso me engolir. A senhora Brownell curvou-se sobre mim com um esfregão de banho e uma barra de sabão de nafta. Ensaboou o pano e começou a me esfregar. O esfregão entrou nas minhas orelhas até eu gritar.

– Sujeira – disse ela. – Veja a sujeira! Você não tem vergonha?

Meteu o esfregão na minha virilha, e gritei de novo.

– Saia – falei. – Me deixe em paz.

Ela atirou o esfregão na minha cara.

– Marginal! – disse. – Fichado!

Se virou e me deixou só. Me enxuguei, coloquei as cuecas e fui para a cozinha. Ela estava ao fogão, preparando meu café da manhã, de costas para mim. Perito conhecedor de bundas que eu era, rapidamente detectei a contração das nádegas dela – um sinal certo de fúria numa mulher. A experiência havia me ensinado a ter grande cautela frente a essa dramática mudança no derrièrè, e me sentei quieto. Era como estar na presença de uma cobra pronta para o bote. Ela trouxe presunto e ovos e jogou o prato à minha frente, na mesa. O telefone tocou. Ouvi-a atender.

– Pra você – falou.

Atendi o fone. Quem ligava era Harry Schindler, o diretor de cinema. Era um velho amigo de H. L. Muller. Obtivera meu endereço com Muller e estava ansioso para falar comigo.

– Sobre o quê?

– Você já escreveu para o cinema?

– Não.

– Tudo bem – disse Schindler. – Quer um emprego?

– Fazendo o quê?

– Escrevendo um roteiro de filme.

– Não sei como fazer.

– É moleza – falou. – Vou mostrar para você. Encontre-me na Columbia Pictures amanhã de manhã, às dez horas.

Voltei para a sala da senhora Brownell e sentei. Ela obviamente havia escutado a conversa telefônica.

– Talvez eu consiga um emprego no cinema.

– Pelo menos você ficará limpo – ela disse.

Observei seu derrièrè. Ainda estava contraído. Comi depressa e voltei para o meu quarto.

CAPÍTULO SEIS

Na manhã seguinte, a senhora Brownell me deu as coordenadas, e peguei o ônibus de Sunset para Gower Avenue. O estúdio ficava a meia quadra descendo a rua. Peguei o elevador para o quarto andar e cheguei ao escritório de Schindler. A secretária dele estava sentada à sua mesa lendo um romance. Era loira, com o cabelo penteadíssimo, puxado para trás em um coque na nuca. Tinha sobancelhas douradas e seus olhos eram puro topázio, hostis, nada amistosos.

– Sim? – perguntou.

Disse meu nome. Ela se ergueu e moveu-se até a porta do escritório de Schindler. O vestido dela era de veludo verde. Instantaneamente fiquei atento à sua sensacional bunda, um modelo Hollywood perfeito. Ela se movia como uma cobra, uma grande cobra, uma jiboia lasciva. Fiquei muito satisfeito. Ela bateu na porta de Schindler e a abriu.

– Senhor Bandini – anunciou.

Schindler ergueu-se de sua mesa, e apertamos as mãos.

– Sente – disse. – Sinta-se em casa.

Ele era um homem baixo e arredondado, com cabelo escovinha e um charuto apagado na boca.

– Li todas as suas histórias publicadas – falou. – Você tem o maior estilo, garoto. Você é exatamente o que eu preciso. H. L. Muller ataca de novo! – riu ele. – Somos velhos amigos, H. L. Muller e eu. Trabalhamos juntos no *Baltimore Sun*. Conheço-o há vinte anos.

– Eu disse que nunca escrevi para o cinema. Não espere demais.

– Deixe comigo – disse Schindler.

– O que você tem em mente?

– Nada, por enquanto. Primeiro, acostume-se com o lugar. Aclimate-se. Oriente-se. Leia alguns de meus roteiros, veja alguns

de meus filmes. Conheça os outros escritores deste andar: Benchley, Ben Hecht, Dalton Trumbo, Nat West. Você está em boa companhia, garoto.

– Sinclair Lewis trabalha aqui? – perguntei.

– Bem que eu queria. Por quê? Você conhece Lewis?

– É meu escritor americano favorito.

– E um bom amigo de H. L. Muller – sorriu Schindler. Ele apertou uma campainha, e a secretária apareceu.

– Instale o senhor Bandini no outro escritório – Schindler disse a ela. – Providencie para que ele assista a alguns de meus filmes e consiga alguns de meus roteiros para ele.

Apertamos as mãos.

– Boa sorte, Bandini. Vamos fazer grandes coisas juntos.

– Espero que sim.

Dei a volta para sair.

– A propósito – falou –, vocês se conhecem?

Eu disse que não, e a garota não falou nada.

– Arturo – disse Schindler –, conheça sua secretária, Thelma Farber.

– Oi – falei, sorrindo para ela.

Não tive certeza, mas pensei ter visto o lábio dela se torcer. Ela deu a volta e saiu, e eu segui as ondulações da jiboia de vestido de veludo verde. Atravessamos a sala da recepção para um escritório adjacente. Olhei em volta. Uma mesa, duas cadeiras, um sofá, uma máquina de escrever, algumas estantes vazias.

– Legal – eu disse. – O que faço agora?

– O que quiser – ela respondeu, e prontamente saiu e fechou a porta.

Fiquei curioso sobre ela, intrigado. Então abri a porta. Ela estava em sua mesa, lendo o romance.

– Ei – falei. Ela olhou. – Você é amistosa assim com todo mundo?

Ela sorriu docemente.
– Não com todo mundo.

CAPÍTULO SETE

Minha contratação por Harry Schindler era um mistério insondável. Passei os dias lendo seus roteiros, uma dúzia deles, um por dia, e nenhum deles me interessou. Ele era um especialista em filmes de gângster e, se você olhava atentamente, descobria que todos seus scripts eram essencialmente o mesmo, a mesma trama, os mesmos personagens, a mesma moral. Eu os lia e punha de lado. Às vezes deixava o escritório e vagava pelos corredores. Na porta de cada escritório via a placa com um nome famoso – Ben Hecht, Tess Slessinger, Dalton Trumbo, Nat West, Horace McCoy, Abem Candel, Frank Edgington. Às vezes via aqueles escritores entrando em seus escritórios ou saindo. Todos eles pareciam iguais para mim. Não os conhecia, e eles não me conheciam. Uma vez subi na hora do almoço para o refeitório exclusivo da elite onde escritores e diretores se reuniam. Peguei um lugar em uma mesa comprida e me vi entre John Garfield e Rowland Brown, o diretor. Para quebrar o gelo eu disse a Garfield:

– Passe o sal, por favor.

Ele o fez sem dizer uma palavra. Virei para Brown e perguntei:

– Você está aqui há tempo?

– Cristo, sim – falou, e isso foi tudo.

Não era culpa deles, concluí. Era eu, um desajustado social, intimidado, sem confiança. Nunca mais voltei lá.

Um dia, caminhando pelo corredor do quarto andar, vi um homem sentado atrás de uma máquina de escrever no escritório de Frank Edgington. Era um inglês alto, fumando cachimbo.

– Você é Frank Edgington? – perguntei.

– Sou eu.

Fui até sua mesa e estendi a mão.

– Sou Arturo Bandini. Também sou escritor. Trabalho para Harry Schindler.

– Bem-vindo ao manicômio – disse Edgington.

– No que você está trabalhando?

– Numa porcaria. Você sabe jogar varetas?

– Claro – eu disse.

– Quer jogar uma partida?

– Claro.

Ele pegou uma caixa de varetas de sua mesa e começamos a jogar. As grandes mãos ossudas de Edgington eram inadequadas para um jogo tão delicado. Eu também não era nada bom. Passamos a tarde jogando, apenas matando tempo. Edgington era um escritor do leste. Tinha sido colaborador da *New Yorker* e *Scribner's*. Ele odiava Hollywood. Estava no cinema há cinco anos, abominando cada momento.

– Por que você não vai embora daqui? – perguntei. – Se odeia tanto, por que não volta para Nova York?

– Dinheiro. Eu adoro dinheiro.

Descemos até a farmácia e pedimos cocas.

– Você é casado, Edgington?

– Três vezes – ele falou.

– Você deve gostar muito das mulheres.

– Não mais. Você é casado?

– Não.

– Você é esperto. Vamos voltar para o jogo.

Voltamos para o escritório dele e jogamos varetas até as cinco horas.

– Vamos jantar – ele disse. – Você é meu convidado.

Edgington dirigia um Cadillac preto comprido. Fomos ao Musso-Frank's. Ele conhecia um monte de gente, a maioria escritores. Bebemos um monte, Edgington enxugando uísque, enquanto eu

bebia vinho. Depois do jantar e outras duas horas de álcool, estávamos ambos bastante bêbados. Os olhos cinza dele olharam para mim de modo instável.

– Vamos transar – ele disse.

– Não, não preciso.

Subitamente ele ficou irado e martelou a mesa em um estupor de bebedeira.

– Todo mundo precisa – gritou, virando-se para se dirigir às pessoas sentadas nas mesas em volta. – Vamos todos foder!

Subitamente três garçons cercaram nossa mesa e nos carregaram embora pelos fundos, para o estacionamento. Edgington se arriou exausto sobre uma laje de concreto, eu sentei ao lado dele e acendi um cigarro. Seu rosto torceu-se em escárnio.

– Deus, odeio esta cidade – ele disse. – Vamos embora daqui. Vamos para Nova York.

– Não quero ir para Nova York, Frank. Me leve para casa.

Ele pôs-se de pé vacilando e cambaleou rumo ao carro. Não gostei daquele aspecto.

– Você está sóbrio o bastante para dirigir?

– Entre – disse –, confie em mim.

Ele subiu e sentou atrás do volante, e eu dei a volta até a outra porta e entrei ao lado dele. Ele se inclinou para frente, o rosto contra o volante. Esperei um momento, estudando-o. Ele começou a roncar. Estava em um sono profundo. Deixei-o ali, deslizei silenciosamente para fora, caminhei até Hollywood Boulevard e peguei um bonde para Bunker Hill.

Frank Edgington e eu nos tornamos parceiros. Ele adorava o lado baixo de Hollywood, os bares, as travessas de terceira categoria, fazendo esquina com Hollywood Boulevard ao sul. Eu ficava contente por estar junto enquanto ele percorria os botequins de El Centro, McCadden Place, Wilcox e Las Palmas. Bebíamos cerveja e jogávamos nos fliperamas. Edgington era viciado em fliperama, um

fanático incansável, bebendo cerveja e disparando as bolinhas de fliperama. Às vezes íamos ao cinema. Ele conhecia todos os restaurantes finos, e comíamos e bebíamos bem. Nos fins de semana, excursionávamos pela bacia de Los Angeles, pelos desertos, os contrafortes, pelas cidades afastadas, pelo porto. Em um sábado fomos a Terminal Island, uma faixa de areia branca no porto. As fábricas de enlatados ficavam lá, e vimos as casas castigadas pelo tempo onde viviam japoneses e filipinos. Era um lugar encantador, abandonado, decrépito, pitoresco. Me vi em um daqueles barracos com minha máquina de escrever. Ansiava pela chance de trabalhar ali, de escrever naquele lugar abandonado, ermo, onde a areia cobria a metade das ruas, e as varandas e cercas pendiam frouxas ao vento. Disse a Frank que gostaria de morar e escrever ali.

– Você está louco – falou. – Isto é uma favela.

– É lindo – eu disse. – Me dá uma sensação agradável.

No estúdio, nos entregávamos a outra das obsessões de Frank Edgington: jogos de criança. Jogávamos bola de gude, jogo da velha, parcheesi[2] e damas chinesas. Jogávamos com pequenas apostas – cinco centavos a partida. Quando Frank estava sozinho, trabalhava em um conto para a *New Yorker*. Quando eu estava sozinho, sentava no meu escritório ansiando por Thelma Farber. Ela era inexpugnável. Às vezes me negava até mesmo um olá, e eu ficava inteiramente acabado e respirando com dificuldade. Harry Schindler mandara seus filmes antigos, e Thelma e eu sentávamos na sala de projeção assistindo ao seu desenrolar. Tentei sentar a seu lado, e ela prontamente mudou-se para dois assentos adiante. Ela era uma cadela, irracionalmente hostil. Me sentia um verme.

Depois de duas semanas, peguei meu primeiro cheque, US\$ 600. Era uma quantia assombrosa. Trezentos dólares por semana para não fazer nada! Bati na porta do escritório de Schindler e agradei pelo cheque.

– Tudo bem – disse ele, satisfeito. – Queremos você feliz. Esta é a ideia.

– Mas não estou fazendo nada. Estou ficando maluco. Me dê alguma coisa para escrever.

– Você está indo bem. Preciso de você em caso de emergência. Tenho que ter um homem de apoio, alguém com talento. Não se preocupe com isso. Você está fazendo um belo trabalho. Mantenha o bom trabalho. Desconte o cheque e divirta-se.

– Deixe-me escrever um western para você.

– Ainda não – disse Schindler. – Apenas faça o que você está fazendo e deixe o resto comigo.

De repente, engasguei. Queria chorar. Dei a volta e saí, passei por Thelma sem nem olhar e fui para meu escritório. Sentei à minha mesa chorando. Eu não queria caridade. Queria ser brilhante no papel, aprimorar frases e desencavar joias emocionais para que Schindler visse. Engolindo meus soluços, saí desabalado corredor afora até o escritório de Edgington e me atirei numa cadeira.

– Que diabos aconteceu? – perguntou Edgington.

Contei a ele.

– Não vão me deixar escrever – eu disse. – Schindler não vai me designar nada. Estou ficando maluco.

Indignado, Edgington atirou seu lápis pela sala.

– Que inferno, qual é o problema com você? Existem escritores neste estúdio que passam meses sem rabiscar uma só linha. Eles ganham dez vezes mais do que você, e vão até o banco gargalhando. Seu problema é que você é um porra de um caipira. Se tem tanta coisa que você não gosta nesta cidade, pare de pentelhar e volte para a aldeia gringa de onde veio a sua gente. Você me enche o saco!

Olhei para ele agradecidamente. E então comecei a rir.

– Frank – falei. – Você é uma pessoa maravilhosa.

– Vá e não peque mais.

Desci para Gower Street, até Sunset, e pela Sunset até o Bank of America, onde descontei meu cheque. Saí de lá com uma nova

sensação, um sentimento de alegria amarga. Meia quadra adiante em Sunset havia uma revenda de carros usados. Encontrei um Plymouth de segunda mão por US\$ 300 e saí com ele. Eu era uma nova pessoa, um bem-sucedido escritor de Hollywood, mesmo sem ter escrito sequer uma linha. O futuro era ilimitado.

[2] Parcheesi: marca de um jogo de tabuleiro. (N. E.)

CAPÍTULO OITO

Algumas noites depois Edgington me convidou para jantar.

– O melhor restaurante da cidade – ele disse.

Deixamos meu carro no estacionamento do estúdio e saímos no Cadillac de Frank. Fomos até Doheny por Beverly Boulevard e paramos no estacionamento de um restaurante adjacente. Era o Chasen's. Antes de entrarmos, Frank ajustou minha gravata.

– Esta é uma espelunca de alto nível – falou. – Não quero que você me embarace.

Entramos. Havia um barzinho externo e, depois dele, o salão de jantar principal. Nos aboletamos em banquinhos do bar e pedimos drinques. Como sempre, Frank conhecia todo mundo. Trocou um aperto de mão com Dave Chasen e me apresentou.

– Prazer em conhecê-lo – disse Chasen sorrindo e então virou-se apressadamente para saudar um homem e duas mulheres vindos da rua.

Eles pararam para conversar um pouco. Frank me cutucou.

– Adivinhe quem está aqui – falou.

Me virei e observei o homem e suas duas acompanhantes femininas.

– Quem é ele? – sussurrei, enquanto o trio passava e entrava no salão de jantar.

– Sinclair Lewis – disse Frank.

Atônito, engasguei com meu drink.

– Você tem certeza? – perguntei.

– Claro que tenho certeza.

Ele acenou para Chasen, que se juntou a nós de novo.

– Quem era o cara com as duas mulheres? – perguntou Frank.

– Sinclair Lewis – disse Chasen.

– Meu Deus – eu disse –, o maior escritor da América! – Pulei do banquinho e me encaminhei para o cortinado que dava para o salão de jantar. Puxando a cortina para o lado, vi um garçom conduzindo Lewis e suas amigas para uma mesa reservada.

Não pude me conter. De repente eu estava abrindo caminho entre as mesas rumo ao maior escritor da América. Foi um impulso cego e louco. Parei de súbito na frente do reservado de Lewis. Absorto na conversa com as mulheres, ele não me viu. Sorri vendo seu ralo cabelo ruivo, seu rosto cheio de sardas e suas mãos longas e delicadas.

– Sinclair Lewis – falei.

Ele e suas amigas olharam para mim.

– Você é o maior romancista que este país já produziu – disse eu aos borbotões. – Tudo que desejo é apertar a sua mão. Meu nome é Arturo Bandini. Escrevo para H. L. Muller, seu melhor amigo. – Estendi minha mão. – Prazer em conhecê-lo, senhor Lewis.

Ele me fitou com um olhar perplexo, seus olhos azuis frios. Minha mão ficou lá estendida sobre a mesa entre nós. Ele não a pegou. Apenas me fitava, e as mulheres me fitavam também. Retirei minha mão lentamente.

– Foi bom conhecê-lo, senhor Lewis. Lamento tê-lo chateado.

Dei as costas horrorizado, minhas entranhas desmoronando, enquanto debandava entre as mesas de volta ao bar e me juntava a Frank Edgington. Eu estava furioso, enjoado, mortificado, humilhado. Agarrei o uísque com soda de Frank e o engoli. O barman e Frank se entreolharam.

– Me dê um lápis e papel, por favor.

O barman colocou um bloco e um lápis à minha frente. Ofegante, o lápis tremendo, escrevi:

Caro Sinclair Lewis:

Você já foi um deus, mas agora é um suíno. Eu o venerava, admirava, e agora você não é nada. Fui apertar sua mão em

adoração, e você, Lewis, um gigante entre os escritores americanos, você me rejeitou. Juro que jamais hei de ler uma linha sua. Você é um grosseirão mal-educado. Você me traiu. Hei de contar a H. L. Muller sobre você, e sobre como me envergonhou. Hei de contar ao mundo.

Arturo Bandini

P.S.: Espero que você se sufoque com seu bife.

Dobrei o papel e acenei para um garçom. Ele se aproximou. Entreguei-lhe o bilhete:

– Entregue isso a Sinclair Lewis, por favor.

Ele o pegou, e dei-lhe um dinheiro. Ele entrou no salão de jantar. Fiquei na porta observando-o se aproximar da mesa de Lewis. Ele entregou o bilhete a Lewis. Lewis segurou-o à sua frente por alguns momentos, então pôs-se de pé num pulo, olhando em redor, chamando o garçom de volta. Saiu do reservado, e o garçom apontou na minha direção. Carregando seu guardanapo, Lewis deu largas passadas ao meu encontro. Disparei dali, porta afora e rua abaixo até o estacionamento, até o Cadillac de Frank, e pulei para dentro, no banco de trás. De onde sentei eu podia ver a rua, e num instante Lewis apareceu nervosamente na calçada, ainda segurando seu guardanapo. Ele olhou em volta, agitado.

– Bandini – chamou. – Onde você está? Sou Sinclair Lewis. Onde você está, Bandini?

Me sentei imóvel. Alguns momentos depois ele voltou para o restaurante. Me recostei exausto, atônito, sem reconhecer a mim mesmo, ou minhas faculdades. Me sentei em dúvida, envergonhado, atormentado, arrependido. Acendi um cigarro e traguei-o sofregamente. Um pouco depois Frank Edgington saiu do restaurante e veio para o carro. Ele entrou, encostou-se e olhou para mim.

– Você está legal?

– Legal – falei.

- O que aconteceu?
 - Não sei.
 - O que foi aquele bilhete que você escreveu?
 - Não sei.
 - Você é maluco. Quer comer?
 - Não aqui. Vamos para algum outro lugar.
 - Você que sabe.
- Ele foi para trás do volante e ligou o motor.

CAPÍTULO NOVE

Nasci em um apartamento no subsolo de uma fábrica de macarrão na zona norte de Denver. Quando meu pai ficou sabendo que seu terceiro filho também era um menino, reagiu da mesma forma que quando meus irmãos vieram ao mundo: ficou bêbado por três dias. Minha mãe encontrou-o na sala dos fundos de um boteco na rua do nosso apartamento e arrastou-o para casa. Afora isso, meu pai prestou pouca atenção em mim.

Certo dia em minha infância, parei do lado de fora da janela do banheiro da casa da minha tia e assisti à minha prima Catherine na frente do espelho do toucador ajeitando seus longos cabelos ruivos. Ela estava completamente nua – exceto pelos sapatos de salto alto de sua mãe –, uma mulher feita de oito anos. Não compreendi o êxtase que borbulhou em mim, a confusão da beleza elétrica de minha prima despejando-se em mim. Fiquei parado lá e me masturbei. Eu tinha cinco anos de idade, e o mundo adquiria uma nova e assombrosa dimensão.

Eu também era um criminoso. Me senti um criminoso, um criminoso sorrateiro, ranhento, sardento, inescrutável pelos quatro anos seguintes, até que, vergando sob o peso de minha cruz, me arrastei para minha primeira confissão e contei ao padre a verdade sobre minha vida bestial. Ele me deu a absolvição, e eu joguei fora a cruz pesada e saí para a luz do sol, uma alma livre outra vez.

Nossa família mudou-se para Boulder quando eu tinha sete anos, e eu e meus dois irmãos frequentamos a Escola do Sagrado Coração. Durante os oito anos seguintes, obtive notas altas em beisebol, basquete e futebol, e minha vida não era tumultuada por livros ou bolsas de estudo.

Meu pai, um empreiteiro de obras, prosperou durante um tempo no Colorado e me mandou para uma escola secundária jesuíta. Lá me senti miserável a maior parte do tempo. Tirava notas boas, mas a disciplina me irritava. Eu odiava o internato e ansiava por estar em

casa, mas minhas notas foram boas e, depois de quatro anos, me matriculei na Universidade do Colorado. Durante meu segundo ano na universidade, me apaixonei por uma garota que trabalhava em uma loja de roupas. O nome dela era Agnes, e eu queria casar com ela. Ela mudou-se para North Platte, em Nebraska, por causa de um emprego melhor, e eu larguei a universidade para ficar perto dela. Fui de carona de Boulder para North Platte e cheguei empoeirado, quebrado e triunfante à pensão onde Agnes morava. Sentamos no balanço da varanda, e ela não estava feliz por me ver.

– Não quero casar com você – falou. – Não quero mais ver você. É por isso que vim para cá, para não nos vermos mais.

– Vou conseguir um emprego – insisti. – Teremos uma família.

– Oh, pelo amor de Deus.

– Você não quer uma família? Não gosta de crianças?

Ela ficou de pé rapidamente.

– Vá para casa, Arturo. Por favor, vá para casa. Não pense mais em mim. Volte para os estudos. Aprenda alguma coisa.

Ela estava chorando.

– Posso ser pedreiro – eu disse, indo até ela.

Ela jogou os braços em volta de mim e depositou um beijo molhado em minha bochecha, depois me empurrou.

– Vá para casa, Arturo. Por favor.

Ela entrou e fechou a porta.

Caminhei até os trilhos da ferrovia e saltei a bordo de um trem de carga a caminho de Denver. De lá peguei outro trem de carga para Boulder e para casa. No dia seguinte, fui ao trabalho onde meu pai estava assentando tijolos.

– Quero falar com você – falei. Ele desceu do andaime e caminhamos até uma pilha de tábuas da obra.

– O que é? – perguntou.

– Larguei os estudos.

– Por quê?

- Não sou talhado para isso.
- O rosto dele se contorceu amargamente.
- O que você vai fazer agora?
- Não sei. Ainda não tenho ideia.
- Jesus, você é maluco.

Tornei-me um vagabundo em minha cidade. Vadiava por lá. Peguei um emprego capinando ervas daninhas, mas era dureza, e larguei. Outro emprego, lavando janelas. Mal consegui dar conta. Procurei trabalho por toda Boulder, mas as ruas estavam cheias de homens jovens desempregados. O único emprego na cidade era entregar jornais. Pagava cinquenta centavos por dia. Recusei. Me escorava pelas paredes das casas de bilhar. Me mantinha longe de casa. Ficava envergonhado de comer a comida que meu pai e minha mãe proporcionavam. Eu sempre esperava até meu pai sair de casa. Minha mãe tentava me animar. Ela fazia torta de nozes pecã e raviolis para mim.

– Não se preocupe – ela disse. – Espere e verá. Alguma coisa vai acontecer. Estou rezando.

Eu ia à biblioteca. Olhava as revistas, as figuras nelas. Um dia fui para as estantes de livros e puxei um livro. Era *Winesburg, Ohio*. Sentei numa mesa comprida de mogno e comecei a ler. Subitamente meu mundo virou de cabeça para baixo. O céu desabou. O livro me absorveu. Fui às lágrimas. Meu coração batia rápido. Li até meus olhos arderem. Levei o livro para casa. Li outro Anderson. Eu lia e lia, e estava deprimido e solitário e apaixonado por um livro, muitos livros, até que aconteceu naturalmente, e sentei com um lápis e um bloco comprido e tentei escrever, até que senti que não poderia continuar porque as palavras não vinham como acontecia com Anderson, elas vinham somente como gotas de sangue do meu coração.

CAPÍTULO DEZ

Não se passava uma única semana sem uma carta de minha mãe. Escritas em papel pautado de escola primária, refletiam seus medos, suas esperanças, sua ansiedade e sua curiosa visão a respeito do que acontecia no mundo. Elas me chateavam, aquelas cartas. Suas frases vojavam em minha cabeça como pássaros engaiolados, batendo as asas ao redor nos momentos mais inoportunos. Frequentemente eu apenas ria delas, outras vezes elas me iravam e me frustravam, e eu sentia pena de minha pobre e inocente mãe:

Tenha cuidado, Arturo. Reze. Lembre-se de que uma Ave Maria para a Virgem Maria vai lhe garantir qualquer coisa. Use seu escapulário. Ele foi abençoado pelo padre Agatha, um homem muito santo. Graças a Deus todos vocês têm um...

Joe Santucci, meu vizinho e companheiro de escola secundária, havia completado o serviço militar na marinha e agora estava em Boulder de novo. Minha mãe escreveu:

Pobre senhora Santucci. Seu filho está de volta depois de três anos e é um comunista. Ela me pediu para rezar por ele. Um rapaz tão bom. Falei com ele esta manhã, e não pude acreditar que ele seja um comunista. Ele parece o mesmo....

Por favor, mande-nos algum dinheiro quando puder. Nossa conta na mercearia está em US\$ 390. Agora eu pago em dinheiro, mas não há o suficiente, e seu pai ficou sem trabalho por duas semanas....

Sinto sua falta o tempo todo. Encontrei um par de meias suas com furos, cerzi-as e comecei a chorar. Faça suas orações. Fui à missa nesta manhã e tomei a comunhão para sua boa sorte....

Joe Santucci falou ao papai sobre Los Angeles. Ele diz que as mulheres são más e estão por toda parte e que há botecos

em tudo que é lugar. Use seu escapulário como proteção. Vá à missa, tente encontrar algumas boas garotas católicas....

Estou contente que você esteja trabalhando num restaurante, e no outro emprego como escritor. Mande-me algum dinheiro se puder. Seu pai machucou a mão e não pode trabalhar por um tempo. Sentimos sua falta. Experimente fazer uma novena. Ninguém jamais rezou uma novena sem obter ajuda....

Mandei a ela US\$ 200 do meu primeiro cheque-salário do estúdio e por fim quitei a conta da mercearia.

CAPÍTULO ONZE

A senhora Brownell e eu estávamos passando por uma certa turbulência. Ela tinha dúvidas sobre meu trabalho no estúdio e tomava cuidado para não me questionar sobre isso. Ficávamos juntos em silêncio durante longos períodos, e era difícil puxar conversa fiada. Sentados em frente ao rádio, escutávamos Jack Benny, Bob Hope e Fred Allen até a hora de ir para a cama. Deitávamos no escuro e fitávamos o teto até o sono chegar. Eu me sentia muito distante dela, afastando-me à medida que a estranheza aumentava. Ela estava fria e calada pela manhã, o abismo se alargava. Estava chegando – e eu sabia – uma separação, uma ruptura. Disse a mim mesmo que não me importava. Eu estava trabalhando, tinha dinheiro. Eu não tinha que ficar naquele hotel antigo. Poderia me mudar para Hollywood agora, para as colinas de Hollywood. Podia alugar minha própria casa e até contratar uma faxineira. Bunker Hill não era para sempre. Um homem tem que seguir em frente.

Pensar nela me deprimia. Sentava em meu escritório e me remoía pensando no quanto ela era velha – cinco anos mais velha que minha própria mãe –, engasgava e tentava tossir o desgosto para longe. Pensava no rosto dela, as pequenas linhas em volta de seus olhos, as linhas em seu pescoço, a pele enrugada de seus braços, seu corpo velho, as nádegas muito pequenas, seus vestidos compridos demais, o estalo de seus joelhos quando sentava, suas bochechas encovadas quando tirava as dentaduras, seus pés frios, suas maneiras antiquadas do Kansas. Eu não precisava daquilo, dizia a mim mesmo. Tinha apenas que dar as costas para fazer desaparecer. Poderia ter qualquer garota na cidade, qualquer *starlet*, talvez até mesmo uma estrela. Tudo que eu tinha de fazer era me empenhar. Não era certo desperdiçar meus melhores anos com uma mulher velha que só me retribuía com opiniões ultrapassadas. Eu precisava de uma criatura esperta e adorável, familiarizada com as

artes, mergulhada na literatura, alguém que amasse Keats, Rupert Brooke e Ernest Dowson. Não uma mulher que tirasse sua inspiração literária do jornal de sua cidade natal no Kansas. Ela tinha me ajudado, sim, tinha sido gentil comigo, sim, mas eu tinha sido gentil com ela também. Havia dado meus fluidos para ela, servido como amigo e companhia. Agora era hora de seguir em frente.

Olhei em volta de meu escritório e suspirei. Eu adorava aquilo tudo. Tinha nascido para aquilo. Talvez não estivesse escrevendo uma linha, mas tinha encontrado meu posto. Estava fazendo um bom dinheiro, e o futuro era ilimitado. Tinha que me afastar daquela mulher.

Fiquei sentado a manhã inteira, ruminando desalentado, pois era sempre assim comigo, esquadrinhando as cinzas, procurando defeitos, soterrado pelo desespero. Ao meio-dia ela telefonou, meu coração deu pulos, e fiquei contente.

– Ainda bravo? – perguntou.

– Não. E você?

– Não – ela disse –, sinto muito. Não sei o que deu em mim.

– Não foi culpa sua. Foi minha. Não sei por quê. Nunca sei por quê. É você que deve me perdoar.

– Eu perdoo, eu perdoo. Você é um amor de rapaz. Você é bom para mim. Não devemos discutir.

– Nunca mais. Vamos nos divertir. Vamos celebrar.

– Eu adoraria. Vamos fazer alguma loucura.

– Que tal um bom jantar primeiro?

– Vou usar minha roupa nova.

– Também tenho uma roupa nova.

– Use-a.

– Eu te amo – falei. – Você é a mulher mais querida do mundo. Vamos fazer uma festa.

Ela não estava lá quando retornei ao hotel às seis horas. Havia um bilhete para mim em cima da mesa. Volto logo, dizia. Voltei para

o meu quarto, tomei uma ducha e coloquei meu terno novo. Eu nunca havia usado ele antes. Uma bela peça de US\$ 200 feita à mão. Me estudei no espelho. O reflexo era perfeito: um escritor caro. As ombreiras eram um pouco mais estufadas do que eu queria, mas era um traje agradável. Éramos feitos um para o outro. Caminhei pelo corredor até o saguão, e ela estava lá, atrás da mesa, radiante quando a beijei. Estava com um lenço sobre seu cabelo. Ela o retirou e se ajeitou.

– Gostou? – perguntou. – É estilo pajem.

Seu cabelo acinzentado tinha sido virado para dentro nas pontas em um rolo forçado. Aquela coisa rígida de salão de beleza. Analisei, mas não pude formar uma opinião.

– Ótimo – falei. – Bonito.

Notei um toque de rouge em suas bochechas. Parecia supérfluo.

– Aonde vamos? – perguntou.

– Primeiro vamos ao Rene and Jean's.

– Adorável – ela disse. – Vamos tomar um coquetel.

Entramos no apartamento dela, e havia dois martinis sobre a mesa. Ergui um e brindei a ela:

– À garota mais gentil, mais doce do mundo.

Ela sorriu e sorveu seu drinque. Ele a fez tossir, e ela riu. Enquanto ela se vestia, me sentei e tomei mais alguns. Ela ficou no banheiro por um longo tempo. Quando emergiu, desfilando afetadamente de brincadeira, exibiu seu traje à Joan Crawford, com ombreiras largas e saia justa. Ela estava mais alta, em sapatos de salto alto com tiras nos tornozelos. Senti um arrepio de luxúria e a beijei. Havia uma fina película de batom escarlata em sua boca. Talvez fosse excessivo. Eu não sabia. Fiquei me indagando.

Pegamos meu carro e fomos de Wilshire para Vermont e paramos no estacionamento do Rene and Jean's. Íamos ao restaurante frequentemente, e era um grande prazer ser recebido pelo velho Jean e pelos garçons. Bebemos vinho e comemos demais. Quando estava na hora de partir, ela perguntou:

– Para onde agora?

Eu estava pronto para aquilo.

– Deixe comigo.

Voltamos por Wilshire e viramos na direção do Ambassador Hotel. Ela estava calada, sorridente e um pouco desalinhada. Encostadas no assento, as largas ombreiras de seu traje sob medida haviam perdido a elegância e pareciam exageradas. No Ambassador eu virei na entrada, parei o carro e saí. Ela desceu do carro e olhou em volta, aturdida.

– Vamos – eu disse, guiando-a pelo braço na direção do hotel.

– Aonde estamos indo? – ela perguntou.

– Ao Coconut Grove e à música de Anson Weeks.

Ela guinchou e apertou meu braço deleitada.

– É tão bom estar com um escritor famoso!

– Famoso não, mas trabalhador.

Caminhamos até a entrada do hotel.

– Meus pés estão doendo – ela sussurrou.

Os acordes da música de Anson Weeks sopravam do salão de baile quando entramos no saguão. A música era *Where the Blue of the Night Meets the Gold of the Day*[3]. Segurei o braço dela e pude sentir o pulsar de seu coração.

– Estou tão feliz – ela disse. – Sempre quis vir ao Coconut Grove e cá estou eu.

O maître nos recebeu e fez uma mesura:

– Boa-noite.

Inclinei a cabeça:

– Gostaríamos de uma mesa.

Ele nos conduziu ao grande salão resplandecente com suas luzes coloridas e coqueiros. Na pista de dança, casais deslizavam com a música, e spots lançavam raios coloridos sobre as paredes e o teto. Nossa mesa ficava na segunda fila. Sentamos.

– Gostariam de um coquetel agora? – perguntou o garçom.

A senhora Brownell estava tão sem fôlego que só conseguiu assentir com a cabeça.

– Vou querer um conhaque – falei.

Ela pôs sua mão sobre a minha na mesa.

– Vou querer um também – ela disse.

O garçom desapareceu. Observamos os pares que dançavam.

– Não sei dançar – eu disse. – Pelo menos, não muito bem.

Ela apertou minha mão de novo:

– Vou lhe ensinar.

Comecei a levantar.

– Vamos tentar – falei.

– Não agora – ela soprou. – Vamos esperar uma música ou duas.

Então o garçom retornou com nossos drinques. Colocou um conhaque à minha frente e sorriu enquanto servia a senhora Brownell.

– Aqui está o seu, mãe – ele disse.

Aquilo a cortou como uma faca. Seus olhos atônitos me fitaram. Pareciam atingidos pela culpa, embaraçados, intimidados. Baixou a cabeça, e pensei que fosse chorar. Mas não chorou. Ela ergueu o rosto e sorriu bravamente. O garçom embaraçado se afastou.

– Beba seu conhaque – insisti.

Ela sorveu cuidadosamente, e nossa atenção voltou-se para os pares que dançavam.

O que aconteceu na sequência foi meu esforço para fazer uma piada, para animá-la, para fazer pouco caso da gafe do garçom. A banda começou a tocar uma valsa de Strauss. Então eu disse:

– Vamos dançar, querida mãe?

Ela olhou apavorada, mordendo o lábio e me encarando desamparadamente, seus olhos subitamente transbordando em lágrimas. Chorando incontrolavelmente, sacudiu a mesa ao se erguer

e disparou na direção do saguão. Engoli meu conhaque e saí às pressas atrás dela. Ela não estava no saguão nem na escada, e saí a tempo de ver um táxi partindo da entrada com a senhora Brownell no assento de trás. Corri atrás dela chamando, mas o táxi acelerou. Voltei ao Grove, paguei minha conta e fui para o meu carro.

Que trapalhada. Voltei para o hotel relutantemente. Detestava ter de encará-la, e as suas lágrimas, mas tinha que ser. Girei a chave na porta do apartamento dela e entrei. Do banheiro vinha o sibilar da água do chuveiro. Esparramado pelo chão, brutalmente descartado, estava o traje à Joan Crawford, como se arrancado do corpo dela e chutado para o lado. Sua blusa pendia sobre uma cadeira, seus sapatos e meias descuidadamente descartados.

Fiquei só de cuecas e deslizei para o meio das cobertas do divã do estúdio, dobrando os braços atrás de minha cabeça, esperando que ela aparecesse. Eu não tinha nada a dizer. Decidi deixar por conta dela. Finalmente ela emergiu, vestida em seu traje de dormir, minha presença inesperada irritou-a. Ela havia lavado o cabelo, lavado o penteado, e seu cabelo pendia em fios úmidos. Seu rosto estava limpo, lavado e enrugado.

– Por favor, saia – falou.

– Sinto muito.

Ela atravessou até a janela e a escancarou. O frescor da noite soprou para dentro, vindo da encosta. Sem uma palavra, ela juntou minhas roupas, meu casaco e calças, minha camisa, meus sapatos. Primeiro pensei que ela estivesse arrumando. Em vez disso, virou-se para a janela e jogou tudo fora, na escuridão da noite. Pulei da cama e corri para a janela. Vi minhas roupas lá embaixo, esparramadas pelo terreno coberto de ervas daninhas. Era uma inclinação bem íngreme. Meus trajes espalhados pareciam cadáveres. Minhas calças pendiam do galho de uma árvore. Fuzilei-a com o olhar.

– Satisfeita?

– Não até você ir embora.

Comecei a juntar as roupas dela – o traje à Joan Crawford, a blusa, a anágua. Ela correu para me deter, e lutamos aos puxões e empurrões, mas eu era mais forte e rompi seu cerco, e joguei as coisas dela pela janela. Com um sorriso eu disse:

- Agora eu vou.
- E não volte – bufou.

Caminhei pelo corredor até meu quarto, coloquei um robe e chinelos, e rumei para uma porta nos fundos do hotel, que dava para o quintal. Enquanto eu escalava a encosta até as minhas roupas, vi a senhora Brownell abrindo caminho encosta acima. Fuzilamos um ao outro com os olhos e começamos a juntar nossas coisas. Tive que subir na árvore para alcançar minhas calças. Quando descí, ela estava rastejando de volta para a frente do hotel. Aos meus pés estava um dos sapatos dela. Eu o peguei e atirei. O sapato atingiu-a na bunda. Irada, ela o pegou e arremessou contra mim. Ele passou voando por cima da minha cabeça.

Eu estava muito triste quando voltei para meu quarto. Mulheres! Eu não sabia nada sobre as mulheres. Não havia como entendê-las. Abri uma valise e despejei minhas coisas dentro. O quarto falou comigo e me implorou para ficar – a pintura de Maxfield Parrish na parede, a máquina de escrever sobre a mesa, minha cama, minha cama maravilhosa, a janela com vista para a colina, fonte de tantos sonhos, tantos pensamentos, tantas palavras, uma parte de mim, o eco de mim mesmo rogando-me para ficar. Eu não queria ir, mas, não havia como negar, de algum modo eu tinha vacilado e me expulsado, e não tinha volta. Adeus a Bunker Hill.

[3] *Where the Blue of the Night Meets the Gold of the Day*: Onde o azul da noite encontra o dourado do dia. (N. E.)

CAPÍTULO DOZE

Quando Frank Edgington soube que eu não tinha onde morar convidou-me para sua casa nas colinas acima de Beechwood Drive. Era uma residência de dois dormitórios em um bosque de eucaliptos. Ele mostrou meu dormitório e colocou minha valise no chão nu. Não havia cama no quarto – só um colchão de casal empurrado contra a parede.

Morar com Edgington foi uma experiência estranha. Seu estilo emergia da infância, e os jogos que disputávamos em seu escritório não eram nada comparados aos jogos espalhados por sua sala de estar. Mergulhávamos na glamorosa, romântica, cativante vida em Hollywood, começando com um jogo de pingue-pongue na garagem. Depois mudávamos para a cozinha e enchíamos nossos copos com vinho de mesa. E dali para a sala de estar, nos atirando no chão e vibrando com o jogo da pulga. Quanto mais bebíamos, mais alucinadamente jogávamos. Combatíamos um ao outro nos dardos. Às vezes pegávamos no sono jogando bingo. Era uma coisa pura e inocente, e, quando chovia e a água ribombava no telhado, acendíamos o bico de gás da lareira, e era como voltar aos tempos de garoto, junto a uma fogueira nas montanhas.

Eu raramente via meu chefe, Harry Schindler. Quando o encontrava no elevador ou no corredor, ele agarrava meu braço afetuosamente e me conduzia pelo caminho.

- Como está indo?
- Tudo certo – eu respondia –, tudo bem.
- Você está fazendo um puta trabalho. Continue assim.
- Não estou escrevendo, Harry. Quero escrever.
- Agente firme. Vá com calma. Deixe que eu me preocupo com seus escritos.

Todos os dias a sala de recepção que dividíamos estava cheia de pessoas misteriosas esperando para vê-lo. Deviam ser escritores, diretores, pessoal de produção. Quando eu perguntava para minha secretária quem eram, ela não me dizia. À medida que o tempo passava, eu me sentia como um órfão, um pária, improdutivo, desconhecido e exilado. O dinheiro me mantinha lá, a ausência da pobreza, o medo de seu retorno. A ideia de ser ajudante de garçom outra vez me dava calafrios. Peguei minha cadernetinha de poupança e estudei os números. Eu tinha mais de US\$ 1.800 e ainda mandava dinheiro para casa. Não tinha motivos para reclamar.

Certa manhã, Thelma bateu na minha porta e a abriu.

– Harry quer ver você.

Encontrei Schindler acendendo um charuto novo.

– Talvez eu tenha algo para você muito em breve – ele disse.

Fiquei excitado.

– Você quer dizer um trabalho?

– Talvez. Estamos negociando.

– O que é?

– Um romance, *The Genius*, de Theodore Dreiser.

– Oh, meu Deus! Quando você vai saber?

– Em algumas semanas.

Deixei seu escritório encantado. Thelma observou meu rosto. Me curvei e beijei-a na boca.

– Consiga-me uma cópia de *The Genius*, de Theodore Dreiser.

O romance veio da biblioteca do estúdio em uma hora, e comecei a ler. Era um romance muito longo, e no fim da semana eu já o havia lido duas vezes e compilado um caderno de notas com ideias sobre como convertê-lo em um filme.

Dois meses depois eu lia *The Genius* pelo que deveria ser a décima vez e tinha quatro cadernos de anotação preenchidos com observações empilhados em minha mesa. Eu pulava sempre que o telefone tocava, pensando que fosse Schindler. Mantinha minha

porta aberta esperando que ele aparecesse na sala da recepção. O escritório dele tinha outra porta dando para o corredor. Sempre que a ouvia, eu pulava e corria para fora. Algumas vezes ficava esperando ele aparecer. Era como se ele absolutamente não me visse enquanto passava. Eu escapulia de volta para meu escritório e ficava ruminando.

Por que ele estava fazendo isso? O que estava acontecendo comigo? Haveria alguma conspiração contra mim no mundo? Eu o teria ofendido? Não tinha ele me oferecido esse emprego? Estava eu amaldiçoado por Deus Todo-Poderoso? Talvez minha mãe estivesse certa. Perca sua fé, e você perde tudo. Estaria ela mais bem informada do que eu sobre os caminhos do Senhor? Será que era tarde demais para eu me emendar? Caminhei até o estacionamento, entrei no meu carro e fui por Sunset até a igreja católica. Ajoelhando no banco da frente, rezei:

– Por favor, Deus, faça algo a respeito daquele trabalho. Não pedi nada durante anos. Faça isso por mim, e voltarei para os braços da Santa Madre Igreja pelo resto de meus dias.

Pouco depois apareceu um padre e entrou no confessionário. Algumas velhas ajoelharam-se nas proximidades. Fui me ajoelhar com elas. Então chegou minha vez, e entrei no confessionário. Através da grade de madeira, vi o rosto branco do padre. Eu não tinha nada a dizer. A culpa por pecados passados havia me deixado. Me ajoelhei ali embaraçado. Passou-se um tempo. O padre se movimentou. Os olhos dele buscaram os meus através da grade.

– Sim? – perguntou.

– Desculpe – sussurrei –, não me preparei.

Levantei e me afastei pelo corredor e através das pesadas portas da rua. Fiquei mais desanimado que nunca, porque, em algum lugar de meu coração, sempre tinha havido a convicção de que a Igreja era a minha carta na manga. Eu sempre acreditara nisso sem enunciá-lo. Agora a convicção se fora, e eu estava perdido e encarando um mundo hostil. Fui até meu carro e entrei nele. De

repente, desesperadamente, saí de novo e voltei às pressas para a igreja, ajoelhei e tentei rezar.

Murmurei uma Ave Maria e a vi interrompida por Thelma Farber. Ave Maria cheia de graça e Thelma Farber nua em meus braços. Santa Maria, mãe de Deus, beijando os seios de Thelma Farber, apalpando seu corpo e correndo minhas mãos por suas coxas. Rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte, e meus lábios moveram-se para as ancas de Thelma, e eu a beijei extasiado. Eu estava perdido, me contorcendo. Senti meu corpo ajoelhado ali, a dureza em minhas ancas, a plenitude de uma ereção, o absurdo daquilo, a enlouquecedora dicotomia. Levantei e saí ventando dali para o meu carro, e parti, apavorado, tremendo, absurdo.

Fiquei contente quando voltei para o meu escritório. Era como um ninho que me confortava. Thelma não estava lá. Fechei a porta, sentei à minha mesa e acendi um cigarro. Coisas misteriosamente perturbadoras estavam acontecendo comigo. Eu havia saído do mundo, e agora era difícil encontrar o caminho de volta. Pensei em Frank Edgington no fim do corredor. Talvez pudesse contar meu problema para ele. Mas não ia dar certo. Edgington era muito sardônico, muito impaciente. Ele simplesmente iria rir e pôr a culpa em minha origem caipira.

Bateram na porta. Era Thelma. Minutos antes eu havia ajoelhado na igreja e beijado suas ancas, e ali estava ela de novo. Ela percebeu alguma coisa.

– Você está bem? – perguntou.

– Claro.

– Harry quer vê-lo.

– Para quê?

– Como vou saber?

Atravessei a sala de recepção até a porta de Schindler e bati.

– Entre.

Abri a porta e o encontrei sentado lá.

– Você queria me ver?

– Más notícias.

Me aproximei.

– Não podemos comprar o livro de Dreiser – ele disse.

– Por que não?

– Não está à venda.

De algum modo aquilo não parecia importante.

– E agora? – perguntei.

– Continue o que você está fazendo.

– Tenho páginas e páginas de notas sobre o livro de Dreiser. Você quer vê-las?

– Não – falou –, esqueça.

– Me dê alguma coisa para escrever.

– Não tenho nada.

Fiquei com raiva.

– Pense em alguma coisa, seu desgraçado!

Ele olhou para mim com o queixo retesado e pôs-se de pé lentamente.

– Saia daqui.

Dei a volta e saí, de volta para meu escritório. Então eu senti meu pesar, a margem do mundo, a solidão de estar longe e perdido, e fiquei chorando. Me joguei no sofá do estúdio e desabafei, soluçando. Thelma veio até a porta. Ela falou suavemente.

– Arturo, o que é isto?

Sentei e contei a ela o que Schindler havia dito e comecei a chorar de novo.

– Coitadinho de você!

Ela veio até o sofá e sentou. Senti o peso de seu corpo afundando no sofá. Pareceu bom. Encorajado, soluzei de novo. Ela passou seu longo braço macio em volta do meu ombro e enxugou meus olhos com seu lenço. Ele estava perfumado com sua

fragrância. Me virei para ela e coloquei minha cabeça em seu ombro. Ela me abraçou gentilmente.

– Me ajude, Thelma – eu disse. – Estou tão infeliz.

Ela enxugou meus olhos úmidos e me trouxe para mais perto, seu peito apertado contra o meu.

– Oh, Thelma, me ajude!

– Pronto, pronto – me acalmou, acariciando meu cabelo.

– Oh, Thelma, me beije!

Ela levantou, foi até a porta e a fechou, então voltou para sentar do meu lado de novo.

– Oh, Thelma. Se você apenas soubesse o quanto eu ansiava por você, o quanto eu queria pegá-la em meus braços, beijá-la.

– Eu imaginava – falou. – O modo como você olhava para mim, eu sempre soube.

Deitei no sofá e a puxei para mim, sua boca na minha, macia, fresca e inteira. De repente, apalpei minha braguilha e puxei o zíper, enquanto ela se levantava e erguia sua saia e abaixava as calcinhas brancas. Ela foi para o chão e se esparramou.

– Depressa – sussurrou.

Rolei para fora do sofá e me posicionei entre suas longas pernas lisas e com meias, mas o zíper ainda me causava problemas, e eu lutava desesperadamente contra ele. As mãos dela revistaram meu cinto, e com um puxão violento minhas calças foram arriadas. Me inclinei sobre ela, minha peça no ponto enquanto eu procurava cravá-la, mas errei, e errei de novo, e com um gritinho de contrariedade ela pegou a coisa e tentou inseri-la, e naquele momento ouvi o clique na maçaneta e o som da porta abrindo, virei os olhos na direção da porta e vi Harry Schindler olhando para nós. A vida abandonou a peça, e não pude fazer nada além de jazer ali estupefato, enquanto Thelma jazia chocada, segurando a coisa mole em uma mão.

– Certo, Thelma – disse Schindler calmamente. – Largue esse cogumelo e dê o fora daqui.

Ela levantou, ajeitou o vestido e olhou para ele com desprezo e desdém. Passou por ele pisando duro e saiu da sala, as calcinhas em uma mão.

– Vejo você mais tarde! – ele ameaçou.

Ela atirou a cabeça para trás, desdenhosa.

Fiquei de pé e levantei minhas calças.

– Vamos falar – disse Schindler.

Ele deu a volta e saiu.

Encontrei-o esperando por mim, seus pés sobre a mesa, um charuto novo em sua boca. Ele olhou para mim com um sorriso de escárnio.

– Não posso acreditar – falou. – Não é possível.

– Lamento, Harry.

– Lamenta o quê? Não foi sua culpa. Nunca é.

– Mas foi. Eu a seduzi.

Ele deixou seus pés caírem no chão e inclinou-se para a frente.

– Escute, garoto. Ela come escritores vivos. Quero dizer grandes escritores, ganhadores de prêmio Pulitzer, escritores oscarizados, escritores de US\$ 3 mil por semana. É isso que eu não entendo. Você! Você não tem sequer um crédito na tela!

Eu não sabia se ele estava me elogiando ou não.

– Apenas aconteceu – falei. – Eu mal acreditei. Mas não fique contra ela. Quero dizer, não a despeça.

– Estou despedindo você – disse Schindler. – A partir de agora, você está fora.

– E quanto a Thelma? Ela também está despedida?

– Não posso despedi-la. Nunca irei despedi-la. Eu a quero por perto para poder ficar de olho nela, mas vou lhe dizer uma coisa: se acontecer de novo, vou me divorciar dela.

– Oh, Deus, Schindler – falei e saí atordoado.

CAPÍTULO TREZE

Você tem que ter um agente. Senão, você é um marginal, um desconhecido. Ter um agente lhe dá status, mesmo que ele nunca consiga nada. Quando um escritor pergunta a outro "Quem é o seu agente?" e você responde "Não tenho nenhum", ele imediatamente presume que você não tem talento. O agente de Edgington era Cyril Korn.

– Você não vai gostar dele – avisou Edgington –, mas ele é bom.

Mandei três histórias de revistas para o escritório de Korn em Beverly Hills e esperei seu telefonema.

Ele nunca aconteceu. Por fim, Edgington ligou para ele e marcou um encontro para mim. O escritório dele ficava em um edifício novo em Beverly Drive. Sua secretária me anunciou, e sentei para esperar. Duas horas depois, fui admitido no escritório do grande homem.

Ele estava em pé no meio de sua sala acarpetada, batendo bolas de golfe para dentro de um copo. Sequer disse olá. Finalmente, afagando seu taco com grande concentração, falou sem olhar para mim.

– Li seus contos – disse.

– Gostou?

– Detestei. Você não tem nenhuma chance de emplacar esse tipo de lixo em filmes.

– Não estou tentando emplacar filme nenhum. Só queria provar que sei escrever.

Ele guardou o taco e olhou para mim pela primeira vez.

– Não acho que você saiba.

– Quer dizer que não quer me agenciar?

– Você já escreveu algum roteiro de cinema?

– Não, mas escrevi um esboço para Harry Schindler. Fiz *The Genius*, de Dreiser.

– E ele despediu você. Já colaborou com mais alguém?

– Não.

– Tenho uma cliente que precisa de um colaborador, alguém que seja jovem, simples e sem manias. O nome de minha cliente é Velda van der Zee. Já ouviu falar nela?

– Nunca.

– Por onde você andou todos esses anos? Velda van der Zee escreveu mais roteiros de cinema do que você escreverá em três vidas.

– Você acha que trabalharíamos bem juntos?

– É uma grande oportunidade para você. Talvez consiga um crédito na tela.

– Gostaria de tentar.

– Eu aviso você.

O telefone tocou. Korn pegou-o e gesticulou para mim com um aceno de mão. Aquilo significou: saia. Fui embora desgostoso. Ele tinha me humilhado, me insultado e me enchido de angústia, e eu não queria nada com ele. Durante o caminho de volta para casa, eu cerrava os dentes quando pensava nele parado lá de pé em um colete de veludo vermelho jogando bolas de golfe. Preferiria sair do ramo a tê-lo como meu agente. Preferiria servir mesas na lanchonete de Abe Marx do que tê-lo como meu representante. Quando contei sobre nosso encontro para Frank Edgington, ele sorriu calmamente.

– Ele é esquisito, mas é um bom agente. Espere e veja o que acontece.

– Não vou nem falar com o filho da puta.

Na manhã seguinte, telefonaram do escritório de Cyril Korn. Era a secretária:

– O senhor Korn gostaria de vê-lo às duas horas da tarde de hoje – e desligou.

Às duas horas, sentei à espera no escritório de Korn. Às quatro, depois de um maço de cigarros, fui admitido.

Lá estava Cyril Korn atrás de sua mesa, colete vermelho e tudo, conversando com uma mulher sentada na frente dele. Era uma mulher grande, espalhafatosa, com seios que pareciam melões, usando um chapelão e brincos de pingentes. Sua maquiagem era pesada, seus lábios, vermelhos demais. Ela sorriu para mim.

– Velda – disse Korn –, quero que conheça Arturo Bandini. Ele diz que é escritor.

Velda estendeu sua mão cheia de joias, e eu a apertei.

– Fico feliz em conhecê-la – eu disse.

– Um prazer – ela respondeu.

Korn levantou.

– Vou deixar vocês dois por um momento – ele disse. – Quero que leiam uma coisa.

Ele ergueu um par de manuscritos de sua mesa e entregou um para cada um de nós.

– Leiam isso e me digam o que acham. Estarei de volta em uma hora. – Saiu do escritório e fechou a porta.

– Você é *bem* jovem, não é? – disse Velda.

– Posso ser jovem, mas sou um tremendo escritor.

Ela riu. Seus dentes eram falsos.

– Sabe de uma coisa? – falou. – Você parece Spencer Tracy. Vi Spence esta manhã no Musso-Frank's. Tomamos café da manhã juntos. Ele ficou me contando sobre o trabalho com Loretta Young, o quanto ele adorou. Ela é realmente deslumbrante, você não acha? Conheço Loretta, Sally e a mãe delas. Uma família adorável. Ela era contratada da Metro quando eu estava por lá. Costumávamos almoçar juntas, Loretta, eu, Carole Lombard e Joan Crawford. Você adoraria Joan. Que bela mulher. E Robert Taylor! Juro que ele é o

homem mais bonito de Hollywood, excluindo Clark Gable, é claro. Clark e eu somos velhos amigos. Conheci-o quando ele estava começando. Vi-o subir até o topo, e olhe só para ele agora! Dizem que está apaixonado por Claudette Colbert, mas não acredito nisso. Vi-o no clube de tênis outro dia e perguntei se era verdade. Ele deu aquela sua divertida risada masculina, me beijou na bochecha e disse: "Quer a verdade, Velda? Estou apaixonado por você!" Não foi impagável? John Barrymore sempre dizia a mesma coisa para mim. Tão engraçado! Nada a ver em absoluto com Lionel ou Ethel, mas uma alma livre, um homem romântico como um poema. Algumas pessoas dizem que Errol Flynn é mais bonito, mas eu não posso acreditar. Ronald Coleman, porém, tem alguma coisa a mais: tão vivaz, com olhos cintilantes e maneiras principescas. Ele deu uma festa há umas duas semanas em Santa Bárbara. Deve ter sido o sarau mais maravilhoso da história de Hollywood. Norma Shearer estava lá, e Tallulah Bankhead, Alice Faye, Jean Harlow, Wallace Berry, Richard Barthelmess, Harold Lloyd e Douglas Fairbanks Jr. Oh, foi fabuloso, uma noite que jamais esquecerei!

Ela parou para respirar.

– Mas cá estou eu falando sobre mim mesma, como sempre. Diga-me, você gosta de Hollywood?

– Às vezes sim – falei – e às vezes não.

– Não é engraçado? – ela exclamou. – Pat O'Brien me disse a mesma coisa na semana passada, na Warner Brothers. Estávamos almoçando no Green Room, na Warner Brothers: Pat, eu, Bette Davis e Glenda Farrell. Não sei por que entramos no assunto de Hollywood, mas Pat pareceu muito reflexivo e disse exatamente o que você acabou de dizer.

A porta abriu, e Cyril Korn retornou.

– Como vocês estão se dando? – perguntou.

– Muito bem – disse Velda van der Zee. – Faremos uma grande dupla.

Ele virou para mim.

– Você gosta da história? – perguntou.

– Claro que ele gosta – Velda falou. – Está apaixonado por ela, não é, Arturo?

– Acho que sim.

Korn esfregou as mãos.

– Então está combinado. Vou ligar para Jack Arthur e dizer que está fechado.

– Quem é Jack Arthur? – perguntei.

Antes que ele pudesse responder, Velda disse:

– Jack Arthur vem a ser um dos mais agradáveis produtores de Hollywood. É um íntimo amigo meu há dez anos. Fui dama de honra em seu casamento e madrinha de seus dois filhos. Preciso dizer mais?

– Não – falei. – Está bem, está bem.

Uma coisa sobre Cyril Korn: quando ele queria que você fosse embora, quase o atirava para fora. Ele voltou para sua mesa e sentou:

– É isto, garotos. Ficarei em contato.

Saí com Velda. Descemos de elevador para o térreo e saímos para o estacionamento.

– Você sabe alguma coisa sobre luta índia? – perguntou.

– Não muito – respondi.

– Na noite passada, na casa de Jeannette McDonald, Lewis Stone e Frank Morgan mediram forças em uma luta índia. Foi um estouro. Se puxaram e se empurraram até seus rostos ficarem cobertos de suor. E sabe quem ganhou?

– Quem?

– Lewis Stone! – exclamou. – Aquele refinado cavalheiro de idade derrotou Frank Morgan em luta índia. Todos gargalharam e aplaudiram.

Dei uma olhada nela. Seu rosto redondo estava corado de excitação. As palavras tombavam de seus lábios sem cessar. Era uma doida, sem dúvida alguma. Vivia num mundo de nomes, não de corpos, não de seres humanos, mas de nomes famosos. Possivelmente, nada do que ela dizia devia ser verdade. Ela simplesmente inventava enquanto tagarelava. Era uma mentirosa, uma adorável mentirosa, sua mente borbulhando com mexericos despropositados.

Ela me conduziu até seu carro, um Bentley cor de bronze.

– Uau! – falei.

Ela sorriu exultante para seu carro polido.

– Parece caro – eu disse.

Aquilo a agradou.

– Eu o comprei de Wallace Beery – ela disse. – Wally optou por um Rolls Royce, e o consegui por uma pechincha.

Ela escancarou a porta traseira, e eu espiei para dentro. O banco era de um tecido aveludado verde. Havia uma mancha no meio, uma mancha marrom. Ela sorriu.

– Você está olhando para o ponto marrom, não está? Foi Claire Dodd que fez isso. Levei-a para casa depois de uma festa de Jeannette McDonald, e ela derramou um cálice de vinho ali. Pobre Claire! Tão envergonhada! Ela queria pagar a limpeza, mas eu jamais aceitaria. Afinal, para que servem os amigos?

– Quer que eu telefone para você? – perguntei.

Ela me deu seu número, e apertamos as mãos.

– Posso lhe dar uma carona?

– Tenho um carro – falei, apontando para meu Plymouth com a cabeça.

– Não é um Ford? – ela perguntou.

– Quase – respondi. – É um Plymouth.

– Eu tinha um. Eles são muito desconfortáveis.

Nos despedimos e fui para meu carro desconfortável.

O script que Cyril Korn nos dera era de Harry Browne. Era a história de uma guerra no campo: a luta entre criadores de gado e pastores de ovelha. Os criadores de gado eram os vilões, e os pastores de ovelha eram os mocinhos. Também havia uma tribo de índios hostis que capturava Julia, a heroína, e a aprisionava em sua aldeia. Quando os pastores de ovelha e os criadores de gado ficavam sabendo de sua captura, uniam as forças e saíam cavalgando para resgatar Julia. Depois da batalha na qual Julia era salva, os criadores de gado e os pastores de ovelha apertavam as mãos, e a guerra no campo chegava a uma solução pacífica.

Alguns dias mais tarde, Velda van der Zee e eu andamos no Bentley de Ventura até o Liberty Studios para encontrar o produtor, Jack Arthur. Sentei a seu lado, enquanto ela dirigia o magnífico e silencioso veículo. Ela disse que gostou da história. Era um clássico, um candidato certo aos prêmios da academia. Ela visualizava Gary Cooper e Claire Trevor nos papéis principais, com Jack La Rue fazendo o papel de Magua, o chefe índio.

– Gary Cooper é meu amigo – falou. – Vou dar o roteiro para ele. Ele tem minha opinião em alta conta.

– Parece bom – falei.

Paramos no estacionamento do Liberty Studios e caminhamos pelo corredor até o escritório de Jack Arthur. Jack Arthur fumava cachimbo. Ele beijou Velda na bochecha e apertou minha mão.

– Bem – ele disse –, o que vocês acharam da história?

– Impagável – respondeu Velda. – Adoramos.

– Ela tem possibilidades – disse Arthur. – Vocês estão prontos para o trabalho?

– Claro – Velda falou. – Como vão as crianças?

– Elas estão ótimas, ótimas.

– Você tem que conhecer os filhos de Jack, Arturo. São as criaturas mais encantadoras do mundo.

Jack Arthur ficou radiante.

– Vocês vão precisar de um escritório – ele disse, pegando o telefone.

Velda disse rapidamente:

– Isto não será necessário. Vamos trabalhar na minha casa. – Ela virou-se para mim e sorriu. – Tudo bem para você, Arturo?

– Ótimo, ótimo – falei.

– Certo, então – disse Arthur. – Vou entrar em contato com Cyril Korn e redigiremos os contratos. Se precisarem de qualquer coisa, deem um grito.

Ele apertou minha mão:

– Boa sorte, Bandini. Escreva um grande sucesso para mim.

– Vou tentar.

Velda e eu demos adeus e fomos embora.

No caminho de volta à cidade eu falei:

– Não sabia que íamos trabalhar na sua casa.

– Eu sempre trabalho lá.

– Onde você mora?

– Em Benedict Canyon. Na velha casa de William Powell. Você vai adorar.

Ela começou a falar de Irene Dunne e Myrna Loy, mas então eu já estava acostumado com aquilo e mal ouvia enquanto ela seguia em frente com Lew Ayres, Frederic March, Jean Harlow e Mary Astor. Quando parou em frente à casa de Frank Edgington, ela estava bem no meio de uma reminiscência sobre Franchot Tone, e tive que ficar lá, sentado pacientemente, até o fim do caso. Então desci, e ela foi embora.

No dia seguinte, rumei por Benedict Canyon para o chateau francês de Velda van der Zee. Ele ficava aninhado em um pequeno bosque de bétulas, branco, sereno e aristocrático. Torres gêmeas com telhados de ardósia guardavam a entrada, e uma grande porta de carvalho situava-se entre colunas dóricas. Uma governanta

atendeu ao chamado da aldrava de cabeça de leão. Era uma negra de meia idade com um uniforme de empregada.

– Sou Arturo Bandini.

– Eu sei – ela sorriu. – Entre, por favor.

Segui-a pelo saguão de entrada até a sala de estar. O lugar era espantoso, intimidante, apinhado de móveis Luís XV e enormes luminárias com pingentes. Sobre o console da lareira pendia o grande retrato a óleo de um homem idoso de barba branca e bigode.

– Quem é este? – perguntei.

– O senhor van der Zee – disse a empregada.

– Acho que nunca o encontrei.

– Não poderia – disse a empregada. – Ele está morto.

– Deve ter sido muito rico.

Ela riu.

– Você também seria rico se fosse dono de metade de Signal Hill.

– Oh.

Descendo a escadaria, veio Velda van der Zee, flutuando em um diáfano vestido de receber em casa. Sedas flutuavam atrás dela como acompanhantes querubins, e uma nuvem de perfume exótico me envolveu quando ela me ofereceu sua mão.

– Bom-dia, Arturo. Vamos trabalhar, ou você gostaria de ver o resto da casa?

– Vamos trabalhar – falei.

Ela pegou meu braço.

– É disso que gosto em você, rapaz, sua dedicação.

Ela me guiou para uma sala lúgubre.

– Esta é a minha toca – falou.

Olhei em volta. De fato era uma toca. Cada centímetro da parede estava apinhado de fotos autografadas de estrelas do cinema. *The beautiful people*. Tão bonitos, tão cheios de sorrisos alegres e dentes

brilhantes, mãos graciosas e peles lindas. Mas era uma sala triste também, uma espécie de mausoléu, uma exposição de vivos e mortos. Velda olhou para eles com reverência.

– Meus queridos amigos – suspirou.

Eu queria perguntar sobre seu marido, mas pareceu impróprio. Ela foi até uma rebuscada mesa em estilo provinciano francês, com uma máquina de escrever em cima.

– Minha mesa favorita – ela disse. – Um presente de Natal de Maurice Chevalier.

– É uma beleza – falei.

Velda puxou um cordão vermelho de campainha junto ao vão da porta. A campainha soou, e a empregada apareceu. Velda pediu café. Fui até a mesa e sentei em frente à máquina de escrever.

– Você leu o script? – perguntei.

– Ainda não. Pretendo fazê-lo esta manhã.

Ela foi até um divã e sentou.

– Posso contar algo muito interessante sobre esta sala?

– Por favor.

– Foi onde assinei meu primeiro contrato com Louis B. Mayer. Ele sentou exatamente onde você está e assinou os papéis. Isso foi há dez anos. Ele é um homem maravilhoso. Um dia desses daremos uma festa e você poderá conhecê-lo. Se ele gostar de você, seu futuro estará garantido.

– Eu adoraria conhecê-lo. – Puxei o script do bolso do meu casaco. – Vamos começar.

A empregada entrou com uma bandeja de café. Velda falava enquanto ela servia.

– Muitas pessoas famosas honraram esta sala ao longo dos anos. Você lembra de Vilma Banky e Rod La Roque?

Aquilo foi o começo. Vilma Banky, Rod La Roque, Clara Bow, Lillian Gish, Marian Davies, John Gilbert, Colleen Moore, Clive Brooke, Buster Keaton, Harold Lloyd, Wesley Barry, Billie Dove,

Corinne Griffith, Claire Windsor. Ela navegou sem parar por nuvens de devaneio, sorvendo café, acendendo cigarros, imaginando absurdos, invocando o glamour de mentiras encantadoras e mundos impossíveis que havia criado para si mesma.

Fiquei sentado ouvindo em calmo desespero, pensando em meios de escapar, de fugir dali, de pular no meu carro e voltar para a realidade de Bunker Hill, de gritar, de pular e gritar, de pedir a ela para se calar, e então finalmente me dei por vencido e afundei mortalmente ferido na grande cadeira que uma vez recebeu a bunda de Louis B.

Não fizemos nada, absolutamente nada, e, quando ela ficou sonolenta e exausta e trocou do café para os martinis, não pude mais aguentar. Seus olhos mal estavam abertos quando parei perto dela e peguei sua mão.

– Adeus, Velda. Vamos tentar de novo amanhã.

Fui embora.

No dia seguinte, foi tudo exatamente igual, exceto que os personagens mudaram, e também a locação. Sentamos no gazebo, no gramado, sob uma pimenteira. Dessa vez tampouco teve café, mas havia um jarro de martinis e a voz sonora, sonolenta de Velda falando sobre Jean Arthur, Gary Cooper, Tyrone Power, Errol Flynn, Lily Damita, Lupe Velez, Dolores del Rio, Merle Oberon, Claude Rains, Leslie Howard, Basil Rathbone, Nigel Bruce, Cesar Romero, George Arliss, Henry Armetta, Gregory La Cava, Paulette Goddard, Walter Wanger, Norma Talmadge, Constance Talmadge, Janet Gaynor, Frederic March, Nils Asther, Norman Foster, Ann Harding e Kay Francis.

CAPÍTULO QUATORZE

Deveríamos nos encontrar no dia seguinte, mas fiquei enjoado. Era como estar de ressaca, e tudo que eu via eram os olhos úmidos dela naquele rosto suave, e tudo que eu ouvia era o som de sua voz tagarela. Eu sabia que nunca poderia trabalhar com ela, que ela me levaria à loucura. Telefonei para ela na manhã seguinte por volta das dez horas, e é claro que a linha estava ocupada. Estava ocupada às onze horas e ao meio-dia, e toda aquela tarde, até a noite. Finalmente desisti e fui para minha máquina e escrevi um bilhete para ela:

Querida Velda:

Devo ser honesto com você. Nunca conseguiremos trabalhar como uma equipe. Não estou culpando você, culpo a mim mesmo. Pretendo escrever o roteiro a partir de amanhã. Quando terminar, entregarei-o para você, e você pode editá-lo e melhorá-lo da forma que achar melhor. Espero que este plano tenha a sua aprovação.

Sinceramente,

Arturo Bandini

Dois dias depois ela telefonou.

- Você tem certeza de que sabe o que está fazendo, Arturo?
- Certamente.
- Muito bem. Você escreve o primeiro esboço, e eu seguirei com o final. Ligue-me se você tiver problemas.
- Ligarei.

Comecei a escrever imediatamente, mas, quanto mais eu escrevia, menos eu gostava. Comecei outro esboço. E outro. E então me veio uma ideia inteiramente nova. Uma nova história. Nada mais

de criadores de gado e pastores de ovelha, mas algo mais convencional, feito de fragmentos de filmes que eu lembrava da infância. A coisa andou rápido. As páginas se acumularam. Foi engraçado. Fiquei ligado. Escrevi vinte páginas de uma sentada.

No dia seguinte, eu ainda estava com a cabeça a todo vapor. Mais vinte páginas. Naquela noite escrevi até a uma da manhã, outras quinze páginas. Adorei. Me maravilhei com aquilo. Como eu era rápido! Que acuidade! Que diálogos! Eu estava envolvido com algo grandioso. Aquilo não podia falhar. Eu me via como um herói, uma sensação da noite para o dia. E segui em frente: cânions acima e ravinas abaixo, quedas de cavalo, disparos de revólver, índios tombando, sangue na poeira, gritos de mulheres, casas em chamas, a ameaça do mal, o triunfo do bem, a vitória do amor. Banguê, banguê, banguê, uma emoção por minuto, a maior história de faroeste já escrita. Finalmente, chapado de café, com dor de barriga por causa dos cigarros, olhos ardendo, costas doendo, terminei. Orgulhosamente, empacotei-o dentro de um envelope grande e enviei para Velda van der Zee. Então fiquei frio e esperei, sabendo que dificilmente haveria uma palavra que ela pudesse mudar, pois ela estaria lidando com a perfeição.

Passei os dias em Hollywood Boulevard, na livraria de Stanley Rose, nos botecos das transversais do boulevard, jogando fliperama, indo ao cinema. Então não aguentei mais esperar e liguei para Velda van der Zee. A linha estava ocupada. Uma hora depois, estava ocupada de novo. Ficou ocupada o dia inteiro. Tarde da noite estava ocupada. De manhã não pude mais suportar. Entrei no meu Plymouth e voei para Benedict Canyon. O motor apitou. Precisava de um serviço nos pistões. Parei na entrada de Velda e bati na porta. Eram doze horas. A empregada me recebeu.

- Vim ver Velda.
- Não dá – ela disse. – Ainda está dormindo.
- Vou esperar.

Ela me observou retornar para o carro e sentar atrás do volante. Eu estava ali à uma hora, às duas horas, às três horas, e às quatro

fui embora. Dirigi até o hotel em Sunset. Fui ao telefone público no saguão e disquei o número de Velda. Mesmo enquanto estava parado lá eu sabia que aconteceria e estava certo. A linha estava ocupada. Eu tremia enquanto cambaleava na direção de casa. Caminhei duas quadras antes de perceber que não estava no meu carro.

A melhor coisa de minha colaboração com Velda foi o dinheiro. Depois de quinze semanas, um cheque de trezentos dólares a cada semana, ela telefonou. Havia terminado o script. Estava mandando-o em uma remessa especial. Deveria chegar no dia seguinte. Ela estava muito orgulhosa do seu trabalho. Sabia que eu gostaria, que havíamos executado uma obra-prima.

– Você fez muitas alterações? – perguntei.

– Aqui e ali. Pequenas alterações. Mas a essência de sua versão, a força motriz principal, ainda está ali.

– Fico feliz, Velda. Para ser franco, eu estava preocupado.

– Você vai ficar muito satisfeito, Arturo. Havia muito pouco para eu fazer. Mal mereço qualquer crédito.

No dia seguinte, sentei na varanda da casa de Edgington e esperei pelo carteiro. Ao meio-dia um caminhão do correio chegou, e o motorista depositou o grande envelope em minhas mãos. Assinei o recibo, sentei no degrau da varanda e abri o manuscrito.

A página dos créditos dizia *Sin City (Cidade do Pecado)*, roteiro de Velda van der Zee e Arturo Bandini, baseado em uma história de Harry Browne. Eu estava na metade da primeira página quando meu cabelo começou a se arrepiar. No meio da segunda página, fui forçado a deixar o script de lado e me agarrar no corrimão da varanda. Minha respiração ficou irregular, e havia misteriosas pontadas dolorosas nas minhas pernas e pelo meu estômago. Cambaleei sobre meus pés, entrei na cozinha e bebi um copo de água. Edgington estava sentado à mesa tomando o café da manhã. Ele viu meu rosto e se levantou.

– Bom Deus, o que há de errado?

Eu não conseguia falar. Pude apenas apontar na direção do manuscrito. Edgington foi até a porta da frente e olhou em volta.

– O que é que há? – ele disse. – Quem está lá fora?

Fui até a varanda e apontei para o manuscrito. Ele o pegou.

– O que é isto? – Olhou para a página dos créditos. – O que há de errado com ele?

– Leia.

Ele o levou para o balanço da varanda e sentou.

– Fui enganado – falei. – Não escrevi isso. Meu nome está nele, mas não o escrevi.

Ele começou a ler. De repente riu, uma risada curta, um latido. – É engraçado – ele disse. – É um script muito engraçado.

– Você quer dizer que é uma comédia?

– Isto é que é engraçado. Não é uma comédia.

Voltou ao script e o leu em silêncio, mais dez páginas. Então dobrou o manuscrito vagarosamente e olhou para mim.

– Ainda é engraçado?

– Ele enrolou o script e o jogou em um canteiro de hera do outro lado da varanda.

– É medonho – falou.

Resgatei o script do canteiro de hera. Ele tinha lido minha versão há mais de quinze semanas. Tinha gostado, elogiado.

– O que devo fazer? – perguntei.

– Que tal voltar para o Colorado e aprender a assentar tijolos com o seu velho?

– Isto não é solução.

– A única solução é ter seu nome tirado desse script. Renegue-o. Não fique associado a isso.

– Talvez eu possa salvá-lo.

– Salvá-lo de quê? Ele está morto, cara. Foi assassinado. Ligue para seu agente e diga a ele para retirar seu nome. Ou isso, ou saia

da cidade.

Ele levantou e voltou para a cozinha. Abri o roteiro e comecei a ler de novo. O que li foi o seguinte:

Uma diligência roda através da planície de Wyoming perseguida por um bando de índios. Diligência é forçada a parar. Índios apinham-se sobre ela. Dois passageiros: reverendo Ezra Drew e filha Priscilla. Chefe índio arrasta Priscilla para fora, joga-a em seu cavalo. Priscilla luta. Chefe monta, cavalga embora com ela. Índios vão atrás.

Aldeia indígena. Chefe chega com Priscilla, empurra-a para dentro da tenda, então entra. Chefe índio é Magua, inimigo do homem branco. Ele prende garota, apalpa-a rudemente, beijando-a enquanto ela se debate.

Pela colina vem pelotão liderado por xerife Lawson. Ele desmonta, ouve grito da garota, entra na tenda, luta com Magua, derruba-o, ajuda garota a sair, coloca-a na sela de seu cavalo, monta e vai embora. Pelotão vai atrás.

Sin City. Pelotão chega, xerife tira Priscilla do cavalo. Pelotão traz o reverendo Drew. Priscilla corre para os braços dele. Habitantes da cidade se reúnem. Xerife Lawson leva Priscilla para o Sin City Hotel.

Naquela noite, povo da cidade se reúne no hotel. Xerife aparece com Priscilla e reverendo Drew. Povo da cidade implora a eles para que fiquem. Igreja local incendiada recentemente por índios hostis do chefe Magua. Pessoas exortam reverendo Drew a reconstruir a igreja. Ele promete pensar no caso. Tocando banjo, reverendo Drew acompanha filha na canção *I Love You, Jesus*. Muitos aplausos. Segurando pandeiro, Priscilla circula entre povo da cidade, e eles jogam moedas dentro do pandeiro. Reverendo Drew sobe na varanda do hotel e profere discurso. Ele e filha prometem permanecer e reconstruir igreja de Sin City. Cidadãos se dirigem para um grande saloon. Mais uma vez reverendo Drew dedilha banjo, e Priscilla canta *Lord*

Welcome Me[4]. Ela passa pandeiro de novo e obtém generoso donativo.

Igreja sendo reconstruída. Povo da cidade ajuda, carregando madeira e construindo. Xerife chega a cavalo e coloca Priscilla em sua charrete. Eles saem. Em adorável bosque de pinheiros, xerife abraça Priscilla, e eles se beijam.

Noite. Saloon de Sin City. Priscilla canta *The Lord Is My Sheperd*[5], enquanto clientes do saloon ouvem e admiram a adorável garota. Ela passa pandeiro. Um bêbado do balcão a agarra, tenta beijá-la. Xerife Lawson intervém, segue-se luta. Lawson derrota intrometido. Priscilla olha xerife agradecidamente.

Na encosta com vista para a cidade, o sinistro Magua está sentado em seu cavalo, observando. Ele desmonta e chega furtivamente à janela do saloon enquanto Priscilla faz um pequeno discurso para clientes do bar. Ela quer que povo da cidade forme um coro de igreja para que se possa cantar hinos e fazer oferendas para nova igreja. Povo da cidade concorda e aplaude. Do lado de fora da janela, o malvado Magua dá um risinho enquanto escuta.

Sucedem-se mudanças em Sin City. Nada mais de álcool no saloon da cidade. Nada mais de jogo. Sob direção de Priscilla, grupo de mulheres canta hinos edificantes. Prossegue trabalho na igreja. Chega dia em que igreja está pronta, e povo da cidade se reúne para primeiro serviço. Assistindo do alto, Magua observa os acontecimentos lá embaixo e vai embora cavalgando.

Noite. Mulheres de Sin City preparam churrasco do lado de fora da igreja. Uma dança da quadrilha em andamento, liderada por reverendo Drew e seu banjo. Priscilla rodopia com a música, seu par é o xerife. Enquanto isso, na aldeia indígena, Magua reúne suas forças. Índios com corpos pintados montam seus cavalos, e Magua os conduz.

Dança da quadrilha. Xerife leva Priscilla para a mata. Ela ergue o rosto para o beijo dele. Ele a pede em casamento. Ela aceita. De repente, o som de galope e gritos de índios. Magua e seus arapahoes sedentos de sangue descem a colina. Cavalgando furiosamente, cercam a igreja e povo da cidade com gritos de gelar o sangue e galopar trovejante. Aos gritos, povo da cidade bate em retirada para dentro da igreja, enquanto índios continuam em círculo e disparam seus rifles. Xerife e Priscilla correm para segurança da igreja nova. Dando voltas sem parar, índios fecham o cerco em torno da igreja. Tiroteio. Gritos dos feridos. Índios arremessam tochas no telhado da igreja. Povo da cidade monta posições de tiro nas janelas da igreja. Batalha furiosa. Mulheres recarregam rifles. Priscilla recarrega rifle de seu pai. Naquele momento ele é baleado. Priscilla atira no índio que atingiu seu pai. Então ela se vira, pega em seus braços o pai tombado e chora.

Enquanto isso, o traiçoeiro Magua desmontou e vem deslizando na direção da porta da igreja. Ele entra sem ser visto e se atira sobre Priscilla, coloca as mãos sobre sua boca e a arrasta para fora. Jogando-a sobre o lombo de seu cavalo, ele monta atrás dela e vai embora cavalgando no momento em que xerife Lawson aparece no vão da porta. Fazendo pontaria certa, Magua dispara rifle contra xerife, e bala o atinge no ombro. Lawson vacila, mas não cai. Em vez disso, cambaleia na direção de Magua, que cavalga com Priscilla se debatendo.

Ferido, mas destemido, xerife vai às cegas até seu cavalo, monta e cavalga em perseguição. Pela colina e várzea ele segue índio em fuga e garota. Eles chegam a um riacho na colina e param. Sangrando e fraco, Lawson se aproxima a cavalo, então cai no chão. Ansiosamente, Magua desmonta com machadinha ameaçadora. Batalha feroz, homens rolando e se engalfinhando, Priscilla assistindo horrorizada. Eles caem dentro do riacho. Magua pula em cima do xerife enfraquecido, tentando afogá-lo, mas xerife se liberta.

Fraco demais para resistir por mais tempo, xerife tomba dentro d'água. Com grito de triunfo, Magua ergue machadinha para golpeá-lo. De repente, o estampido de um rifle quebra o silêncio. Magua cai dentro d'água. Priscilla, com rifle fumegante nas mãos, desmonta e corre para xerife. Ela o arrasta para fora do riacho. Enfraquecido, mas audaz, xerife joga braços em volta dela. Eles se levantam e se afastam cambaleantes. Magua jaz morto n'água.

De volta a Sin City, prossegue cerco à igreja. Brancos lentamente assumem controle. Lançam contra-ataque. Combate corpo a corpo. Muitos índios batem em retirada. Outros são capturados por povo da cidade. Uma dúzia de selvagens é levada para a cadeia da cidade. Priscilla e xerife Lawson surgem ao longe. Preso em volta do cavalo deles está corpo de Magua. Grande saudação do povo da cidade. Priscilla corre para os braços do pai.

Epílogo. Radiante manhã de domingo. Cantoria vinda da igreja. Dentro, Priscilla lidera coro em *Oh Gentle Jesus*. Igreja lotada com povo da cidade escutando em reverência. Nos bancos de trás, separada dos demais, uma dúzia de índios capturados, penitentes, com cabeças abaixadas. Xerife vai para o lado de Priscilla. Ela olha para cima em adoração. Fade out.

Então ali estava, o serviço sujo completo. Meu roteiro, sem uma linha de meu trabalho nele, de fato uma história totalmente diferente, impossível de ter sido inventada por mim. Ri. Era uma piada. Alguém estava de brincadeira. Era impossível. Entrei na casa e sentei lá, fumando cigarros, subitamente ciente da chuva que caía, seu doce som no telhado de madeira, seu doce perfume entrando pela porta da frente. Sem dúvida nenhuma, Edgington estava certo. Minha única saída era ter meu nome removido dos créditos. Peguei o telefone e disquei para Cyril Korn.

– Sim? – ele latiu.

– Olá, Korn. Sou eu. Você leu a história?

- Gostei dela.
- Você está maluco.
- É um grande faroeste.
- Tire meu nome.
- O quê?
- Tire meu nome dessa monstruosidade. Você me ouviu? Não quero tomar parte nisso.

Houve um longo silêncio antes de Korn falar novamente. Então ele disse:

- Como quiser, garoto. Esta é uma boa notícia para Velda. Agora ela terá o crédito sozinha.
- Ela pode tê-lo.

Desliguei.

A chuva caía a cântaros, açoitando as folhas dos eucaliptos, abrindo riozinhos pelo jardim rumo à sarjeta. Bebi um cálice de vinho. Edgington saiu da cozinha. Tinha ouvido minha conversa com Korn.

– Você fez a coisa certa – ele disse. – Foi autopreservação. Você não tinha escolha. Se você tivesse me ouvido, isto não teria acontecido.

- O que você quer dizer?
- Você devia ter se associado à Liga. Estou lhe dizendo isso há três meses.

O vento frio e chuvoso precipitava-se para dentro através da porta da frente, esfriando a sala. Edgington foi até a lareira e acendeu a lareira a gás. Tirou um saco de fumo de seu bolso.

- Olha aqui – ele disse, arremessando-o para mim.

Era maconha. Havia sedas de cigarro no saco. Eu tinha fumado maconha só uma vez antes, em Boulder, e tinha ficado mal. Era hora de ficar mal de novo. Enrolei um cigarro. Sentamos olhando um para o outro, puxando a erva para dentro de nossos pulmões. Edgington riu. Eu também ri.

– Você é um filho da puta podre e mau, um vil imigrante inglês – falei.

Ele concordou com a cabeça.

– E você, senhor, é um cachorro gringo miserável e repugnante.

Caímos em silêncio, fumando a maconha. Peguei o manuscrito.

– Vamos fazer alguma coisa com isso – eu disse.

– Vamos queimá-lo.

Levei-o para a lareira e o joguei nas chamas. A maconha estava batendo. Tirei minha camisa.

– Vamos nos fazer de índios – eu disse. – Vamos queimá-la na fogueira.

– Grande – disse Edgington, arrancando sua camisa.

– Vamos tirar nossas calças – falei. Rimos e atiramos as calças longe. Num instante estávamos nus, dançando em círculos, dando o que pensávamos que fossem gritos indígenas. Um estrondo de trovão veio das nuvens. Rimos e rolamos pelo chão. Edgington tomou uma cerveja. Eu bebi um cálice de vinho. O aguaceiro era de rebentar os ouvidos. Fui para fora correndo, demos as mãos e dançamos em roda rindo. Corri para dentro de casa, sorvi meu vinho e corri para fora de novo. Edgington entrou voando, tomou um gole de sua cerveja e se reuniu a mim na chuva. Deitamos na grama, rolando na chuva, gritando na trovoada. Uma voz de mulher varou a tempestade. Era da casa ao lado.

– Que vergonha, Frank Edgington – ela berrou. – Vista uma roupa antes que eu chame a polícia.

Frank pôs-se de pé e apontou seu traseiro pelado na direção dela.

– Isto é para você, Martha!

Corremos para dentro de casa. Parados em frente à lareira, pingando de molhados, observamos as fagulhas do roteiro de Velda dançando chaminé acima. Olhamos um para o outro e sorrimos. A

seguir desempenhamos um clímax adequado a todo o ritual maluco. Mijamos no fogo.

Então uma coisa curiosa aconteceu. Olhei para o cabelo ensopado e o corpo encharcado de chuva de Edgington e não gostei dele. Não gostei nada dele. Havia algo de obsceno em nossa nudez, no roteiro queimado, no chão molhado de chuva, em nossos corpos tremendo de frio e no sorriso insolente dos lábios de Edgington, e fiquei com nojo dele e o culpei por tudo. Afinal, não havia ele me mandado a Cyril Korn, e não havia Cyril Korn me juntado com Velda van der Zee, e não havia Edgington escarnecido e zombado durante todas as semanas em que eu estivera escrevendo o roteiro? Eu não gostava mais desse homem. Ele me enojava. Pensamentos similares devem ter borbuhlado no cérebro dele, porque notei a hostilidade penetrante do olhar dele. Não falamos. Ficamos parados ali, odiando um ao outro. Estávamos a um passo de lutar. Peguei minhas roupas, rumei para o quarto e bati a porta.

[4] *Lord Welcome Me*: Senhor, me receba. (N. E.)

[5] *The Lord is My Sheperd*: O Senhor é meu pastor. (N. E.)

CAPÍTULO QUINZE

Depois disso virou uma rixa. Quando ele estava no trabalho no estúdio, eu vadiava por lá, bebendo vinho e ouvindo rádio. A chuva desabava dia após dia. Eu sentava à minha mesa no quarto e tentava escrever. Não vinha nada. Era a casa, a casa de Edgington. Eu tinha que escapar dele. Sempre que ele retornava do estúdio eu fingia estar ocupado batendo à máquina na mesa. Ele ficava apenas um pouco, e então ia embora de novo. Um dia encontrei uma velha *New Yorker* em uma pilha de revistas. Continha uma história que Edgington escrevera. Rasguei-a. Comecei a sair, entrava no meu carro e saía na chuva. A tempestade era exasperante. As ruas pareciam rios. As tampas dos esgotos saltavam. Árvores caíam. Wilshire era uma barricada de sacos de areia. As ruas estavam desertas. Dirigia para Hollywood e sentava em um boteco em Wilcox, bebendo vinho e jogando partidas de fliperama. Às vezes eu parava no Musso-Frank's e chapinhava na chuva até o restaurante. Eu não conhecia ninguém. Comia sozinho e sentia meu ódio pela cidade. Ia na livraria de Stanley Rose, ali ao lado. Ninguém me conhecia. Perambulava por lá, como um pássaro em busca de migalhas. Sentia falta da senhora Brownell, de Abe Marx e de Du Mont. Minha lembrança de Jennifer Lovelace quase despedaçava meu coração. Conhecer aquelas poucas pessoas me dera a sensação de conhecer milhares na cidade. Dirigi até Bunker Hill e parei em frente ao hotel, mas não consegui me resolver a entrar. De repente tive uma visão, a linda visão de um romance. Era sobre Helen Brownell e eu. Eu podia saboreá-lo. Podia abraçá-lo. Subitamente, a autopiedade escoou-se de mim. Ainda havia vida, havia uma máquina de escrever, papel e olhos para vê-los e pensamentos para mantê-los vivos. Sentei no meu carro no topo de Bunker Hill, na chuva, e a visão me envolveu, e eu soube o que faria. Iria para Terminal Island e acharia um barraco de pescador para mim na praia arenosa, ficaria lá e escreveria uma história sobre Helen Brownell e

eu. Passaria meses no barraco, empilhando páginas, fumando um cachimbo Meerschaum e me tornando mais uma vez um escritor neste mundo.

Eu esperava empacotar minhas coisas e sair de lá antes de Edgington retornar, mas enquanto eu dirigia para seu bangalô, vi o carro dele na entrada da casa. Saí e corri pela chuva até a casa. Frank estava deitado no sofá lendo um livro. Ele disse:

– Oi.

Passei por ele rumo ao meu quarto e comecei a fazer as malas. Depois de um tempo ele se levantou e parou na porta do quarto com uma revista nas mãos.

– Trago boas novas para seu grande deleite – ele sorriu, estendendo a revista.

Era uma cópia da *Daily Variety*. Eu a escancarei e vi marcas de caneta vermelha em volta de uma reportagem de capa. Ela dizia:

Velda van der Zee, que roteirizou *Sin City* para a Liberty Films, também vai dirigir a obra, de acordo com o produtor Jack Arthur. A distribuição dos papéis para o filme terminará nesta semana, e as filmagens começarão no Arizona.

Fiquei em choque, mas escondi de Edgington e arremessei a revista para ele.

– Isso deixa você muito feliz, não é? – falei. Ele sorriu e deu de ombros.

– C'est la vie.

Voltei para a minha arrumação de malas, enchi uma valise e a carreguei para o carro, onde o resto das minhas coisas – máquina de escrever, livros, roupas – estavam empilhadas no banco traseiro. Agora que eu estava pronto para ir embora pela última vez, havia uma questão não concluída. Parei ao lado do carro e resolvi. Eu

provavelmente nunca mais encontraria Edgington. Como poderia gravar nele a recordação desta partida neste dia chuvoso? Por fim resolvi a questão e voltei para dentro da casa. Ele estava no sofá.

– Estou indo embora agora – anunciei.

Ele levantou e estendeu a mão.

– Boa sorte, gringo.

Acertei-o no rosto e derrubei-o no sofá. Ficou lá sentado, cuidando da hemorragia nasal. Voltei para o carro e fui embora. Eu não devia ter batido em Edgington. Ele tinha sido hospitaleiro, amigável, generoso e gentil. Mas eu não podia aguentar a arrogância dele. Era bem-sucedido demais para mim. Tudo estava acontecendo para ele. Eu não tinha arrependimentos. A vida era assim. Eu lamentava pela hemorragia nasal, mas ele bem que a merecia. Quanto a Velda van der Zee, que se fodesse. O que era mais um diretor? A cidade estava fervilhando deles.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Dirigi por Avalon Boulevard e fui para o sul em direção a Wilmington. O sol estava quase se pondo quando cruzei a ponte para o grande banco de areia chamado Terminal Island. A chuva havia lavado a areia da estrada, e eu dirigi pela pista até o povoado de pescadores a mais ou menos um quilômetro e meio da fábrica de enlatados. Havia seis bangalôs rústicos enfileirados de frente para o canal, a uns noventa metros da praia. Nenhum dos bangalôs parecia ocupado. Passei por eles lentamente. Cada um exibia uma placa de "Aluga-se" na varanda. Então percebi uma luz na última casa. Exatamente como as outras, a casa verde-escuro estava encharcada de chuva. A luz transparecia pela porta da frente aberta. Estacionei e corri pela chuva até a varanda.

Em dez minutos, havia alugado um dos chalés e me mudado. Era o chalé central, quarto, sala, cozinha e banheiro. Vinte e cinco dólares por mês. Fiz umas contas rápidas e percebi que tinha dinheiro suficiente para morar ali por dez anos. Estava tudo arranjado.

O lugar era o paraíso, o Pacífico Sul, Bora-Bora. Eu podia ouvir o mar. Ele chegava murmurando, dizendo shshsh, pois a maré era sempre baixa, a ilha ficava protegida por um molhe. As noites eram maravilhosas. Deitava na minha caminha e sentia a lembrança de Velda van der Zee escorregando de mim. Em poucos dias havia desaparecido. Eu ouvia o mar e sentia meu coração restaurado. Às vezes eu escutava o barulho das focas. Eu parava na porta e as observava na água rasa, três ou quatro grandes companheiras brincando na maré suave, ladrando como se rissem. A cidade estava muito distante. Eu nem pensava em escrever. Minha mente estava estéril como a longa praia. Eu era Robinson Crusoe, perdido em um mundo longínquo, em paz, respirando ar puro, salgado, aprazível.

Quando amanhecia, eu caminhava de pés descalços na água, na areia úmida, um quilômetro e meio até a fábrica de enlatados apinhada de trabalhadores, homens e mulheres esvaziando os barcos de pesca, preparando e enlatando peixe em grandes prédios corrugados. Eram principalmente japoneses e mexicanos de San Pedro. Havia dois restaurantes. A comida era boa e barata. Às vezes eu caminhava até o fim do píer, para o embarcadouro da balsa, de onde os barcos zarpavam, cruzando o canal para San Pedro. A viagem de ida e volta custava 25 centavos. Me sentia um milionário sempre que depositava minha moeda e navegava para Pedro. Eu alugava uma bicicleta e percorria as colinas de Palos Verdes. Descobri a biblioteca pública e me entupi de livros. De volta a meu barraco, eu acendia o fogão a lenha, sentava no calor e lia Dostoiévsky, Flaubert, Dickens e toda aquela gente famosa. Não me faltava nada. Minha vida era uma prece, uma ação de graças. Minha solidão era um avanço. Eu me sentia suportável, tolerável, até bom. Às vezes me perguntava sobre o que havia acontecido com o escritor que ali chegara. Tinha eu escrito alguma coisa e então partido? Tocava minha máquina de escrever e ficava intrigado com a ação das teclas. Era outra vida. Eu nunca estivera aqui antes. Eu nunca partiria.

Minha senhoria era uma japonesa. Estava grávida. Ela tinha um jeito nobre de andar, com passos pequenos, muito silenciosa, seu cabelo negro trançado. Aprendi com ela a cumprimentar inclinando a cabeça. Estávamos sempre inclinando nossas cabeças. Às vezes também caminhávamos pela praia. Parávamos, juntávamos nossas mãos e nos inclinávamos. Então ela seguia o seu caminho, e eu o meu. Um dia encontrei um barco a remo balouçando na praia. Entrei e remei, fazendo-o parcamente, porque não conseguia manejar os remos. Mas aprendi a fazê-lo e remava com o esquife ao longo de todo o canal, até as pedras do lado de San Pedro. Comprei equipamento de pesca e isca, remava uns novecentos metros para além da minha casa e pegava corvinas e cavalinhas, e um linguado uma vez. Eu os levava para casa e cozinhava, e ficavam medonhos; então os jogava fora na areia, e gaivotas vigilantes precipitavam-se e

os levavam embora. Um dia, eu dizia, devo escrever alguma coisa. Escrevi uma carta para minha mãe, mas não consegui datá-la. Eu não tinha noção do tempo. Fui ver a senhora japonesa e perguntei-lhe em que dia do mês estávamos.

– Quatro de janeiro – ela disse.

Sorri. Eu estava ali fazia dois meses e achava que não havia se passado mais de duas semanas.

CAPÍTULO DEZESSETE

Certa tarde, enquanto eu cochilava, ouvi um carro do lado de fora. Fui até a porta e observei um Marmon esporte vermelho e comprido estacionar na casa ao lado. O carro tinha uma insígnia real pintada na capota – uma coroa vermelha e dourada com leões de tocaia. Embaixo estava a inscrição: Duque da Sardenha. O motorista do carro desligou o motor e desceu. Ele era baixo e possante, seu cabelo preto com um corte escovinha. Ele era tão musculoso que parecia feito de borracha, os braços como canos de esgoto vermelhos, as pernas tão grossas que um espaço as separava. Ele me viu e sorriu.

– Como vai? – perguntou.

– Bem, bem. E você?

– Bom. Você mora aqui?

– Isso.

– Nós vizinhos.

Ele veio até mim e apertou minha mão. Apontei para o Marmon dele com a cabeça.

– Duque da Sardenha, o que isso quer dizer?

– Sou filho do príncipe da Sardenha. Também campeão do mundo.

– Você é halterofilista?

– Lutador. Campeão do mundo. Venho aqui para treinar.

Ele se deslocou até o reboque preso atrás do carro. Era um veículo de duas rodas com aros enormes, um grande carrinho. O fundo do veículo estava abarrotado de colchonetes de ginástica, parafernália de halterofilismo e equipamentos esportivos. Ele começou a descarregar o carrinho.

– Você quem? – perguntou.

Eu disse a ele.

– Italiano?

– Claro.

Ele sorriu:

– Isso é bom.

Observei-o descarregar o carrinho por um tempo. Então entrei. Havia semanas que eu não me sentava à máquina de escrever. Comecei uma carta para minha mãe. Depois de um tempo senti um par de olhos intensos perfurando minha nuca. Me virei. O Duque estava no vão da porta me observando.

– Entre – falei.

Ele entrou e inspecionou cuidadosamente a sala, as paredes, a pia, e por fim a máquina de escrever.

– Escreva um pouco mais – disse ele, gesticulando. – Não pare.

Ele sentou do outro lado e seguiu batendo a carta.

– O que você escreve? – perguntou.

– Histórias. Filmes. Às vezes, poesia.

– Você ganha dinheiro?

Eu ri.

– Com certeza. Um dinheirão.

Ele deu um sorriso falso, duvidando, e levantou:

– Vou agora. Hora de treinar.

Meia hora mais tarde ouvi o guincho e o estardalhaço das rodas enquanto o Duque da Sardenha puxava o carrinho vazio na praia. Ele estava com malha de lutador e descalço, preso ao carrinho por uma tira em volta da cintura e outra em volta da testa. Ele o puxava sem esforço, as grandes rodas rangendo na areia fofa. Depois de avançar alguns metros, apanhou uma pá do carrinho e começou a encher o veículo com areia. Eu saí e o observei. O suor brotava das suas costas e da sua nuca. Ele trabalhava furiosamente.

– O que você está fazendo? – perguntei.

– Treino – arquejou, continuando a escavar. Não demorou muito para que o carrinho estivesse cheio. Ele atirou a pá em cima da carga, ajustou o arreio em volta cintura, fixou a tira na testa, grunhiu bravamente e começou a puxar. As rodas revolveram a areia, mas não houve progresso. Ele lutou, seus pés cederam, ele caiu, lutou e tentou de novo. Senti pena. Pulei para ajudá-lo, empurrando meus ombros contra a traseira do carrinho. Ele começou a se mover. O Duque virou-se chocado e me viu. Irado, me agarrou pelas axilas e me jogou na areia. Aterrissei sobre as minhas costas, com um baque que me tirou o fôlego.

– Não – ele disse, sacudindo o punho. – Vá embora. Eu treino sozinho.

Sentei lá, arfando, observando-o pôr o arreio e tentar de novo. Duque da Sardenha! Tinha que ser louco. Dei as costas e fui para dentro de casa. Uma hora mais tarde, saí na varanda e o vi lá longe, na praia. Mal parecia se mover, como uma tartaruga distante. Passaram-se duas horas antes que ele trouxesse o carro até sua casa. Seu corpo estava coberto de suor. A areia grudou no suor, e ele parecia um croquete, e muito cansado. Observei-o trotar até a beira d'água, e então se arremessar nas profundezas. Ele brincou n'água como um peixinho atarracado. Estava escuro quando se arrastou para fora e voltou para sua varanda. Observei-o secar-se.

– Gosta de spaghetti? – perguntou.

– Sim.

– Eu preparo.

No dia seguinte, ele ouviu minha máquina de escrever e entrou de novo. Sentou-se lá, observando-me batucar nas teclas.

– O que você escreve agora?

– Carta.

– Você escreve poesia?

– A qualquer hora.

– Quanto por uma poesia?

Olhei-o. Na verdade eu não gostava muito dele. Havia me tratado mal no dia anterior. E havia aquele sorriso insolente, e seu título despropositado. Era um estúpido, e eu ia usar isso contra ele.

– Dez dólares – falei. – Dez dólares por dez linhas. Sobre o que você quer que eu escreva?

– Tenho mulher em Lompoc. Ela gosta de poesia.

– Amor? – eu disse.

– Sim.

Voltei-me para a máquina de escrever, me retorci num humor poético e comecei a martelar:

Ó, amada das Novas Hébridas

Suplica-me para não trocar de tua fé.

O amor é uma estrofe em meio à perfeição de firmamentos perdidos.

Traze-me a ventura e o infortúnio de sonhos dispersos.

Meu coração anseia pelo fim-de-século,

Aquela visão de dias sitiados.

Não procura, ó amor! Olha os baluartes!

Foge do patife, concede misericórdia apenas ao amor,

E, quando o prêmio de reparação estiver mitigado,

Acredite no que está em meu coração.

Limpei minha garganta e li para o Duque.

– Bunita – falou. – Eu quero. Me dá caneta.

Alcansei-lhe uma caneta. Ele estendeu a folha da poesia e assinou embaixo da última linha. Dizia: “Mario, Duque da Sardenha.”

– Você tem envelope? – perguntou.

Peguei um da mesa e coloquei na máquina de escrever.

– Mande para Jenny Palladino, Celery Avenue, 121, Lompoc.

Datilografei, e ele foi embora.

Na hora do jantar ele retornou com uma sopeira cheia de spaghetti branco cozido. Enrolei um garfo cheio de massa e coloquei

na boca. Foi aterrorizante – um molho de alho, cebola e pimenta forte. Aquilo simplesmente não desceria. Pulei em busca de uma garrafa de vinho. O Duque riu.

– Fique firme – disse –, seja homem.

Mas não consegui comer. Ele pegou o meu prato e comeu metodicamente, até o último fio branco. Servi cálices de vinho para nós e acendi um cigarro.

– Que tal um pouco mais de poesia?

Ele deu de ombros:

– Mais uma, talvez.

Virei-me para minha máquina e escrevi, sem esforço, dez linhas. O Duque observou de braços cruzados.

– Quer ouvir? – perguntei.

– Claro, eu escuto.

Eu li:

Ó carretas na noite próximas ao mar lúgubre,
Aves mudas conduzem vossas rodas encharcadas de sal.
A opressão aproxima as nuvens do solo,
Buscando as marcas das rodas.
Gaivotas gritam, peixes saltam, a lua aparece.
Onde estão as crianças?
O que aconteceu às crianças?
Meu amor está longe, e as crianças se foram.
Um barco escuro passa no horizonte.
O que aconteceu aqui?

O Duque surrupiou o poema da minha mão e torceu o lábio em dúvida.

– Você não gosta desse? – perguntei.

– Dou sete dólares.

Arranquei o poema da mão dele:

– Nada feito. É um bom poema. Um dos meus melhores. Não me enrole. Se você não gosta, diga.

Ele suspirou:

– Coloca na caixa do correio.

Ele queria dizer envelope. Sacou um rolo de notas do bolso e puxou uma de dez. Agradei e embolsei-a. Virando-me para a máquina de escrever, eu disse:

– Agora vou lhe dar um pequeno bônus, Duque. Algo que você realmente vai apreciar.

Comecei a datilografar meu soneto favorito de Rupert Brooke, *A Colina*:

"Breathless, we flung us on the windy hill,
Laughed in the sun, and kissed the lovely grass.
You said, 'Through glory and ecstasy we pass;
Wind, sun, and earth remain, the birds sing still,
When we are old, are old...' 'And when we die
All's over that is ours; and life burns on
Through other lovers, other lips,' said I,
'Heart of my heart, our heaven is now, is won!
'We are Earth's best, that learnt her lesson here.
Life is our cry. We have kept the faith!' we said
'We shall go down with unreluctant tread
Rose-crowned into the darkness!...' Proud we were,
And laughed, that had such brave true things to say.
And then you suddenly cried, and turned away"[6]

Quando terminei de ler, a boca dele estava torta de contrariedade, e ele arrancou o papel da minha mão, estudando-o, fulminando-o e meio que o amassando.

– Drruga! – exclamou, transformando o papel numa bola e atirando-o no chão. Ele era um homem muito baixo, mas quando se pôs de pé adquiriu a enormidade de uma grande tartaruga. Subitamente as mãos dele estavam sob as minhas axilas, e fui erguido na direção do teto e sacudido com violência. Seu rosto lívido e seus olhos negros chamejantes olharam para mim.

– Ninguém engana o Duque da Sardenha. *Capiti?* – Os dedos dele se abriram, e eu caí pesadamente na minha cadeira. Quando ele saiu, a bola de papel amassado jazia no caminho. Ele deu um violento pontapé nela e foi embora.

[6] “Ofegantes, atiramo-nos sobre a colina ventosa,/ Rimos ao sol, e beijamos a adorável grama./ Você disse: “Pela glória e êxtase passamos;/ Vento, sol, e terra permanecem, os pássaros ainda cantam,/ Ao passo que nós estamos velhos, estamos velhos. ...”/ “E quando nós morremos/ Tudo que é nosso acaba; e a vida arde em frente/ Por meio de outros amantes, outros lábios”, disse eu,/ “Coração de meu coração, nosso céu é agora, está conquistado!”/ “Somos o melhor da Terra, os que aprenderam sua lição aqui./ Vida é o nosso clamor. Nós conservamos a fé”, dissemos./ “Havemos de cair com passo resolutivo/ Coroados de rosas dentro das trevas! ...” Orgulhosos ficamos,/ E rimos, pois que tínhamos tantas coisas bravas e verdadeiras para dizer./ E então subitamente você chorou, e afastou-se.”

CAPÍTULO DEZOITO

Todo dia o Duque puxava seu carrinho de areia por um quilômetro e meio pela praia, até a fábrica de enlatados, e aí voltava. Uma tarde eu marquei o tempo. Levou duas horas. Ele sempre retornava no mesmo estado de exaustão, caindo estatelado de cara na areia. Eu queria ser amigável. Sorria, dizia "oi", mas ele ainda estava ofendido, até que uma tarde, com o suor jorrando, falou:

– Amanhã eu luto. Olympic Auditorium. Você vem.

Fiquei atônito, prestes a dizer alguma coisa, mas ele agarrou meu queixo.

– Amanhã! Entende?

Sacudi a cabeça.

– Com quem você vai lutar, Duque?

– Animal – falou. – Nome de Ricardo Coração de Leão.

– Ele é bom?

– Bom. Mato mesmo assim.

Ele se arrastou na direção da água e mergulhou, feliz como um porco-do-mar. Eu não tinha nenhum desejo de ir à luta. Quanto mais pensava naquilo, mais me ressentia, mas havia um meio simples de escapar do problema. Entraria em meu carro e dirigiria para Wilmington e iria ao cinema. Ele voltou pingando da água e se secou na varanda.

– Pegamos meu carro amanhã – falou. – Saímos às seis horas. Esteja pronto.

E entrou em sua casa.

Eu não queria tomar parte alguma naquela maldita luta e resolvi não ir. Passei todo aquele dia acalentando minha resolução de não ir com ele e por volta da hora de dormir eu estava entregue a um protesto tão frenético que o sono era impossível. Rolei e me remexi

toda a noite. Às duas da manhã eu não aguentava mais aquilo, levantei e me vesti silenciosamente. Caminhei na ponta dos pés até a porta e fui para fora, cauteloso para que a porta de tela não guinchasse. Silenciosamente fui até meu carro e deslizei para trás do volante. Quando girei a chave de ignição, uma mão me apertou pela garganta. Ali estava o Duque.

– Aonde você vai? – perguntou.

– Pegar um doce – improvisei.

– Muito tarde para doce – ele disse. – Vá para a cama.

Saí do carro e voltei para casa. Ele me seguiu como um tira incansável. Bati a porta da frente e a chaveei. Fiquei tão possesso que queria matá-lo. Escancarei a porta da frente e berrei:

– Foda-se, seu maldito caipira carcamano! Odeio essa sua empáfia! Não vou na sua luta amanhã, nem mesmo para ver sua cabeça arrebitada! Você é ralé! Você é uma fraude, uma farsa e ralé! Você sabe o quanto é burro? Você é tão burro que nem gostou de um poema de Rupert Brooke. Enganei você, seu ignorante! Um Brooke legítimo, e você não gostou!

Bati a porta, chaveei-a e fui para a cama.

Na manhã seguinte encontrei-o sentado na minha varanda. Olhou fixo para mim com olhos contritos.

– Furioso você? – perguntou.

– Não.

– Você é meu amigo. Gosto de você.

– Eu também gosto de você.

– Vou à luta sozinho.

– Isso é tão importante?

– Os fãs não gostam de mim. Preciso de alguém no meu corner.

Suspirei.

– Certo, Duque. Irei com você.

Ele veio até mim e colocou sua mão sobre minha nuca e me sacudiu gentilmente:

– *Grazie* – ele sorriu.

Os jornais disseram que as lutas daquela noite de quinta-feira atraíram cinco mil pessoas. O Duque da Sardenha estava certo – todo mundo naquele lugar, com exceção de mim mesmo, o odiava. Desde o momento em que saímos do carro no estacionamento e caminhamos na direção do Olympic Auditorium, ele congregou uma multidão cada vez mais hostil. Eram mexicanos, negros e gringos importunando-o, atirando coisas nele, chamando-o por nomes obscenos. Caminhei ao lado dele e senti as ondas de ódio rebentando.

Quando entramos pela porta lateral reservada aos lutadores, um negro enorme assomou à nossa frente e arremessou uma torta de limão na cara do Duque. Aquilo não humilhou o Duque em absoluto. Em vez disso, ele investiu como um terrier, desferindo uma tesoura em volta das pernas do negro, derrubando-o. Então o Duque sentou sobre ele e besuntou a torta de limão que estava na sua cara na do negro. Instantaneamente uma multidão entrou em ação, apartando os dois. A polícia chegou e carregou o Duque pelo corredor até o camarim. O Duque agora estava revigorado, cheio de garra para lutar, pronto para Ricardo Coração de Leão.

Na hora da luta, acompanhei meu gladiador pelo corredor, para dentro da arena, até o ringue. O ódio que ele gerava entrou pelos meus ossos. Eu não conseguia entender por que a multidão tinha tanta aversão por ele. Ainda assim, ele não precisava ter escarnecido tão espalhafatosamente, ou gesticulado tão obscenamente em resposta. Uma mulher pulou de seu assento e esbofeteou-o na cara. O Duque escarneceu e cuspiu nela. Muitos auxiliares reuniram-se embaixo da lateral do ringue e o protegeram enquanto ele subia. Ele andava em círculos, brandindo o punho, a multidão guinchava em fúria, e de novo uma massacrante carga de entulho foi arremessada contra ele. O juiz entrou no ringue e pediu que ele sentasse. O Duque o fez, e o tumulto diminuiu.

Depois de alguns momentos, um rugido de aprovação ergueu-se das gargantas da multidão. Houve assobios e vivas quando Ricardo Coração de Leão apareceu. Estava vestido com um robe de seda branco. Seus sapatos eram azul-claro, e seu adorável cabelo loiro, cuidadosamente penteado, caía sobre os ombros. Era lindo, e a multidão o adorava. Ele tirou seu robe branco e exibiu os calções azul-pálido. Curvou a cabeça nobremente para todos. Então, bem ostentadamente, ajoelhou no centro do ringue, fez o sinal da cruz, baixou a cabeça e rezou. De repente, o Duque saltou de seu corner e deu uma voadora com os dois pés, estatelando Ricardo na lona. A multidão parecia um bando de leões. Atiraram coisas – coisas como cadeiras e garrafas, frutas e tomates, e agora eu sabia por que todo mundo odiava aquele homem. Ele era o inimigo.

O drama ficou claro. O Duque não podia ganhar naquele ringue. Ele seria duramente punido, porque era o demônio, mas Ricardo Coração de Leão, abençoado pela pureza, iria conquistá-lo no fim. Era isto que a multidão tinha ido ver, e era para isso que havia dado seu dinheiro.

CAPÍTULO DEZENOVE

O combate começou com os dois lutadores se encarando no centro do ringue. O Duque tinha 1,57 metro e pesava 106 quilos. Ricardo Coração de Leão tinha dois metros e pesava 106 quilos. Eles se moviam em círculos, arriscando golpes. Rapidamente, o Duque deslizou por entre as pernas de Coração de Leão e agarrou o penteado esvoaçante do grandão. Ele caiu como uma tonelada de carvão. O Duque saltou sobre ele e aplicou uma tesoura em volta do pescoço. Coração de Leão esperneava impotente, com o rosto ficando azulado. A multidão ficou de pé, guinchando em fúria. Um mulher subiu pelas cordas e acertou a cara do Duque várias vezes com sua bolsa. A multidão aplaudiu. Duas outras mulheres treparam no ringue, tiraram os sapatos e deram uma terrível sova no resistente italiano, forçando-o a interromper o golpe de tesoura no pescoço de Coração de Leão.

O juiz esvaziou o ringue, e os dois lutadores se confrontaram de novo. Dessa vez Coração de Leão levou vantagem, erguendo o Duque sobre sua cabeça e girando-o sem parar, arremessando-o violentamente na lona. A multidão guinchou de alegria. O Duque permaneceu deitado, aparentemente inconsciente. Coração de Leão pegou-o, carregou-o para a beira do ringue e jogou-o por sobre as cordas, no colo de três mulheres. Ele parecia desmaiado, inerte. As mulheres despejaram-no no chão e o pisotearam. Ele rolou para longe delas, cambaleou sobre seus pés e escalou dolorosamente de volta ao ringue, o rosto coberto de sangue.

O juiz soprou seu apito e amparou o Duque até seu corner. Um médico foi chamado. Ele enxugou o sangue, declarou o Duque em bom estado e ordenou a continuação da luta. O Duque arrastou-se sobre os pés, mas estava tão atordoado que vagava zozzo pelo ringue. Do outro lado, Coração de Leão fez uma pontaria certa e deu uma cabeçada no estômago do Duque. O Duque caiu de novo. Coração de Leão arremessou-se sobre o corpo caído de bruços,

prende o pé do Duque e dobrou-o para trás em uma horripilante torção de pé. Fascinada, a multidão parecia cantarolar de prazer. O juiz abaixou-se para determinar se os ombros do Duque haviam tocado a lona. O triunfante Coração de Leão, ainda dobrando com força o pé do Duque contra os rins, acenou para a multidão, e a multidão acenou de volta. Eu não estava tão preocupado com a derrota do Duque quanto com sua morte, porque ele estava inerte, de olhos fechados, arquejando pesadamente.

De repente ele fez a sua jogada, e seus braços curtos e grossos estenderam-se na direção das madeixas esvoaçantes de Coração de Leão. O horror paralisou a multidão. Um rugido de agonia encheu o auditório, à medida que as mãos do Duque pegavam dois punhados de cabelo dourado e arremessavam Coração de Leão para o lado. De modo grotesco, como um caraquejo se aprumando, o Duque agarrou-se ao cabelo enquanto lutava para se pôr de pé. Mulheres guinchavam. Algumas choraram quando ele puxou Coração de Leão pelos cabelos no ringue.

O Duque variou o ataque. Chutou Coração de Leão no queixo. Aí sentou sobre a cara dele e espancou seu corpo impiedosamente, rindo para a multidão, zombando de seus protestos. A seguir, pôs Coração de Leão de costas, com os ombros perigosamente perto da lona. De repente, o belo homem sofreu um colapso, os ombros tocando a lona. O Duque sentou sobre ele e torceu seu nariz. Foi um insulto intolerável. O juiz proclamou o Duque vencedor do primeiro assalto.

A multidão não pôde tolerar aquilo. Todos os cinco mil apinharam-se no ringue, e uma dúzia de fãs baixou sobre o Duque da Sardenha. Teriam despedaçado seu corpo em frangalhos, não houvesse a polícia interferido. Ele foi escoltado para fora do ringue e pelo corredor até seu camarim.

Os treinadores de Coração de Leão ergueram-no até o banco no seu corner. A perna direita dele projetava-se rigidamente. Um médico entrou no ringue e o examinou. Coração de Leão estava em prantos. O médico e o juiz conversaram baixo entre si. Um árbitro na lateral do ringue soou o sino. No silêncio que se seguiu, o juiz

declarou a luta empatada, e, uma vez que Coração de Leão não podia continuar, a disputa estava terminada. Seguiu-se um tumulto. Seguidores de Coração de Leão despejaram-se dentro do ringue e atacaram o juiz, rasgando sua camisa e surrando-o até ele beijar a lona. A polícia saltou em seu resgate, enquanto eu disparava pelo corredor para o fundo do auditório.

O Duque jazia numa mesa de massagem em seu camarim, com um treinador apertando seus músculos. Ele sorriu quando eu cheguei.

– Muito bono, não? – perguntou.

– Foi empate, Duque.

– Empate? – Ele saltou da mesa de massagem. – Quem diz isso?

– O juiz.

O Duque disparou do camarim, corredor afora. Eu o assisti abrindo caminho através de uma multidão aglomerada no corredor. A polícia veio instantaneamente, carregando-o de volta ao camarim, enquanto ele lutava e gritava, e fechando a porta atrás dele. Fiquei no corredor por dez minutos, me perguntando sobre o que fazer. Dentro do camarim o Duque gritava e atirava móveis.

Caminhei de volta para a arena e assisti a dois lutadores engalfinhando-se no ringue. Aquilo me entediou. Caminhei até o carro e acendi um cigarro. Por uma hora esperei o Duque aparecer. A última luta acabou, e a multidão despejou-se no estacionamento. Os carros foram embora um a um, até restar apenas o Marmon do Duque.

Foi uma hora mais tarde, à meia-noite, que ele marchou para o carro. Entrou ao meu lado, e vi que seu rosto estava com ferimentos feios, o nariz sangrando, as juntas de seus dedos e suas calças salpicadas de sangue. Ele abriu o porta-luvas e tirou um pacote de toalhas de papel. Comprimiu as toalhas contra o rosto ferido e ensanguentado. Vi um hidrante na esquina do prédio e disse a ele. Ele saiu do carro, caminhou até o hidrante e o abriu. Esfregou as mãos na água corrente e, então, com elas em concha, lavou o rosto. Fiquei triste por ele. Havia lhe dado uma surra, e ele ficou irado,

estoico e se remoendo. Voltamos para o carro e entramos. Segurei o rolo de toalhas de papel. De vez em quando ele estendia a mão e eu lhe dava uma nova leva de toalhas. Seguimos por Avalon e viramos à direita na direção do porto. Ele dirigiu em silêncio, exceto por um ou outro soluço de vez em quando.

CAPÍTULO VINTE

Durante todo o dia seguinte, o Duque ficou na cama, de cara para a parede. Sempre que eu batia à porta e entrava, ele não se movia.

– Você está bem? – eu perguntava.

– Obrigado. Vá embora.

No dia seguinte foi a mesma coisa. Eu não conseguia detectar absolutamente nenhum movimento no corpo dele.

– Posso trazer alguma coisa para você?

– Não. Vá embora.

– Você tem que comer alguma coisa, Duque.

– Por favor. Me deixe sozinho.

Na manhã do terceiro dia, eu estava dormindo quando ouvi o motor do Marmon dele do lado de fora. Fui até a porta e observei-o sair de ré com o carro. Parecia revigorado e sorridente.

– Sentindo-se bem?

– Sentindo bem. Vou a Los Angeles para uma luta.

– Com quem você vai lutar?

– Luto com Coração de Leão de novo. Vou para uma revanche. Dessa vez eu o mato.

Ele engatou a marcha, abanou e saiu. Ficou fora todo o dia, até tarde da noite. Por volta de meia-noite eu o ouvi chegar.

Pela manhã ouvi o grande carrinho ser movido, as rodas cacarejando na areia. O Duque estava na ativa de novo. Observei-o atrelar seu corpo à carrocinha e afastar-se com ela na areia fofa. Fui até a varanda e bradei:

– Quando você luta?

– Duas semanas. Olympic Auditorium.

– É ruim, Duque. Os fãs odeiam você por lá.

Ele sorriu num esgar.

– Não, não. Eles me amam. Todo mundo ama o Duque da Sardenha.

Eu estava sentado na varanda lendo Melville quando o carro chegou. Era um Ford modelo A, e quem dirigia era uma garota. Ela desligou o motor e desceu. Olhei para a praia. O Duque não estava à vista. A garota foi até a varanda dele e bateu na porta. Ela estava deslumbrante em uma saia azul de bolinha e um suéter azul. Sua bunda era divina. Seu rosto era extremamente refinado, emoldurado pelo cabelo negro e olhos cintilantes.

– Ele não está aqui – falei. – Está treinando na praia.

Ela olhou por toda a areia.

– Para que lado ele foi?

Sacudi a cabeça.

– Ele está puxando um grande carrinho vermelho.

– Obrigada – ela falou. – Ele vai demorar?

– Talvez uma hora. O Duque e eu somos amigos. Por que você não senta e espera?

Ela deu uma olhada em volta à procura de uma cadeira.

– Lamento – falei. – Você gostaria de entrar?

– Não, obrigada.

Ela encostou-se contra a coluna e mergulhou no silêncio. Me levantei.

– Posso oferecer algo para você? Que tal um café? Recém fiz.

– Não, obrigada.

– Sou Arturo Bandini.

Ela sorriu.

– Como vai? Sou Jenny Palladino.

– De Lompoc – eu sorri.

Surpreendida, ela perguntou:

– Como você sabia?

– O Duque mencionou. – Segurei a porta de tela aberta. – Entre, por favor. Faça um café maravilhoso.

– Não, obrigada.

– Não tenha medo. Se você é amiga do Duque, está perfeitamente a salvo aqui. Por acaso pareço alguém que tomaria liberdades com a namorada do Duque da Sardenha?

O rosto dela me estudou atentamente, então ela sorriu. – Acho que não.

– Entre – insisti. – Fique à vontade.

– Bem. ... – ela hesitou.

– Por favor, não se preocupe. Eu morro de medo do Duque.

Ela entrou. Conduzi-a à melhor cadeira, e ela sentou. De repente, fui tomado por um sentimento de frivolidade. Havia algo de desaprovação nos olhos e na linha do lábio inferior dela. Nem me passava pela cabeça tomar liberdades. Eu queria apenas brincar, entrar em algum tipo de jogo com ela. Servi-lhe uma xícara de café, ela me agradeceu e bebeu. Ela era linda, sensual e maravilhosamente bem-feita, e ainda assim eu não sentia desejo, apenas uma vontade de rolar com ela, como os gatinhos fazem. Caí sobre um joelho à sua frente, e ela rapidamente puxou os pés para cima da cadeira.

– Oh tu, mais adorável das filhas de Eva – entoei –, doces são os teus olhos, e o espanto no arco deles. Abençoada sejas, adorável donzela, na curvatura de teu pescoço escultural. Procura não me banir, porque anseio por me aquecer no fulgor de teus maravilhosos olhos.

Os lábios dela torceram-se numa carranca.

– Então é você! – ela falou. – Eu sabia que não era o Duque. Não podia ser.

Não vou machucá-la, disse a mim mesmo. Não vou seduzi-la. Apenas quero fazê-la sorrir.

– Escuta, oh amor! o voo da perdiz, batendo asas pelo celeiro aberto, buscando seu amor no feno recém-cortado. Tragam-na para mim, oh pássaros errantes, que ela não sofra por fugir de medo.

Ela deu um pulo e me empurrou para o lado.

– Deixe-me em paz – ela disse. E então gritou:

– Duque! Duque!

Ela parou para tirar os sapatos, e então saiu como um cervo aterrorizado. A distância, agora à vista, vi a figura pesadona do Duque à frente de sua carrocinha vermelha. Fiquei ali parado em terror por um momento. Então fiz o que tinha que ser feito.

Atirei minhas roupas dentro das valises, peguei minha máquina de escrever e corri para o meu carro, jogando tudo no banco de trás. Voei de novo para dentro de casa para outro carregamento. Ao sair vi Jenny Palladino confrontando o Duque e gesticulando com as duas mãos. Ele se desatrelou e disparou numa corrida em minha direção. Juntei os livros e uma capa de chuva, corri para o carro e liguei o motor. O Duque estava a quinze metros quando disparei para fora do quintal, para a estrada. Pelo espelho retrovisor eu o vi brandindo o punho para mim e praguejando. Peguei a autoestrada e virei o carro na direção da ponte de volta a Los Angeles.

CAPÍTULO VINTE E UM

Voei para Bunker Hill como um pássaro de volta ao lar, para meu velho hotel, para a mulher mais gentil que eu já conhecera. Estacionei o carro em frente ao hotel, tirei duas valises e carreguei-as para dentro. O saguão estava vazio. Fiquei ali por um momento, respirando o perfume do lugar, o terno aroma reminescente da fragrância de Helen Brownell. Olhei em volta amorosamente. Que solidariedade. Que permanência. Era como se aquele saguão fosse durar para sempre, como se sempre esperasse por mim. Fui até a mesa, larguei minhas valises e toquei a campainha. A porta atrás da mesa abriu-se cuidadosamente, e eu a vi espiando para mim incerta, como se não visse bem.

– Olá, Helen – eu sorri.

Ela continuou olhando para mim. Então fechou a porta. Esperei por um momento. Quando ela não reapareceu, toquei a campainha de novo. A porta abriu. Ela olhou para mim severamente. Reparei no seu cabelo. Estava todo branco agora, branco como lã de cordeiro.

– Helen – eu disse e fiz a volta para o seu lado da mesa. – Oh Helen, estou tão feliz em vê-la de novo. – Coloquei minhas mãos sobre seus ombros e me curvei para beijá-la.

– Não – falou. – Por favor, não.

– Eu te amo.

Ela deu as costas para mim.

– Vá embora – implorou. – Não quero você aqui. Não posso mais fazer isso.

– Por favor, deixe-me ficar. Deixe-me ter meu velho quarto de volta.

– Impossível. Está alugado. Por favor, saia.

– Vamos conversar um pouco – falei, em tom lisonjeiro. – Faça-me uma xícara de café, por favor.

– Por que você é tão teimoso? Não consegue ver que eu não quero você aqui?

Ela deu um rodopio e precipitou-se para a porta atrás da mesa.

– Vá embora, Arturo. Encontre alguém da sua idade. Não sirvo para você. Nunca servi.

Ela fechou a porta.

Aquilo doeu muito. Sentei em um divã e tentei pensar no caso. Como poderia atraí-la de volta? O que poderia dizer a ela? Subitamente me senti muito cansado. O que havia feito a ela? Por que não podíamos continuar como de costume? Tivéramos um pequeno arrufo, só isso. Por que não podíamos ser amigos, apenas conversar um com o outro, sentar na varanda ao anoitecer, observando as luzes da cidade acenderem-se lá embaixo, conversando como velhos amigos? Por que ela estava me isolando? Eu não me importava que ela fosse muito mais velha. Eu a amaria para sempre. Quando ela tivesse noventa anos, eu ainda a amaria, como a mulher do poema de Yeats:

When you are old and grey and full of sleep,
And nodding by the fire, take down this book,
And slowly read, and dream of the soft look
Your eyes had once, and of their shadows deep;
How many loved your moments of glad grace,
And loved your beauty with love false or true,
But one man loved the pilgrim soul in you,
And loved the sorrows of your changing face.[7]

[7] “Quando você ficar velha, grisalha e muito sonolenta,/ E cochilando perto do fogo, pegue este livro,/ E leia lentamente, e sonhe com o olhar suave/ Que seus olhos um dia tiveram, e com a profundidade de suas sombras;/ Quantos amaram seus momentos de radioso encanto,/ E amaram sua beleza com falso ou verdadeiro amor,/ Mas um homem amou a alma peregrina em você,/ E amou as mágoas do seu rosto cambiante.”

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Achei um quarto em Temple Street, em cima de um restaurante filipino. Era dois dólares por semana, sem toalhas, lençóis ou fronhas. Peguei o quarto, sentei na cama e matutei sobre minha vida neste mundo. Por que eu estava aqui? E agora? Quem eu conhecia? Nem a mim mesmo. Olhei para minhas mãos. Eram mãos delicadas de escritor, as mãos de um escritor caipira, inadequadas para trabalho pesado, incapazes de fazer frases. O que eu podia fazer? Olhei em volta do quarto, as paredes manchadas de vinho, o chão sem tapete, a janela com vista para Figueroa Street. Senti o cheiro da comida do restaurante filipino lá de baixo. Era este o fim de Arturo Bandini? Seria este o lugar onde eu morreria, neste colchão cinzento? Eu poderia jazer aqui por semanas antes que alguém me achasse. Fiquei de joelhos e rezei:

– O que eu fiz para você, Senhor? Por que você me pune? Tudo que peço é a chance de escrever, de ter alguns amigos, de parar de correr. Dê-me paz, oh, Senhor. Conduza-me a algo que valha a pena. Faça a máquina de escrever cantar. Encontre a canção dentro de mim. Seja bom para mim, porque estou solitário.

Aquilo pareceu me inspirar. Fui até a máquina de escrever e sentei. Uma parede cinzenta se ergueu. Empurrei minha cadeira para trás e fui para a rua. Entrei no meu carro e dei uma volta.

Eu tinha problemas para dormir no quartinho, embora tivesse comprado lençóis e cobertores. O problema era a miséria do dia, a infecundidade do trabalho permanecia no quarto durante a noite. De manhã ela ainda estava lá, e eu ia para a rua de novo. Então eu lembrava de um dos axiomas de Edgington: “Quando se está emperrado, pé na estrada”. Ao pôr do sol, eu tirava meu carro do estacionamento e pegava a rua. Dirigia por horas e horas. A cidade era como um tremendo parque, dos contrafortes até o mar, linda à noite, com as lâmpadas brilhando como balões brancos, as ruas

largas e cheias afastando-se em todas as direções. Não importava para que lado você fosse, a estrada sempre se estendia à frente, e você se encontrava em cidadezinhas estranhas e arrabaldes, e era confortante e reparador, mas não trazia ideias para histórias. Seguindo o trânsito, eu indagava quantos como eu próprio pegavam a estrada simplesmente para escapar da cidade. Dia e noite a cidade fervilhava de trânsito, e era impossível acreditar que todas aquelas pessoas tivessem qualquer razão para dirigir.

Em fevereiro, a Liberty Films lançou o filme de Velda van der Zee, *Sin City*. Eu o vi no Wiltern, em Wilshire, na sessão do começo da noite. Fui preparado para abominá-lo e fiquei contente por encontrar mais da metade da sala vazia. Comprei um saco de pipocas e achei um lugar nos camarotes. Sentei lá, satisfeito por ter tido meu nome riscado do filme, e, quando as luzes apagaram, me senti muito satisfeito e aliviado porque meu nome não estaria nos créditos. Ri ruidosamente quando o nome de Velda apareceu e, enquanto o filme se desenrolava e a diligência saltitava sobre o terreno, ri ruidosamente de novo. Uma mão tocou meu ombro. Virei-me para ver uma mulher carrancuda.

– Você está me perturbando – ela disse.

– Não posso evitar – respondi. – É um filme muito engraçado.

Então o bando de índios hostis apareceu, e eu gargalhei. Diversas pessoas em volta levantaram e debandaram para assentos diferentes.

E assim foi. Todo meu trabalho, todas as minhas ideias estavam tão distantes do filme que era assombroso, inacreditável. Em apenas dois momentos deparei com falas que eu possivelmente escrevera, que a diretora não eliminou. A primeira foi em uma cena do início, quando o xerife entra em *Sin City* a todo galope e faz seu cavalo parar no saloon, gritando "Ôôô!". Então lembrei daquela fala: "Ôôô!" Minha fala. Um pouco mais adiante o xerife rastejou para fora do saloon, montou seu cavalo e gritou "Eia!" Aquela também era uma

fala minha, "Eia". "Ôôô" e "eia" – meu desempenho como roteirista de cinema.

Não era um bom filme, ou um filme excitante, ou um filme maduro, e, quando acabou e as luzes da casa acenderam, vi os espectadores entediados semiadormecidos em suas poltronas, de modo algum demonstrando nenhum prazer. Fiquei contente. Aquilo comprovava minha integridade. Eu era um homem melhor por ter recusado o crédito, um escritor melhor. O tempo iria comprovar. Quando Velda van der Zee fosse um nome esquecido na meca do cinema, o mundo ainda ajustaria contas com Arturo Bandini. Saí para a noite e, por Deus, me senti bem, renovado e revigorado! Ôôô e eia! Aqui vamos nós de novo. Entrei no meu carro e peguei o trânsito ao longo de Wilshire Boulevard, direto para o meu hotel.

Subi para o meu quarto e caí na cama, exausto. Estivera me iludindo. Não fora um prazer ver *Sin City*. Eu não estava de fato satisfeito com o fracasso de Velda. Na verdade eu lamentava por ela, por todos os escritores, pela miséria do ofício. Deitei naquele quarto minúsculo, e ele me engolfou como uma tumba.

Levantei e descí para a rua. Meia quadra adiante ficava um boteco filipino. Sentei no bar e pedi um cálice de vinho filipino. Os filipinos ao meu redor riam e jogavam dardos. Bebi mais vinho. Era doce e aromatizado com hortelã-pimenta, cálido no estômago, picante. Bebi mais cinco cálices e me levantei para ir embora. Senti náuseas, e meu estômago parecia flutuar dentro do peito. Saí para a calçada, me encostei no poste de luz e senti a energia se esvaír pelos meus joelhos.

Então tudo se desvaneceu, e eu estava numa cama em algum lugar. Era um quarto branco com grandes janelas, e era dia. Havia tubos no meu nariz e garganta abaixo, e senti ânsia de vômito. Uma enfermeira postou-se à cabeceira e me assistiu vomitar e contorcer até não haver mais nada daquilo, apenas uma terrível dor no meu estômago e garganta. A enfermeira retirou os tubos.

– Onde estou? – perguntei.

– Georgia Street Hospital – ela disse.

– O que é que há comigo?

– Intoxicação – respondeu. – Sua amiga está aqui.

Olhei na direção da porta. Lá estava Helen Brownell. Ela veio silenciosamente até a cabeceira e sentou. Peguei a mão dela e comecei a soluçar.

– Ora, pronto – ela me acalmou. – Está tudo bem.

– O que é que há comigo? – engasguei. – O que está acontecendo?

– Você não lembra?

– Bebi algum vinho, só isso.

– Você bebeu demais – ela disse. – Você desmaiou, e o vinho o deixou muito mal.

– Quem me trouxe para cá?

– A ambulância da polícia.

– Como você descobriu?

– Meu endereço estava na sua carteira.

– Há quanto tempo você está aqui?

– Desde a meia-noite – ela disse.

– Posso ir embora agora?

A enfermeira se adiantou:

– Não por enquanto – falou. – O médico tem que vê-lo primeiro.

A senhora Brownell levantou e apertou minha mão:

– Tenho que ir agora.

– Verei você no hotel.

Ela mordeu o lábio.

– Talvez você não deva.

– Por que não? Eu te amo.

– Não diga isso – respondeu.

– É verdade – insisti. – Te amo mais do que a qualquer um no mundo. Sempre amei. Sempre amarei.

Sem responder, ela virou-se com um fio de sorriso e saiu do quarto. Senti meu estômago nausear, e a enfermeira segurou minha cabeça enquanto eu vomitava em uma bacia.

Era final de tarde quando o médico fez um último exame em mim e me liberou. Quando perguntei sobre os custos de minha estada, ele respondeu que haviam sido pagos.

– Por quem? – perguntei.

– Senhora Brownell.

Me vesti e caminhei pelo corredor até a porta da frente, onde peguei um bonde para Hill Street. Desci na Terceira e peguei o bondinho para o topo de Bunker Hill.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Um homem estava parado atrás da mesa no saguão do hotel. Era alto e magro, com um halo de cabelo grisalho. Pedi para ver a senhora Brownell.

- Ela não está aqui – ele disse.
- Quando ela volta?
- Não sei dizer. Ela foi a San Francisco.

Havia algo de familiar nele.

- Você é um parente? – perguntei.
- Sou irmão dela – falou. – Você é Bandini?
- Isso mesmo.

Ele ergueu o mata-borrão da mesa, retirou um envelope e o alcançou para mim. Meu nome estava nele. Abri o envelope. Dentro havia um relatório de despesas do Georgia Street Hospital, com a conta de doze dólares quitada. Olhei dentro do envelope em busca de uma explicação. Não havia nenhuma. O homem me observava.

- Ela deixou alguma mensagem além disso?
- Isso é tudo.

Tirei minha carteira e paguei os doze dólares a ele. Sem me agradecer, ele colocou-os dentro da gaveta do dinheiro. Apontei com a cabeça para a porta do apartamento da senhora Brownell e olhei fixa e duramente.

- Tem certeza de que ela não está ali dentro?

Ele empurrou a porta para abri-la e cruzou os braços.

- Veja você mesmo.

Sacudi minha cabeça:

- Não é do feitio dela fazer uma coisa dessas.

O velho sorriu.

– Isso é o que você pensa, meu filho.

Fui para a rua. O sol estava caindo para dentro do oceano cinquenta quilômetros a oeste, e a cidade estava num tumulto de cores radiantes de pôr do sol, cacos de nuvens juntando-se no horizonte distante, um toque de chuva no ar. Sob Bunker Hill, ouvi o alvoroço da cidade, o retinir das campainhas dos bondes, o rugido dos carros, as profundezas inferiores. Sob meus pés estava o túnel da Third Street, a súbita arremetida do trânsito que entrava e o rugido do trânsito que emergia.

O que estou fazendo aqui, perguntei. Odeio este lugar, esta cidade inamistosa. Por que ela sempre me repelia como um órfão indesejado? Não havia pago minhas dívidas? Não havia trabalhado duro, me esforçado? O que ela tinha contra mim? Seria a constante percepção de minha caipirice, a velha convicção de que por algum motivo eu não fazia parte?

Se não Los Angeles, onde então? Onde eu seria acolhido, onde poderia ficar entre pessoas que me amassem, se interessassem por mim e sentissem orgulho de mim? Então tive um estalo. *Havia* um lugar, e havia pessoas que me amavam, e eu iria até elas. Então foda-se Los Angeles, fodam-se as suas palmeiras e suas mulheres de bunda empinada e suas ruas elegantes, porque estou indo para casa, de volta para o Colorado, de volta para a maldita Boulder, Colorado – a melhor cidade dos EUA.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Deixei meu carro em um depósito e embarquei em um ônibus Greyhound com duas valises. O ônibus partiu da estação de Los Angeles às sete da noite de um dia muito quente. De fato, era o último dia quente que eu experimentaria por um mês. O interior do ônibus estava ainda mais quente que o dia, os assentos de couro estufando com o calor quando alguém sentava, e os passageiros estatelados de exaustão e desconforto no momento em que alcançamos os limites da cidade. Pelo aspecto, pareciam estar a bordo fazia dias, com vagas de fumaça de cigarro enchendo o ar.

Quando cruzamos para Nevada, os primeiros flocos de neve começaram a cair. Cruzamos Nevada sob a tempestade que se armava, a neve se amontoando, com o ônibus diminuindo a velocidade na tempestade cegante. Quando alcançamos Utah e fizemos uma parada, a neve estava acima das rodas. Corremos para dentro da estação, bebemos xícaras de um café repugnante e subimos a bordo de novo. As horas passavam, a neve caía com determinação insidiosa, como que para nos enterrar na planície. No Wyoming, limpa-neves vieram de Rock Springs para nos salvar, e a jornada desacelerou-se a ponto de rastejar. Na hora em que chegamos na estação de Boulder, tive que lutar para ficar de pé enquanto saía cambaleando.

A neve era aterrorizante, os flocos grandes como dólares, flutuando lentamente na direção da terra e jazendo ali, sem derreter. Parei em frente à estação rodoviária, tremendo em um blusão leve, entreolhando minha cidade natal. Onde diabos estava ela? A neve pregava peças com o cenário. Eu sabia que havia uma ponte meia quadra adiante, mas agora ela estava invisível. Eu sabia que havia um depósito de madeira do outro lado da rua, mas ele havia sumido. Eu tremia, acendi um cigarro e bati os pés para mantê-los aquecidos. De repente, um vulto parou à minha frente. Pensei reconhecer o rosto, mas não tive certeza até ele dizer:

– O que você está fazendo aqui?

Aquele só podia ser meu pai.

– Vim para casa.

Sua respiração saiu como vapor.

– Você está gelado – ele disse. – Onde está seu sobretudo?

– Você está usando – falei.

Ele desabotoou o casacão de couro de ovelha e o tirou.

– Coloque-o – ele disse, estendendo-o para mim.

– E você?

– Não se preocupe comigo. Coloque-o.

Ele me ajudou a vesti-lo. Agora ele estava em mangas de camisa, os flocos de neve batendo nele.

– Vamos – falou.

Fomos embora rapidamente. O sobretudo estava quente por causa do calor do corpo dele. Era uma peça única, uma parte da minha vida, como uma velha cadeira, ou um garfo gasto, ou o xale de minha mãe, as coisas da minha vida, coisas sem valor, preciosas e estimadas.

– Para que você veio para casa?

– Eu queria. Eu precisava. Estava solitário.

– Você deixou o emprego das histórias?

– Por um tempo; mais que isso, talvez.

– Não há nada para você aqui – disse meu pai, sua respiração vaporizando-se. – O que você vai fazer agora?

– Vou pensar em algo – respondi.

– Você não me escuta – ele meio que murmurou. – Você nunca escutou seu pai.

– Tenho que fazer as coisas do meu jeito.

Ele praguejou:

– E o que você ganhou com isso?

A tempestade gemia e suspirava. Olhei para Arapahoe Street. Os grandes olmos pareciam muito maiores à luz da neve. As casas comprimiam-se como animais na tempestade. Um carro passou ruidosamente, suas correntes tinindo. A um quilômetro e meio ficavam os primeiros morros altos das Montanhas Rochosas, mas a neve os encobria com um véu branco. Do outro lado da rua, no curral dos Delaney, estava a velha Elsie, a vaca deles, pacientemente na neve, observando-nos passar.

Que rua maravilhosa! Quanto de minha vida eu havia passado aqui, sob os olmos silenciosos, nossa casa um quarteirão à frente – natais, beisebol, primeira comunhão, dia das bruxas, pipas e corridas de trenó, jogos de bola, páscoa, formatura e tudo da minha vida evocado por essa rua maravilhosa de velhas casas, com luzes fracas nas janelas, e meu lar no fim do quarteirão.

Chegamos à casa, e lá estava, estacionado na rua, o decrepito Overland esporte do meu irmão, a capota arriada, o interior transbordando de neve recente. Sem problemas. Ele tinha vida própria. Uma vez derretida a neve, ele se poria em marcha, emitindo alegremente ruídos de descarga. Meu pai e eu galgamos os degraus da varanda e batemos a neve de nossos pés antes de entrar. Abrindo a porta, meu pai gritou:

– Cá está ele!

Na cozinha vi minha mãe ao fogão, com uma concha na mão. Ela se virou e me viu. Com um brado para Deus ela estendeu os braços, lançou longe a concha e veio correndo na minha direção.

– Eu sabia – falou. – Eu disse o dia inteiro.

Nos reunimos e nos enlaçamos na sala de jantar, dando abraços e beijos, enquanto ela soluçava e suas lágrimas salpicavam meu rosto. Meu irmão Mario permaneceu afastado, embaraçado. Ele havia crescido bastante desde a última vez que eu o vira, um garoto envergonhado e desarticulado de dezenove anos. Minha irmã Stella deslizou para os meus braços. Ela tinha dezesseis anos, muito bonita e muito tímida, mas sem se envergonhar de suas lágrimas. Sobre o

ombro dela vi meu irmãozinho Tom, um aluno da sétima série da Escola do Sagrado Coração de Jesus. Nos abraçamos, e ele disse:

– Você é menor do que eu pensava.

Minha mãe me pegou pela mão e me levou para a cozinha.

– Você pensa que eu não sabia? – ela disse. – Você pensa que eu ia me dar a todo esse trabalho se não soubesse que você estava vindo? – Ela gesticulou, apontando para a assadeira de ferro fundido dentro do forno. – Olhe!

Era uma lasanha, molho de tomate vermelho borbulhando em um oceano de massa.

– Como você podia saber que eu estava vindo? – perguntei. – Eu mesmo não sabia até o último minuto.

– Eu rezei. De que outro jeito?

Meu irmão Tom pegou minha mão e me puxou para a sala de jantar e para o quarto. Num sussuro, perguntou:

– Você viu Hedy Lamarr alguma vez?

– O tempo todo – falei.

– Você é um mentiroso. – Em seguida: – Que tal é ela?

– Inacreditável. Quando ela entra numa sala, o prédio inteiro estremece.

– Escrevi uma carta para ela. Nunca respondeu.

– Antes de eu ir embora, escreva de novo. Levarei na casa dela.

Ele deu um sorriso, e em seguida:

– Você é um mentiroso.

Coloquei a mão sobre o coração:

– Juro por Deus.

Nós éramos pobres, mas comemos muito bem, como sempre, a mesa transbordando de salada, pão feito em casa e lasanha, e o vinho de dente-de-leão do meu pai. Quando terminamos, era hora de conversar, fazer perguntas ao filho pródigo. Eles não me consideravam um fracasso. Eu era um herói, um conquistador que

voltava de distantes campos de batalha. Eles me davam até um senso de minha importância no mundo.

– E agora – disse meu pai, terminando seu vinho –, para que você veio para casa?

– Para ver a família, tem alguma objeção?

Ele olhou direto para mim:

– Tem algum dinheiro?

– Um pouco.

– Precisamos. Dê para a sua mãe.

Peguei minha carteira e tirei duas notas de cem dólares, e empurrei-as na direção da minha mãe. Ela começou a chorar.

– É demais – ela disse.

Meu pai se enfureceu:

– Cale a boca e pegue.

Minha mãe empurrou as notas para dentro do bolso de seu avental.

– Arturo – disse Stella –, você conhece Clark Gable?

– Muito bem, um bom amigo meu.

– Ele é mesmo tão bacana? Ele é convencido?

– Ele é tão tímido quanto um passarinho.

Meu pai encheu seu cálice de novo.

– E Tom Mix? Você o vê alguma vez?

– No estúdio, todos os dias. Ele e Tony.

Meu pai sorriu, lembrando:

– Tony. Grande cavalo.

Meu irmão Tom olhou acanhado e perguntou:

– Qual é a altura de Hedy Lamarr?

– Muito mais alta que você.

– Cuzão – disse Tom.

Meu pai deu um murro na mesa:

– Não use este tipo de linguagem nesta casa.

Houve um silêncio respeitoso. Então Mario falou:

– Você já topou com James Cagney?

– Frequentemente.

– Qual é a marca do carro dele?

– Duesenberg.

– Celebridades – disse Mario.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Meu lar era um bom lugar. Eu dormia bem. Comia bem. Nos primeiros dias, eu vadiava pela casa, exibindo meu guarda-roupa. Os artigos das minhas valises entupidas fascinavam minha mãe – meus ternos, meus casacos esportivos, minhas calças. Ela pregou botões e cerziu meias, passou e limpou meus ternos e pendurou-os. A cada mudança de figurino minha mãe ficava estupefata. Ela tocava os tecidos, me olhava com regozijo. Eu era dois personagens. Quando vestia calças de veludo cotelê e camisetas, eu era seu garoto; quando colocava meus ternos de caimento esplêndido, eu era um príncipe.

– Deus foi bom para mim – ela suspirava. – Você parece tão importante.

Com o passar do tempo cansei de vadiar pela casa e comecei a passar meus dias na cidade, visitando velhos antros – o salão de sinuca do Benny em Pearl Street, a cancha de boliche em Walnut. Fui à biblioteca e reencontrei os livros que haviam mudado minha vida: Sherwood Anderson, Jack London, Knut Hamson, Dostoiévsky, D’Annunzio, Pirandello, Flaubert, Maupassant. As boas-vindas que eles me deram foram muito mais calorosas que a fria curiosidade de velhos amigos que encontrei na cidade.

Um dia topei com Joe Kelly, repórter do *Boulder Times*. Apertamos as mãos e ficamos felizes de nos vermos. No secundário, Kelly e eu costumávamos pegar carona para Denver para assistir à Liga Oeste de beisebol. Joe me levou à redação do *Times*, fez com que tirassem minha foto e me entrevistou. Não foi uma entrevista lisonjeira, nem foi maldosa, mas havia um tom de desafio nela, como se muitas perguntas sobre mim e meu trabalho precisassem de mais respostas. Meu pai comprou vinte e cinco exemplares da entrevista quando ela saiu, e todos na família sentaram à mesa da sala de jantar lendo cada um o seu exemplar.

No dia seguinte, Agnes Lawson telefonou. Éramos antigos membros da Red Pencil, uma sociedade literária patrocinada pela igreja. Eu não a via fazia dois anos. Era uma garota mimada e arrogante, com pais ricos, e, quando me convidou para uma festa em sua casa, meu primeiro impulso foi recusar. Sua voz mantinha o mesmo som anasalado, a mesma reticência presunçosa.

– Muitos ex-alunos da Red Pencil estão vindo – disse ela. – Queremos vê-lo, agora que você é famoso.

– Tentarei ir – falei. – Tenho de ir a outra festa, mas posso dar uma passada por sua casa.

O convite fez minha mãe vibrar, porque Agnes era filha de um dos principais cidadãos de Boulder, bem como proprietário da melhor loja de roupas.

Na noite seguinte, me vesti cuidadosamente para a festa de Agnes. Terno de tweed cinza, gravata vermelha, camisa cinza. Minha mãe ficou radiante.

– Que honra! – disse. – Não é bom ir nessas casas adoráveis? Estou tão orgulhosa de você.

Meu irmão Mario varreu a neve de seu Overland, cobriu o banco da frente com uma lona e me levou à casa de três andares dos Lawson em University Hill. Olhei para aquela casa com memórias desagradáveis, uma casa anteriormente proibida. Lembrei de muitos verões em que Agnes fez festas que sempre me excluíram e não pude esquecer da grande conta em roupas que minha família devia na loja Lawson. O senhor Lawson nunca falava da conta, mas sempre arranjava um olhar de aborrecimento quando me via.

Toquei a campainha, e Agnes atendeu. Parado atrás dela, com o braço em volta de sua cintura, estava Biff Newhouse, um brilhante zagueiro do time de futebol da Universidade do Colorado. Biff exibia um suéter de atleta laureado, com um "C" dourado no peito. Agnes estendeu sua mão e disse:

– Oi.

– Olá, Agnes.

Ela era uma garota miúda, de cabelo curto, vestida na moda, com uma túnica preta.

– Este é Biff Newhouse.

Biff e eu apertamos as mãos. O aperto dele foi desnecessariamente rijo.

– Como é que é? – disse ele, com um sorriso forçado.

– Olá, Biff – falei.

Havia uma dúzia de pessoas reunidas na sala. Eu conhecera todas elas durante a escola primária e o secundário. Olharam para mim de modo inexpressivo, como que para me negar até o mais leve sinal de cordialidade ou conciliação. Somente Joe Kelly levantou e apertou minha mão.

– Gostei do que você escreveu sobre mim – eu disse.

– Bom. Estava com medo de que você não gostasse.

– Que tal um drinque? – perguntou Agnes.

– Ótimo. Vou querer um uísque e soda.

Ela foi até o bar e preparou o drinque. Uma garota alta e de óculos se aproximou.

– Ouvi dizer que você é roteirista – ela disse.

– O melhor de Hollywood.

Ela sorriu debilmente.

– Sabia que você diria algo assim. Você ainda escreve aquelas poesias deploráveis?

– O que há de deplorável nelas? Vendi uma para a *New Yorker*.

Agnes trouxe meu drinque. Engoli-o rapidamente. Sentamos em divãs e poltronas na frente da lareira. Agnes preparou outro drinque para mim.

– Como estão as coisas na meca do cinema? – perguntou.

– Fabulosas – respondi. – Você devia aparecer qualquer dia.

Ela riu.

– Eu em Hollywood? Isso é engraçado.

– Quanta grana vocês roteiristas conseguem? – perguntou Biff.

– Comecei modestamente – eu disse. – Trezentos por semana. Meu atual salário é de mil por semana.

Biff sorriu duvidando:

– História – ele disse.

– História talvez para você, mas é um bom dinheiro para mim.

– Você conhece Joel McCrea? – perguntou a poetisa alta.

– Não apenas o conheço, ele vem a ser um de meus melhores amigos.

Agnes me deu outro drinque, e eu o sorvi.

– Que tal Ginger Rogers? – disse Agnes, lisonjeira. – Fale sobre Ginger Rogers para nós, Arturo.

Olhei em seus olhos zombeteiros.

– Ginger Rogers é uma pessoa superior. Ela tem charme, beleza e talento. Considero-a uma das grandes artistas de nosso tempo. Entretanto, minha estrela favorita é Norma Shearer. A beleza dela é de tirar o fôlego. Seus olhos são maravilhosos, e ela tem uma aparência arrebatadora. Conheço muitas atrizes de aparência arrebatadora: Bette Davis, Hedy Lamarr, Claudette Colbert, Jean Harlow, Katharine Hepburn, Carole Lombard, Maureen O’Sullivan, Myrna Loy, Janet Gaynor, Alice Faye, Irene Dunne, Mary Astor, Gloria Swanson, Margaret Lindsay, Dolores del Rio. Conheço todas elas. Elas fazem parte de minha vida. Jantei com elas, dancei com elas, fiz amor com elas e vou lhes dizer uma coisa: nunca desapontei nenhuma delas. Aproximem-se delas, perguntem sobre Arturo Bandini, perguntem se alguma vez elas se desapontaram.

Fiz uma pausa e enxuguei outro highball com uísque. Então levantei.

– Que é que há com vocês, pessoal? – Fui até o bar e me encostei no balcão. – Como podem viver vidas tão sem graça? Não há romance? Não há beleza entre vocês? – Olhei direto para Biff Newhouse. – Não conseguem pensar em nada além de futebol? Comigo não, cara. Eu vivo uma vida diferente. E sem essa porra

dessa neve de vocês. Eu me divirto ao sol. Jogo golfe com Bing Crosby, Warner Baxter e Edmund Lowe. Jogo tênis com Nils Asther, George Brent, William Powell, Pat O'Brien e Paul Muni. Jogo de dia, trepo ao crepúsculo e trabalho à noite. Nado com John Weismuller, Esther Williams e Buster Crabbe. Todo mundo me adora. Entendem? Todo mundo.

Girei em volta em um gesto grandioso, e meus calcanhares escaparam por baixo de mim, e caí sentado no chão, com meu copo respingando. Ouvi as risadas deles e tentei me pôr de pé, mas escorreguei de novo e caí. Biff Newhouse ergueu-me para uma posição ereta. De repente eu o odiava, girei na direção dele e o acertei no queixo. Os olhos dele ferveram de fúria, e ele me deu uma porrada – um murro curto, diretamente no nariz, e eu fui para o chão de novo, com sangue escorrendo do nariz, peito abaixo, nas minhas calças, na manga do meu casaco. Aturdido, vi os outros em um torvelinho, caminhando à minha volta, saindo da casa. Então Joe Kelly me içou sobre meus pés, meteu uma toalha do bar sob meu nariz e me equilibrou enquanto eu limpava o sangue.

– Vou levá-lo para casa – falou.

Ele me apoiou enquanto saíamos e descíamos os degraus da varanda. Carros eram ligados e partiam. Joe me amparou até seu Ford. O sangue ainda jorrava. Pressionei a toalha contra meu nariz enquanto íamos embora.

Chegamos à minha casa e eu saí, cuidando para não bater a porta do carro. Kelly partiu, e eu parei para juntar neve com as duas mãos e pressioná-la contra o nariz até o sangramento parar. Caminhei silenciosamente pela neve até a janela do meu irmão e bati de leve no vidro. Ele veio até a porta lateral. Sufocado pelo susto, olhou para meu rosto ensanguentado.

– O que aconteceu? – ele disse.

– Caí e quebrei o nariz. Fique quieto. Não quero que a mãe ouça. O velho está em casa?

– Ele está na cama.

– Estou indo embora daqui – sussurrei. – Estou caindo fora, esta noite, agora mesmo. Fique quieto.

Entramos pela porta lateral. Abri minhas valises sobre a cama e silenciosamente transferei minhas roupas da cômoda e do guarda-roupa para a bagagem. Mario se vestiu e me observou lavar o sangue do rosto e das mãos. Troquei de roupa, entrouxei meu terno e minha camisa manchados de sangue e coloquei-os dentro da valise.

– Vamos – sussurrei.

Ele ergueu uma das valises, e eu peguei a outra. Saímos para a neve sem um ruído e caminhamos até seu velho carro. A voz de Mario tremia.

– O que direi para a mãe? – ele perguntou.

– Nada – eu disse.

– Tem certeza de que você caiu? – perguntou. – Tem certeza de que ninguém acertou você?

– Certamente.

Jogamos a bagagem dentro do carro e fomos até a estação rodoviária. O ônibus para Denver estava estacionado em frente, arfando como um animal. Comprei um bilhete para Los Angeles e embarquei. Mario ficou de pé embaixo da minha janela, olhando para mim com lágrimas nos olhos. Corri para fora do ônibus, desci e joguei meus braços em volta dele.

– Obrigado, Mario. Não vou esquecer essa.

Ele soluçou e colocou sua cabeça em meu ombro.

– Tenha cuidado – ele disse. – Não brigue, Arturo.

– Eu sei tomar conta de mim.

Me virei e embarquei no ônibus. Era noite de quarta-feira. Viajamos pela neve a maior parte do caminho e chegamos a Los Angeles em uma refulgente manhã de sábado.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Então eu estava de volta outra vez, de volta a Los Angeles, com duas valises e dezessete dólares. Gostei da cidade, da amplitude do céu azul, do sol em meu rosto, das ruas afetuosas, tentadoras, chamativas, do concreto e das pedras do calçamento, macios e reconfortantes como um sapato velho. Peguei minhas malas e caminhei ao longo da Fifth Street. Caminhei decidido, indagando por que eu quase nunca conseguia chamá-la de Helen. Eu tinha que quebrar o hábito. Caminharia até o topo de Bunker Hill, abriria meus braços para ela e diria: "Helen, eu te amo."

Começaríamos tudo de novo. Talvez comprássemos uma casinha em Woodland Hills, no estilo do Kansas, com um galinheiro e um cachorro. Oh Helen, senti tanto a sua falta e agora sei o que quero. Talvez ela não gostasse de Woodland Hills. Talvez preferisse o hotel. Ele tinha envelhecido tão bem, como um aristocrata, como a própria Helen. Eu escolheria um quarto para escrever, e acabaríamos nossos dias juntos. Oh, Helen. Perdoe-me por sempre ter abandonado você. Isso nunca mais acontecerá.

Fui de bonde para o cimo de Bunker Hill e olhei para o hotel ao longe. Era mágico, como um castelo em um livro de conto de fadas. Eu sabia que dessa vez a dominaria. Sentia o vigor da minha idade e sabia que era mais forte que ela, e que ela se derreteria em meus braços. Entrei no hotel e arreei minhas valises contra a parede. Ela não estava atrás da mesa. Tive que sorrir enquanto cruzava até a mesa e tocava a campainha. Não tendo resposta, bati na campainha de novo, mais forte. A porta abriu levemente. Lá estava o homem que eu tinha visto antes, o homem que disse que era irmão dela. Ele não avançou e falou em um sussurro:

- Sim?
- Estou procurando Helen.
- Ela não está aqui – ele disse e fechou a porta.

Dei a volta na mesa e bati. Ele abriu a porta e ficou lá parado, chorando.

– Ela se foi. Ela está morta.

– Como? – eu disse. – Quando?

– Uma semana atrás. Ela morreu de ataque cardíaco.

Me senti enfraquecer, enquanto cambaleava na direção de uma poltrona na janela. Eu não queria chorar. Alguma coisa profunda e permanente havia desmoronado, tragando-me. Senti meu peito arquejando. O irmão se aproximou e parou ao meu lado, chorando.

– Sinto muito – ele disse.

Levantei, ergui minha valise e saí. Na pequena estação em Angel's Flight, vi um banco de praça e deixei meu pesar se extravasar. Fiquei lá por duas horas, atingido pelo pesar e desnorteado. Eu havia pensado em muitas coisas desde que a conhecera, mas nunca na morte dela. Apesar de sua idade, ela alimentara um amor em mim. Agora aquilo se fora. Agora que ela estava morta eu não podia mais pensar nela. Solucei, me lamuriei e pranteei até que tudo se fosse, tudo aquilo, e como sempre me descobri sozinho no mundo.

O gerente do hotel filipino ficou contente ao me ver. Não foi nenhuma surpresa quando ele disse que meu quarto estava desocupado. Era o meu tipo de quarto. Eu o merecia – o menor, o menos convidativo quarto de Los Angeles. Lancei-me escada acima e empurrei a porta do buraco medonho.

– Você esqueceu uma coisa – disse o gerente.

Ele parou no vão da porta segurando minha máquina de escrever portátil. Aquilo me surpreendeu, não porque ela estivesse ali, mas porque eu havia me esquecido completamente dela. Ele acomodou-a sobre a mesa, e eu agradeci. Fechando a porta, abri uma valise e tirei um exemplar de *Fome*, de Knut Hamsun. Era uma obra preciosa, constantemente comigo desde o dia em que eu a roubei da

biblioteca de Boulder. Eu havia lido tantas vezes que podia recitar. Mas agora aquilo não importava. Nada importava.

Me estirei na cama e dormi. Era crepúsculo quando acordei e acendi a luz. Me sentia melhor, não estava mais cansado. Fui até a máquina de escrever e sentei em frente. Meu pensamento era escrever uma frase, uma única frase perfeita. Se conseguisse escrever uma frase boa, conseguiria escrever duas, e se conseguisse escrever duas, conseguiria escrever três, e se conseguisse escrever três, conseguiria escrever para sempre. Mas, supondo que eu falhasse? Supondo que eu tivesse perdido todo o meu belo talento? Supondo que ele tivesse se consumido para sempre no fogo de Biff Newhouse ao esmurrar meu nariz ou com a morte de Helen Brownell? O que aconteceria comigo? Iria até Abe Marx e me tornaria ajudante de garçom de novo? Eu tinha dezessete dólares na minha carteira. Dezessete dólares e medo de escrever. Sentei ereto em frente à máquina de escrever e soprei meus dedos. Por favor, Deus, por favor, Knut Hamsun, não me abandonem agora. Comecei a escrever e escrevi:

“É chegada a hora”, disse o Leão-Marinho,
“De falar de muitas coisas:
De sapatos – e navios – e cera para lacre –
De repolhos – e reis –”

Olhei para aquilo e umedeci meus lábios. Não era meu, mas, com os diabos, um homem tem que começar por algum lugar.

SOBRE O AUTOR

JOHN FANTE nasceu no Colorado, EUA, em 1909. Frequentou a escola paroquial em Boulder e a Regis High School, um internato jesuíta. Também cursou a Universidade do Colorado e o Long Beach City College.

Começou a escrever em 1929 e publicou seu primeiro conto em *The American Mercury* em 1932. Escreveu várias outras histórias para os periódicos *The Atlantic Monthly*, *The American Mercury*, *The Saturday Evening Post*, *Collier's*, *Esquire* e *Harper's Bazaar*. Seu primeiro romance, *Wait Until Spring, Bandini*, foi publicado em 1938. No ano seguinte, foi lançado *Ask the Dust*, romance editado no Brasil apenas em 1984, sob o título de *Pergunte ao pó*. Em 1940, uma coletânea de seus contos, *Dago Red*, foi lançada no mercado norte-americano.

Enquanto isso, Fante se ocupava intensamente com roteiros para Hollywood. Alguns de seus créditos incluem *Full of Life*, *Jeanne Eagels*, *My Man and I*, *The Reluctant Saint*, *Something for a Lonely Man*, *My Six Loves* e *Walk on the Wild Side*.

O escritor e roteirista tornou-se diabético em 1955, e as complicações da doença ocasionaram sua cegueira, em 1978. Mas ele continuou a escrever, ditando para sua mulher, Joyce, e o resultado foi *Dreams of Bunker Hill*. O romance chegou ao público brasileiro como *Sonhos de Bunker Hill*, em 1983. John Fante morreu aos 74 anos, em 8 de maio desse mesmo ano.

Em 1985, foram publicados nos Estados Unidos histórias selecionadas do autor, na compilação *The Wine of Youth*, e dois romances anteriores, que permaneciam inéditos, *The Road to Los Angeles* e *1933 Was a Bad Year*. Também este último foi editado no Brasil na década de 80, como *1933 Foi um Ano Ruim*, dentro da onda de interesse contracultural que coloriu o início da abertura política brasileira.

Outras obras de Fante, inéditas no Brasil, são: *West of Rome* (1986), *Full of Life* (1988), *The Brotherhood of the Grape* (1988), *John Fante & H. L.*

Mencken: A Personal Correspondence 1930-1932 (1989) e Selected Letters 1932-1981 (1991).

Texto de acordo com a nova ortografia.

Título original: *Dreams from Bunker Hill*

Capa: Ivan Pinheiro Machado sobre ilustração de Michael Lark

Revisão: Caroline Chang, Renato Deitos e Camila Kieling

Tradução: Lúcia Brito

F216s

Fante, John, 1909-1983.

Sonhos de Bunker Hill/ John Fante; tradução de Lúcia Brito. --
Porto Alegre: L&PM, 2011.

(Coleção L&PM POCKET; v.317)

ISBN 978.85.254.2274-3

1.Ficção norte-americana-Romances. I.Título. II.Série.

CDD 813

CDU 820(73)-3

Catálogo elaborado por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© John Fante, 1982

Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja 314, loja 9 – Floresta – 90.220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-
5380

Pedidos & Depto. Comercial: **vendas@lpm.com.br**

Fale conosco: **info@lpm.com.br**

www.lpm.com.br

Sumário

Os sonhos de todos nós

Sonhos de Bunker Hill

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezessete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Capítulo Vinte e Três

Capítulo Vinte e Quatro

Capítulo Vinte e Cinco

Capítulo Vinte e Seis

Sobre o Autor